

Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 137
Abril 1983
Segunda-feira

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

25

20\$00

Hoje é Dia de Festa

Desde 1974 —
faz hoje nove
anos que é
assim. Todos
os dias 25 de
Abril são mesmo
dias de festa.
Festa do Povo
Festa da
Liberdade.
E por essa
razão aqui
estamos, para
o encontro
anual com os
nossos leitores.
O encontro de
todos os anos,
que todos os
anos se renova
e que bem esperamos
nunca se interrompa.
A presente edição do
«DL» é, à semelhança
dos anos anteriores, de

iniciativa dos trabalhadores
da Renascença Gráfica,
empresa proprietária do
nosso jornal. Desde o
conteúdo até à distribuição,
passando por todos os
sectores (redacção,
composição, revisão,
publicidade, montagem,
fotografia, rotativa,
manutenção, expedição),
está representada neste
número, através da
colaboração prestada, a
maioria dos trabalhadores da
empresa. Aproveitamos a
oportunidade para saudar,
de viva voz, os leitores do
nosso «Diário de Lisboa»,
com os votos de um bom 25
de Abril.

25

Os originais utilizados nesta página foram gentilmente cedidos aos trabalhadores do «Diário de Lisboa» por incondicionais amigos do jornal, a quem daqui expressamos os melhores agradecimentos. A foto a cores reproduz uma serigrafia do professor Armando Alves e foi editada pelo Clube Militar Naval. A outra foto é da autoria do nosso camarada Carlos Gil, chefe do departamento fotográfico da revista «Mais».



ESPECIALIDADES

- Bife de Cebolada C/Molho Maluco
- Virado Paulista
- Bauru à Brasuca
- Bacalhau gratinado no forno
- Frigideira de camarão à Bahiana

SOBREMESA

- Pavê à Brasuca
- Romeu e Julieta
- Quindim de Côco



o professor
o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

o professor

- EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO MUNDO
- ARCIL, uma experiência
- ENSINO E (R)EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA
- ABOLIÇÃO DA SEGREGAÇÃO RACIAL NOS EUA

À VENDA

EM TODO

O PAÍS

As longas heras de Sintra

Conto de Pedro Alvim

O H, de Inverno! De Inverno era um Universo diferente. Era um Universo com desenhos pelas paredes, traçados pela humidade, tocando os tectos, descaído para os cantos. Respirava-se um ar de água, de névoa, de tom cinzento. Certos livros, por menos desfolhados, ou por esquecidos nas mais altas prateleiras das estantes, guardavam um bolor muito fino, invisível quase — e tão juntas se apresentavam as páginas, tão pegadas, coladas pelo tempo húmido, que certamente as personagens criadas e as ideias expostas, capítulo a capítulo, parágrafo a parágrafo, nunca mais cá por fora se expandiriam, esboçando gestos e construindo sistemas. Havia coisas paradas, já não ocupando espaço, só existindo se por mero acaso alguém deparava com uma jarra, uma cadeira, um copo de vidro fosco. Solange, quando em visita a Mário e Odete, era acometida pela ideia de que toda a casa se encontrava à espera de qualquer coisa. Talvez essa sensação viesse do facto de a casa se situar frente a uma paisagem funda e longínqua, afastada, com invios caminhos, estreitos e verdes, que se avistavam das janelas dos quartos e da larga porta envidraçada do «hall». Em certos momentos, dir-se-ia que o edifício, com o número «6» no portão, não tardaria a deslocar-se, um, dois, três metros, fugindo às heras mais próximas pelo amarelo sujo da berma. Mas tudo ficava sempre no seu peso íntimo — e no labirinto fundo dos alicerces habitaria sem dúvida um teorema tão certo que tudo imobilizava numa qualquer ignota geometria. Por vezes, no entanto, o aroma do café quente insuflava todos os objectos, todas as salas, as palavras todas — e Solange, então, atrevia-se a uma pergunta breve:

«Tudo bem, Mário...?»

Mário, junto do «pick-up», ora um disco, ora outro disco, refugiava-se nos pequenos defeitos da existência. Não tolerava, por exemplo, o número da casa. Dizia: «O número '6', vê lá tu... Seis de quê, não me sabes dizer...? O número '1' é que estaria certo. O número '1' é o número '1'. É o todo. É este dedo erguido... Quem conheces tu que viva numa casa que tenha na porta o número '1'...? Aposto que ninguém... Todos nós vivemos em casas com números que nada dizem... Repara: porque não o '7' em vez do '6' na minha direcção...? O número '7' são os sete dias da semana, os sete pecados mortais, as sete partidas do mundo... Agora o número '6', francamente...» E, acendendo um cigarro, acrescentava ainda: «É um número aleijado, podes crer...» E ficava-se em silêncio, nas espirais da música, recostado na lona da cadeira vermelha, as pernas estendidas, os pés sobrepostos. Fora, e longe, sumia-se o ruído de uma motorizada — e compacto, pelas janelas, todo o verde de Sintra vinha implantar-se no espaço da grande sala. Era a sufocação. Solange erguia-se, dava uns passos pela sala, tamborilava os dedos pelas paredes. «Húmidas...» — pensava. Abstraía da música fina do «pick-up», regressava em pensamento ao seu andar de Lisboa, situava Mário nos seus aposentos. Mas era só um segundo — e sentada de novo, os dedos na boca, um certo sono pelos olhos, perguntava:

«Então hoje não há chá...?»

Mário baixava o volume do «pick-up», abandonava a lona da cadeira, acendia outro cigarro. Apercebia-se, pelo tom da interrogação, que o tédio subia pelo corpo de Solange. Sentia-se uma



promessa que nunca seria cumprida. Escassos centímetros, ali pela sala grande, os separavam — e talvez bastasse o toque de um dedo para que Solange se refugiasse no seu peito. Ele, porém, hesitava no gesto — e ela, de olhos fechados, sentada, via de tal maneira essa hesitação que não temia em preencher o espaço húmido com os seios pequenos. Recostava-se toda para trás, os pés apoiados na mesinha baixa do xadrez, as mãos suportando o peso da nuca. Na garganta, abria-se-lhe a blusa, as golas descaídas para os ombros — e um triângulo mate de pele indicava os seios escondidos... Embora sentisse que Mário nunca os tomaria nas mãos, Solange prezava esses momentos profundamente. E nem sequer se desiludia quando o escutava na cozinha nos preparos do chá, assobiando baixinho, cantarolando até. Encolhia os ombros, abria os olhos, entrelaçava a atenção num objecto qualquer. Meu Deus! Como esses domingos, embrulhados nas cinzas do fim da tarde, lhe tiravam a esperança do dia seguinte!

Odete vinha pelo chá, saída da cama, de robe. Era baixa, cheia, lenta nos gestos. Emanava dela um sossego muito amplo, uma conta experiente da vida, um encolher de ombros raramente esboçado. Sentava-se frente a Solange, acendia um cigarro, perguntava-lhe pela mãe. Depois, no gosto embrulhado do chá e das bolachas, uma conversa miúda tomava os três, sincopada, sobre isto e aquilo. O cão, pelo quintal, nas traseiras, saltava um ladrado — e de repente, já com as luzes acesas, Solange levantava-se, precipitada, procurando a malinha de mão:

«Já tão tarde!» — exclamava. E ajustava a saia nos joelhos, compunha a blusa na cinta, pegava no casaco.

Mário dizia sempre:

«Janta connosco...»

E Odete, desfazendo a ponta de mais um cigarro, em círculos, pelo cinzeiro:

«Há ali uns ovos, fiambre, carne assada do almoço...»

Solange não ficava, ia-se mesmo embora, explicava:

«Ainda tenho de comprar uns biscoitos para minha mãe. Não pode ser... Que frio! Foi de estar

sentada... Quando o tempo melhorou, venho eu e ela, as duas, e ficamos cá de um sábado para domingo. Bem...»

Odete e Mário acompanhavam-na ao comboio. O verde da paisagem desfizera-se já pelos farrapos da noite, havia janelas iluminadas, uma luzinha vermelha no topo do Castelo dos Mouros. Portela de Sintra era o nome do apeadeiro, muito recto, duas gares de embarque. O comboio surgia da direita, estacionava um minuto, Solange embarcava. Mário e Odete regressavam a casa, lentamente, sob os plátanos despidos da rua, lado a lado, as heras entrelaçadas pelos muros. Por vezes, davam-se as mãos — e ele entoava, baixo, uma melodia qualquer, não raro inventada nesse mesmo instante. Odete surpreendia-se com esse íntimo cântico que, muito lá de dentro, vinha aos lábios do marido de quando em quando. Dir-se-ia que, no correr dos dias, lhe aconteciam coisas que o satisfiziam de maneira inesperada e feliz. Tentara estabelecer, em muitas dessas ocasiões, um paralelismo entre a súbita boa disposição de Mário e uma coisa ou outra do seu conhecimento. Que coisas...? Um livro, um disco, um ar do tempo. Até um simples prato que lhe tivesse agradado. Ou então... Mas breve Odete encolhia os ombros — e, cigarro na boca, perguntava a Mário, um pouco de soslaio, no lento regresso do apeadeiro a casa:

«Então falaram muito enquanto eu dormia...?»

Mário tinha um gesto indiferente, desencantado:

«De tudo um pouco. Se queres que te diga, de nada... Tu já a conheces... O trabalho, a mãe, os colegas... Ninharas... Enfim, outro domingo que se foi...»

Ele não mentia, era mesmo sincero. Na ausência de Odete (uma hora, hora e meia de sono depois do almoço...), Solange e Mário tinham gravitado em torno do café, dos discos, do princípio do chá. E grandes eram as fracções de silêncio entre uma coisa e outra coisa. Ouvia-se, por vezes, um estalido do chão. Ali na sala grande, separados, sem um toque, ambos se limitavam a um só acto: respiravam-se mutuamente. Só — e mais nada. Respiravam um obscuro equilíbrio

de forças, uma soma qualquer de leis entrelaçadas. Momentaneamente, odiavam-se pela súbita apreensão da sua cobardia. «Estou farta!» — explodia Solange, logo disfarçando a exclamação ao apontar lá fora a chuva pelos vidros, o verde monótono, o cinzento das nuvens. Mário fingia não ter entendido — e, trocando um disco por outro disco, dizia: «Isto passa...» Solange levantava-se, deixava no chão um livro aberto: «O que é que passa...?» — perguntava, de traços muito vincados, longínqua, um fio líquido nos olhos. E Mário: «A chuva, o mau tempo, ou lá o que é...» E logo depois, no mesmo disfarce, olhando pelas janelas o inverno: «Também estou farta, Solange, também estou farta!» Cientes da mútua confissão, do que as palavras assim trocadas bem lá no fundo significavam, ambos logo se refugiavam em pequenas coisas, mantendo as distâncias, a frieza da compostura. Solange abria de novo o livro, Mário examinava a agulha do «pick-up». Os minutos, sem ruído, iam-se sucedendo pela casa toda: vinham da porta envidraçada do «hall», percorriam o corredor, disseminavam-se pelos quartos, pairavam, sem asas, pela sala grande... Mário distanciava-se da música, as pernas estendidas, os pés sobrepostos, e sentia o tempo, nessa poeira de minutos, a vir depositar-se na mesa, nas cadeiras, nos quadros, nos pequenos «bibelots» de aniversário comemorados. E também nos ombros, nos olhos, nos lábios. Por vezes, soerguendo-se levemente da cadeira, olhava as mãos tomado de surpresa: fora uma mosca que lhe passeara um dedo ou um minuto que no dedo lhe pesara...? Solange, de perfil, perguntava: «Que foi...? Estavas a dormir...?» Ele recompunha-se, deixava a cadeira, dizia: «Vou até ao quintal...» E Solange, fria, sem qualquer expressão nos olhos: «Eu fico. Está-me a interessar o livro.»

Quando no comboio, a caminho de Lisboa, olhando-se friamente no vidro da janela, Solange prometia a si própria não voltar mais àquela casa. Tomava-a a sensação de ser uma intrusa, uma hera pelas paredes, um corpo a mais entre Odete e Mário. Tudo aquilo, na verdade, era um outro Universo: a humidade subtilmente pelas paredes, o verde da paisagem tomando o ar da sala, os discos girando até ao fim do acetato, o cão lá fora num ladrado vão, o café, o chá, o adeus — e Mário e Odete numa rotação infinita... Ao longo das paragens da linha (Cacém, Queluz, Amadora, Benfica...), Solange lembrava os mais ínfimos pormenores dessas longas tardes de domingo. Descobria mensagens nas palavras de Mário, um certo aviso nas conversas de Odete, um súbito desafio no que ela própria dizia. Mas era com um suspiro de fadiga que punha termo a essas comparações: eles tinham lá ficado, em Sintra — e ela, sozinha, aproximava-se do túnel do Rossio. Talvez até já estivessem deitados, ambos a ler, a casa num grande silêncio. Ou, então, ela a corrigir os pontos dos seus alunos, ele a aquecer o seu leite nocturno... Oh, os subentendidos de Mário! Como os homens eram farsantes! Porque falava ele do número '6' da casa em que vivia em termos tão ambíguos, prometedores, abrindo pistas que nunca seguiria...? Solange ouvia-o no andamento frio do comboio: «Todos nós vivemos em casa com números que nada dizem... Repara: porque não o '7' em vez do '6' que ponho na minha direcção...? O número '7' são os sete dias da semana, os sete pecados mor-

Continua na pág. 22

política de A a Z

Os valores de Abril

1

«Libertar, por excelência, é que é a verdadeira missão divina. Entre os fins do Enviado de Deus, vemos que a autoridade jamais figura: todos eles, pelo contrário, se apresentam como fins de libertação.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática

De Abril falemos, evocando ponto a ponto a data histórica e o seu conteúdo político e social, neste dia 25 de Abril de 1983, nove anos vividos sobre o acontecimento, nove anos vividos na esperança e na desesperança. E atentemos neste primeiro dado: nove anos são passados. Mais de metade do período que designamos por Primeira República. Um quinto do tempo que durou em Portugal o «poder fascista». E de Abril falamos como se tivesse sido ontem. A «festa» é, para os que a viveram, uma recordação presente. Para esses, ainda hoje, inevitáveis pontos de referência: o «25 de Abril», o «1.º de Maio».

Contudo, nove anos são passados, e os portugueses que tinham nove, dez anos, são hoje cidadãos eleitores. Eles não se sentiam, em 1974, como os pais e os avós, «Escravos mais do que os escravos!» — para usar o verso de Sá de Miranda. Eles não têm como ponto de referência claro — a festa da libertação. Eles são hoje eleitores, amanhã serão a força de trabalho, a capacidade técnica, a inteligência, os braços e os cérebros do «País de Abril». É preciso que o Portugal, em Abril reconquistado, se lhes ofereça não como a recordação de um corajoso e nobre «acto libertador», mas como um real espaço de liberdade.

Derrubada a tirania, converter Portugal num espaço de liberdade — foi o objectivo do acto revolucionário de libertação nacional.

2

«No problema da felicidade, para o dizer em resumo, a noção da liberdade é fundamental. O anseio propriamente humano é sempre um progresso na liberdade.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática

O Movimento das Forças Armadas foi «um movimento de libertação do povo português». Nada mais se propunha na fase conspirativa e organizativa que conduziu ao acto revolucionário de 25 de Abril de 1974. Sabia-se, ou sonhando e preparando a acção se aprendeu, que a libertação do povo português estava condicionada à libertação dos povos dos territórios sob dominação portuguesa. O povo que outros povos oprime, não é livre. A nossa liberdade implicava a liberdade política e nacional de outros povos. A libertação antifascista passava pela descolonização. Esse é outro título de consciência cívica que os militares revolucionários de Abril podem reivindicar.

Sérgio escreveu em pleno reinado das sombras: «... a noção de liberdade é fundamental». Ela foi, na sua simplicidade aparente, a determinante do acto revolucionário de Abril. O horizonte político do 25 de Abril, para os militares conspiradores confinava-se aos valores liberais: às liberdades públicas.

Na profunda hipocrisia de que se revestia a fachada jurídico-constitucional do salazarismo, a igualdade dos cidadãos e as «liberdades» eram contempladas nos Artigos 5.º e 8.º da «Constituição de 1933». Mas, nesse «liberal» Art.º 8.º, o parágrafo segundo reduzia as «liberdades públicas, a uma promessa vaga de que «as leis especiais» regulariam o exercício. O sistema vigorou, até 25 de Abril de 1974, amordaçando o povo, impondo a censura, proibindo a existência de partidos e de organizações políticas, impedindo a manifestação, integrando os sindicatos nas estruturas corporativas. O Estado Novo» de Oliveira Salazar e a «continuidade» protagonizada por Marcelo Caetano constitui, na História de Portugal, mais do que um pesadelo, pior do que uma ruptura do movimento liberal e do surto progressista que arrancara em 1820, um regresso à mitologia da «ordem» e da «autoridade». Em síntese: ao «absolutismo».

Como em 1820, como em 1910, o «25 de Abril» é, em Portugal, um momento histórico na luta pendular entre «reação» e «progresso», «autoridade» e «liberdade». A partida o «25 de Abril» não é socialista, é liberal. Retoma para Portugal a boa e bela tradição da Revolução Francesa de 1789: a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Simplemente, nas condições históricas do ano de 1974, os valores do liberalismo implicam a democracia.

3

«O maior crime para o democrata é o de tratar o próximo como um simples meio, e não como um fim. A Democracia, em suma, é aquele sistema em que se deseja para os homens o máximo possível de consciência.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática



De consciência e de participação. Ao cidadão de uma Democracia pede-se-lhe que seja consciente e exija-se-lhe que participe na vida cívica. Sem uma cidadania participada e, por parte dos cidadãos participantes, consciente e activa, a Democracia poderá degenerar numa prática política (ou num expediente de governação) em que os cidadãos sejam considerados meios, e não fins. Só a consciente participação dos cidadãos e o condicionamento dos mecanismos eleitorais e partidários por formas participativas na vida pública e na vida comunitária, poderão evitar a degenerescência da Democracia.

A Constituição de 1976 consagrou as formas e as estruturas de participação cívica. Admitiu no N.º 2, do Art.º 3.º, que: «Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional e da democracia política.» Mas na actividade partidária não se esgota a participação democrática dos cidadãos na vida pública. O cidadão não é só o eleitor ou aderente de um partido político, é o trabalhador, é o morador, é um indivíduo concreto com uma actividade concreta que se desenvolve com projecção social da sua posição política ou independentemente da filiação partidária. A participação dos cidadãos está condicionada pela legalidade constitucional, pela estrutura social, mas é condicionante de uma e da outra. O homem é condicionado e é agente da transformação das condições em que actua. E é tanto mais relevante o seu papel de agente transformador da realidade social, quanto maior for a sua cultura, a sua consciência cívica, a sua capacidade de iniciativa e de participação.

O arguto Espinosa afirmou: «Os homens creem-se livres pela única razão que eles estão conscientes das suas acções e ignorantes das causas pelas quais são determinadas.» (Ética, livro II). A Democracia, não consentindo que o cidadão seja tratado como um meio para atingir fins que não determinou, em cuja escolha e fixação não participou, dá ao conceito de «homem livre» a plenitude política e social.

4

«O serem os homens patrões de si mesmos (tanto no económico como no moral e no político) é o que nós chamamos Democracia.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática



A formal liberdade sem justiça social, não existe. Não existe «democracia política», sem «democracia económica» e sem «democracia social». No Estado democrático a realidade da sociedade de classes, com suas divisões e contradições, subsiste. Sem autonomia económica, ou, mais realisticamente, sem um suficiente nível económico de vida e sem segurança, a autonomia do cidadão, a sua liberdade, são precárias. Aquilo a que um António Sérgio chamava Democracia, «tanto no económico, como no moral e no político», implicava que os homens fossem livres e autónomos, «patrões de si mesmos».

O acto libertador de 25 de Abril de 1974 não abarcava, no delineamento sumário do Programa do MFA, mais do que o voto generoso de Fraternidade e de Justiça, mas a Fraternidade e a Justiça pressupunham a nova estrutura da economia e uma nova atitude do Estado (democrático) face às estruturas económicas: à produção, à distribuição, ao consumo, António Sérgio ensinara: «Subordinar a categoria de produtor à categoria de consumidor, vem a ser, afinal, subordinar a categoria de produtor à categoria de cidadão. É essa a obra da Democracia. O consumidor, como vê, é o equivalente económico do cidadão.»

Mas Sérgio não levava o seu pensamento às mais distantes e profundas consequências quando afirmava: «O cidadão é o consumidor dos serviços públicos».

Consumidor, apenas? Não. O cidadão é consumidor e produtor de serviços públicos. Em Democracia, ele próprio, deverá participar na gestão social. Que o cidadão não seja apenas consumidor de serviços públicos é, aliás, uma condição da luta democrática contra o clientelismo e a burocracia.

A Democracia é anticlientelista e anti-burocrática.

5

«Lembre-mos, nesse caso, que a vida moral exige o seguinte: primeiro: a liberdade do trabalhador; segundo: a sua participação na direcção económica; terceiro: a supressão do objectivo do lucro...»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática



A liberdade do trabalhador (e do cidadão) para não ser um conceito vazio, reduzido a uma formalidade que a lei consigna, deverá ser objecto do real exercício dessa liberdade através da acção, da intervenção cívica, da participação. O trabalhador (e o cidadão) devem participar, tão intensamente quanto possível, quanto possível directamente, na direcção política (e na gestão administrativa e social) e na direcção económica. E essa direcção económica — escrevia António Sérgio há cinquenta anos, provavelmente em 1933 — deverá exercer-se num sentido anticapitalista, para criar uma sociedade mais humana, mais justa. Nas palavras de António Sérgio; deverá visar «a supressão do objectivo do lucro».

Com efeito, a liberdade do cidadão, exigindo a plena cidadania, a participação na vida cívica e na gestão dos negócios públicos, implica a Democracia. E esta — para não ser um esquema formal de liberdades políticas iguais para desiguais no plano económico, implica uma transformação das relações económicas, implica o Socialismo.

A Democracia é o limite político e a condição do Socialismo. O Socialismo é a condição e o limite económico da Democracia. Sem a Democracia (real) não existe liberdade. Sem Socialismo (ou sem a vontade de nos aproximarmos de uma economia socialista, antilucrativista), não existe Democracia. Porque — e Sérgio ensinou-o — a Democracia não é um estado fixo, é uma marcha; da liberdade para mais liberdade, da participação para maior participação, da justiça social para mais ampla justiça social.

Sérgio considerava que «a democracia e o socialismo puros» eram «metas de um movimento que se há-de realizar por etapas». Visão gradual e reformista do processo histórico? Talvez, não. À frase citada no texto sergiano, segue-se a afirmação: «Por etapas revolucionárias, de transformações profundas; mas enfim, por etapas.»

Foi o «25 de Abril» uma etapa. Ou, melhor, o início de uma série de etapas, de um movimento ondulante e contraditório, de impulsos e de recuos, de fluxos e de refluxos, mas movimento de profunda transformação da sociedade portuguesa.

Na esperança e na desesperança, longo é o caminho percorrido desde 25 de Abril de 1974.

6

«A razão indica os fins supremos, de uma vez para sempre: a experiência, pouco a pouco, aperfeiçoa os meios.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática



O horizonte político dos militares de Abril eram os valores liberais. Restituir ao povo português as liberdades e a dignidade cívica, foi o nobre objectivo da conspiração dos «capitães». Nobres fins que exigiam o aperfeiçoamento, o aprofundamento, dos meios. A liberdade do cidadão tem por fundamento a capacidade de compreender e de modificar, na base de condições dadas, essas mesmas condições concretas. O homem é livre porque conhece as condições em que actua e tem capacidade para as transformar. Essa capacidade transformadora é condicionada, mas implica a possibilidade de criar novas condições. Essas condições, a situação concreta em cada momento histórico, tem as suas próprias limitações, os seus próprios limites. O voluntarismo não substitui a consideração lúcida e rigorosa das condições concretas.

Abril — a «festa» e a «revolução» — aconteceram num país concreto e numa situação histórica concreta. Politicamente, pesaram sobre a arrancada da revolução democrática antifascista os 48 anos de tirania, de burocratismo corporativo, de predomínio dos interesses plutocráticos. Transitou-se, na euforia das celebrações da reconquista das liberdades públicas, para uma situação de abertura democrática e de institucionalização formal da Democracia. Esta indefesa, ou mais vulnerável, quando travou a marcha para os seus próprios objectivos. Quando consentiu que se dissociassem, por razões de tática e de estratégia, os solidários valores de Abril: a Liberdade, a Democracia, o Socialismo.

7

«Tal espírito, em meu parecer, não deve ser o da direita, mas o da esquerda; tal finalidade, para nós, deve ser a de assegurar para os dias futuros um funcionamento melhor da democracia política, e lançar as bases da democracia social, sem a qual a democracia política estará sempre em perigo de se perverter.»

ANTÓNIO SÉRGIO — Diálogos de Doutrina Democrática



ESCRITOS para refutar o pensamento de Oliveira Salazar, tal como se exprimira nas entrevistas ao jornalista António Ferro, os «Diálogos de Doutrina Democrática» são, no conjunto da obra de António Sérgio, um dos textos menos conhecidos. Mas constituem uma peça fundamental para o estudo do pensamento político do autor dos «Ensaíolos». A questão da liberdade e a questão do Estado são tratadas nestas páginas. E o último dos diálogos conclui: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade, segundo o lema da Revolução Francesa, onde agora poderemos inverter a ordem: Fraternidade, Igualdade, Liberdade. Não para diminuir a importância da Liberdade, mas que pela fraternidade e pela igualdade é que poderá a liberdade ser perfeita. Poderia dizer-se que as nossas lutas são ainda episódios da Revolução Francesa, sequência natural de Revolução Cristã.»

Dirás leitor que estes são valores que têm num remoto passado os seus pontos de referência. Mas atende: são os valores opostos aos do «salazarismo», são valores de libertação, de justiça, de transformação da simples liberdade em livre participação cívica, da democracia política em democracia social. São os valores de Abril: a Liberdade a Democracia, o Socialismo.

Pinsk e Minsk

Há uma anedota, característica de quase todos os países da Europa, em que dois conhecidos que não se viam há vários anos se encontram numa estação de comboio. Na versão moscovita desta anedota, o primeiro pergunta ao segundo qual o seu destino, e este diz-lhe que segue para Minsk. O primeiro comenta:

— Sempre o mesmo... diz-me isso para eu pensar que vai para Pinsk mas eu sei muito bem que vai, de facto, para Minsk...

A história ilustra particularmente bem as relações entre futuros parceiros de Governo. Mas não me perguntem qual a sua moral, porque «moral» é exactamente o que ela não tem...

João Mendes



A cinco minutos das zero horas

Professores devem ser agentes da Educação para a Paz

Manuela Alves

No barco à deriva que é a Educação em Portugal alguns tentam delinear um rumo. Refiro-me, no caso presente, aos que procuram seguir na direcção do progresso e da paz.

Assim foi que, há umas semanas alguns professores se reuniram com trabalhadores científicos, numa chuvosa tarde de sábado, num dos anfiteatros da Faculdade de Letras de Lisboa, para falar e ouvir falar de tema tão ambicioso como «Educação para a Paz».

Foi, é claro, uma iniciativa sindical. Uma mais, da responsabilidade da Grande Lisboa e da Comissão Permanente do Encontro de Trabalhadores Científicos Contra as Armas Nucleares.

«Educação para a Paz»: tema tão ambicioso e, simultaneamente, tão vasto, vago e indefinido e, tão certo. Poder-se-á considerar educação a que não siga rumo à Paz?

Mas em 25 de Abril de 1983 a Educação para a Paz tem um reverso bem definido e concreto. Poder-se-ia chamar «Educar para impedir a curto, médio ou longo prazo, o holocausto nu-

clear».

«O nosso planeta caminha para o aniquilamento. Faltam cinco minutos para as zero horas» escreveu Herbert Scoville, ex-diretor técnico do Departamento Atómico do Pentágono, em mensagem dirigida à opinião pública.

Todos os esforços serão poucos para impedir a chegada das zero horas. E, nesses esforços, não podem dispensar-se os dos professores pois, como educadores, o seu esforço multiplicar-se-á «ad infinitum», através dos seus alunos.

Quatro comunicações preencheram a primeira parte da sessão: «A corrida aos armamentos: estadios actual», pelo advogado Vítor Garrido; «Aspectos físicos

das armas nucleares», que o engenheiro Frederico de Carvalho, investigador do LNETI, apresentou; «Efeitos biológicos e sobre o ambiente das armas nucleares», pela investigadora do INIC, Regina Salles Grade e «Efeitos médicos das armas nucleares» por Moradas Ferreira, chefe da clínica de Neurologia do Hospital Santa Maria.

Se uma bomba explodisse sobre o Marquês de Pombal

Se uma bomba de uma megatonelada explodisse sobre a Praça Marquês de Pombal, teria o efeito de destruição total numa



SUGESTÕES VERÃO 83

CIRCUITOS AVIÃO E AUTOPULLMAN		
BENELUX, PARIS E VALE DO RENO (8 dias) Visitando: PARIS, Bruxelas, AMSTERDÃO, Roterdão, Colónia, CRUZEIRO NO RENO, Luxemburgo, etc. Partidas aos sábados Preços desde, Esc. 49 900\$00	SUIÇA, ÁUSTRIA E ITÁLIA (8 dias) Visitando: GENÈVE, Berna, Zurique, MUNIQUE, SALZBURGO, VIENA, INNSBRUCK, St. Moritz, Lago de Como, MILÃO, Vale do Aosta, Chamonix, etc. Partidas aos Domingos Preços desde, Esc. 49 900\$00	EUROPA CENTRAL, VENEZA E PARIS (17 dias) Visitando: PARIS, Frankfurt, Nuremberga, PRAGA, VIENA, BUDAPESTE, Zagreb, Postojna, VENEZA, Milão, Génova, Mónaco, Nice, Marseille, Lyon, etc. Partidas: 14/7 - 4/8 - 1/9 Preço, Esc. 99 500\$00
ÁUSTRIA, BAVIERA E VENEZA (Voo Charter) Visitando: SALZBURGO, MUNIQUE, Garmisch, Innsbruck, VENEZA, VIENA, etc. Partida: 24/9 a 1/10 Preços desde, Esc. 45 600\$00	CIRCUITO DA ÁUSTRIA (Voo Charter) Visitando: SALZBURGO, VIENA, Innsbruck, Garmisch, etc. Partida: 2 a 6 de Junho Preço, Esc. 38 700\$00	ÁUSTRIA, JUGOSLÁVIA E HUNGRIA (Voo Charter) Visitando: SALZBURGO, Innsbruck, Zagreb, BUDAPESTE, VIENA, etc. Partida: 24/9 a 1/10 Preços desde, Esc. 45 600\$00
AUTOPULLMAN LISBOA A LISBOA SUIÇA, ÁUSTRIA, HUNGRIA E ITÁLIA (21 dias) Visitando: MADRID, Zaragoza, Barcelona, Montpelier, Lyon, Genève, Lausanne, MONTREUX, BERN, Zurique, MUNIQUE, SALZBURGO, VIENA, BUDAPESTE, Graz, Vilach, Trieste, VENEZA, Génova, Nice, ANDORRA, etc. Partidas: 9/7 - 6/8 - 3/9 Preço, Esc. 86 900\$00	TOUR DA EUROPA (18 dias) Visitando: Salamanca, Burgos, San Sebastian, Poitiers, VALE DO LOIRE, PARIS, Bruxelas, Madorodam, AMSTERDÃO, Colónia, CRUZEIRO NO RENO, Luxemburgo, BERN, Genève, Lyon, Perpignan, ANDORRA, Zaragoza, MADRID, etc. Partidas: 3, 13 e 31/7 - 1 e 14/8 - 4 e 5/9 Preço, Esc. 71 600\$00	LOURDES E ANDORRA (9 dias) Visitando: MADRID, Valência, BARCELONA, ANDORRA, LOURDES, San Sebastian, Burgos, Salamanca, etc. Partidas: 5/6 - 9 e 30/7 - 3/9 Preço, Esc. 33 850\$00
	MARROCOS IMPERIAL (10 dias) Visitando: CEUTA, FEZ, Meknès, Marrakech, AGADIR, CASA BLANCA, Rabat, Tanger, Sevilha, etc. Partidas: 10/6 - 1 e 22/7 - 5 e 19/8 - 2 e 16/9 - 7/10 Preço pensão completa, Esc. 55 900\$00	CASTELA E LEÃO (8 dias) Visitando: LEON, Zamora, Valladolid, Segóvia, MADRID, VALE DOS CAÍDOS, ESCORIAL, TOLEDO, Aranjuez, ÁVILA, Burgos, Salamanca, etc. Partidas: 6/6 - 17/7 - 14/8 - 18/9 - 2/10 Preço, Esc. 29 800\$00
ILHAS ATLÂNTICAS MADEIRA , Partidas diárias Preços desde, Esc. 13 950\$00 (Estadia de uma semana) AÇORES E MADEIRA 10 dias. Partidas às segundas Preços desde, Esc. 25 950\$00 CIRCUITO AÇOREANO Visitando: Terceira, Faial, Pico e S. Miguel 8 dias. Partidas aos domingos Preços desde, Esc. 25 400\$00 S. MIGUEL 8 dias. Partidas às sextas. Preços desde, Esc. 19 900\$00	ESPANHA PALMA DE MAIORCA Partidas todos os sábados — 8 e 15 dias de estadia OS NOSSOS HOTEIS: Acapulco; Barracuda; Bermudas; Delta; Latino; Los Almendros; Luna Park; Reina Constanza; Riutort; Tropical; Park e Vista Odin. PREÇOS EM PENSÃO COMPLETA, incluindo transporte aéreo: 8 dias, desde Esc. 25 930\$00 15 dias, desde Esc. 32 510\$00 BENIDORM Estadias de 8 e 15 dias (sábado a sábado) OS NOSSOS HOTEIS: Brasil; Brisa; Benikaktus; Caballo de Oro; Carlosi; Castilla; Cimbel; Dalmatas; Don Pancho; Garzas; Internacional; Les Dunes; Montesol; Mont Park; Ocas; Pelicanos; Poseidon; Rio Park; Selomar e Sol y Sombra. PREÇOS EM PENSÃO COMPLETA: Auto Férias 8 dias, desde Esc. 5 180\$00 15 dias, desde Esc. 10 360\$00 Incluindo Viagem Aérea 8 dias, desde Esc. 31 744\$00 15 dias, desde Esc. 36 924\$00 ALMERIA AGUADULCE — Hotel Satélites Park PREÇOS por pessoa e dia: em 1/2 pensão, desde 890\$00 em pensão completa, desde Esc. 1 040\$00 ROQUETAS DE MAR — Apartamentos Olimpia 2/4 pessoas Preços por apartamento e dia, desde Esc. 670\$00 — Apartamentos los Jopos 4/5 pessoas Preços por apartamento e dia, desde Esc. 900\$00	
AVIÃO — GRANDES CIDADES PARIS — Todos os sábados ROMA — Todas as sextas-feiras GENÈVE — Todos os domingos SALZBURGO — 2/6 e 24/9		

área cujo diâmetro ligaria Sintra ao Barreiro. Este foi um exemplo apresentado pelo eng. Frederico de Carvalho cuja exposição foi, de resto, fértil na citação de exemplos de comparação úteis porque permitiram avaliar-se o grau de capacidade de destruição das bombas nucleares. Todavia, o inferno da primeira — e provavelmente última guerra nuclear moderna —, ultrapassa a imaginação do homem.

Mas sabe-se que são de três espécies os efeitos imediatos de uma explosão nuclear: os provocados pela radiação nuclear, pela radiação luminosa e térmica e pela onda de pressão.

A radiação libertada pela explosão no solo duma bomba de 0,91 megatonelada (os mísseis Pershing II e Cruise transportarão, provavelmente, bombas da ordem das 100-200 quilotoneladas) destrói todas as árvores numa área de 130 quilómetros e a maior parte dos vertebrados. Os anfíbios e os répteis parecem poder suportar uma dose três vezes superior à dos mamíferos e os insectos suportam uma dose até cem vezes superior à que causa a morte dos mamíferos.

A radiação luminosa e térmica propaga-se à velocidade da luz antecedendo a onda de pressão e a detonação. O relâmpago luminoso é de tal modo intenso que em dia claro provocará a cegueira ou queimaduras permanentes na retina em todos os olhos expostos (virados na sua direcção) até 21 quilómetros de distância. A deflagração de uma bomba de 0,91 megatoneladas provoca uma radiação térmica que mata todos os vertebrados numa superfície de 260 quilómetros quadrados.

A deflagração de uma explosão de uma megatonelada pode provocar a uma distância de 11 quilómetros queimaduras de 1.º grau, a uma distância de 10 quilómetros queimaduras de 2.º grau e, a uma distância de 8 km, queimaduras de 3.º grau. A radiação luminosa e térmica pode ainda provocar tempestades de fogo e incêndios devastadores. Uma bomba de uma megatonelada pode provocar um incêndio numa área de 250 quilómetros.

O terceiro efeito imediato é a onda de pressão que se forma no local da explosão, susceptível de abater edifícios e de gerar ventos ciclónicos fortíssimos que arremessam pessoas e objectos. A explosão de uma bomba de uma megatonelada no ar, a 6 quilómetros de distância, gera uma pressão de 0,35 kg/cm² no local, exercendo sobre a parede de uma casa média de dois andares uma força superior a 180 toneladas. No mesmo local soprará um vento de 255 km/hora. Neste caso, a maior parte das mortes dever-se-á ao colapso dos edifícios ou a objectos atirados pelo ar. A onda de pressão pode ainda provocar sismos.

Numa explosão nuclear a radiação inicial sucede a radiação residual, que provoca efeitos no-

civos muito depois de terminado o efeito militar da bomba.

A radiação residual é provocada pelas poeiras radioactivas libertadas na deflagração que são injectadas em camadas superiores da atmosfera e regressam à terra por fases, umas dois a três dias após a explosão; outras semanas mais tarde e outras ainda demoram anos a voltar ao globo e a espalhar-se uniformemente por toda a sua superfície. Onde, uma guerra nuclear só pretensamente se pode dizer localizada. Os seus efeitos acabarão por tocar todo o globo e ninguém poderá dizer «Esta água não beberei».

Os seres humanos podem receber as poeiras radioactivas por ingestão de alimentos ou águas contaminados ou por absorção do ar igualmente contaminado.

No corpo humano as radiações podem provocar lesões agudas, doenças das radiações, queimaduras, feridas, cânceres e tumores e lesões genéticas.

O sofrimento provocado pelas lesões das radiações é tal que já alguém disse que os sobreviventes de uma hecatombe nuclear invejariam os mortos.

A mais grave doença

«A guerra nuclear é a mais grave doença que jamais ameace o homem» afirmou na sessão da Faculdade de Letras o médico Moradas Ferreira.

É a doença mais grave porque não ameaça só o homem mas a própria espécie humana está ameaçada de extinção. «Contra esta grave doença — prosseguiu Moradas Ferreira — só há um remédio: a prevenção».

Há países ricos onde os governos se previnem com a construção de abrigos, como na Suíça. Mas ainda que um indivíduo que consiga sobreviver 30 a 40 dias num abrigo sem ingerir oxigénio ou alimentos contaminados, que possibilidades teria de sobreviver quando deixasse o abrigo e encontrasse à sua volta só destruição? E num ataque súbito quantos terão acesso aos abrigos?

Governos de países menos ricos como a Inglaterra, emitirão cadernos com regras a que as pessoas devem obedecer em caso de conflito «Protect and survive» é o título do caderno distribuído em Inglaterra. Nele se indica por exemplo como as famílias se devem proteger em casa: refugiando-se por baixo de uma mesa, onde passarão os doze dias mais críticos, juntamente com viveres, telefonia de pilhas e, de preferência, um baralho de cartas. Tal medida provocou uma onda de protesto em Inglaterra: os ingleses são tradicionalmente conhecidos pela calma, não pela estupidez. Na verdade o lançamento destas medidas coloca pelo menos uma pergunta: o que se pretende com elas? Proteger as pessoas? Ou antes familiar-



Pergunte ao seu Agente de Viagens

O mal

um conto de Maria Judite de Carvalho

ERA um rapazinho estranho, pensavam os colegas e a família, pouco à vontade, caminhando de mansinho, cerimonioso, na vida, e às vezes como que esquecido dela. Não entrava no esquema, e as pessoas que o rodeavam sentiam-se frustradas e até impotentes, irritadas às vezes, perante a sua inércia e o seu desinteresse, mais ainda perante o seu leve, quase inexistente interesse por coisas que eram decerto erradas porque as ignoravam. Dir-se-ia que ele se ia perdendo aos poucos, ao longo dos dias. O seu olhar redondo parecia às vezes ficar pegado, ali e além, mas sempre num ali e num além desinteressantes para os outros, perigosos, e quando um grito ou uma repreensão obrigava o olhar a soltar-se, a criança parecia de repente magoada, perplexa e só, num mundo desconhecido.

Na escola aprendia com dificuldade e o computador que dava mensalmente as notas, com a sua gelada isenção de máquina, queixava-se sempre dele em cartão perfurado. Não gostava de números, o que afligia os pais, porque os números eram a única solução para os homens e ninguém podia ganhar a vida sem conviver com eles intimamente. Também não se interessava muito pelos jogos nem mesmo pela televisão que tinha no quarto, e passavam-se dias em que nem sequer tocava nos botões do aparelho maravilhoso. O «écran» era programado para a sua idade e para os gostos que alguém muito sabedor, sem a menor hesitação lhe atribuía. Cada pessoa tinha a sua televisão, programada de um modo especial, assim eram feitas as casas. O «écran» acendia-se numa espécie de altar, porque se tratava de um só deus onnipotente embora tivesse um rosto e uma voz para cada um dos seus adoradores. Como, de resto, todos os deuses de todos os tempos.

O rapazinho deambulava pois pela escola ou pela casa, como um corpo sem alma. À noite, enquanto o pai e a mãe olhavam em êxtase para os «écrans» respectivos, não se punha outra hipótese, o rapazinho metia-se no elevador e ia até ao terraço que ficava no quinquagésimo andar. Ali acabara o reino das moscas e o único pó era luminoso e parecia suspenso no tecto côncavo da abóbada celeste, porque era poeira de estrelas. E então escrevia no ar e apagava o que escrevia e escrevia de novo.

Um dia a mãe seguiu-o. Se queria adoecer, disse-lhe. Já que gostava de ver o céu, por que não ligava para o programa das nove horas? Era a mesma coisa, era mesmo muito melhor e a casa estava aquecida.

Corou, envergonhado ou até assustado, sem saber porquê mas com a consciência intranquila de estar a cometer uma interdição, e essa intranquilidade vinha-lhe do facto de não conhecer ninguém que perdesse tempo a olhar para o céu. A mãe tinha razão. Os rapazes da escola e as raparigas, claro, talavam desse programa. E havia também os planetários e os grandes telescópios públicos. Mas aí está, nada disso o interessava. Era muito científico e sem mistério. Ele gostava era daquele pozinho de luz, suspenso sobre a sua cabeça. Mas nessa noite a mãe acusou-o de a tornar infeliz, e o rapazinho, que gostava muito dela, prometeu emendar-se e ficar atento às coisas da vida.

Cumpriu na medida do possível. Aprendeu a lidar com os números, tão áridos, e soube mexer com relativo avontade nos mil botões das muitas máquinas indispensáveis ao dia-a-dia das criaturas. Os pais, tranquilizados, respiraram fundo. O filho estava finalmente a preparar-se para a vida.

Um dia, porém, ele fez um poema. Não sabia que era um poema porque coisas dessas, inúteis ao bem-estar e ao progresso, já não se aprendiam nas escolas. Mas o rapazinho estava sentado à sua máquina electrónica para traçar o esboço de um relatório e em vez disso fez um poema em que se tratava de uma prisão invisível, da proibição de viver e de morrer, da obrigatoriedade de esperar uma vida inteira, se necessário fosse, por coisa nenhuma. Era um poemazinho ingénuo, mas ele sentiu-se tão assustado como quando a mãe o surpreendera a olhar para as estrelas. E escondeu-o, bem escondido, no fundo de uma gaveta.

Um dia alguém bem pensante da família achou o poema e foi mostrá-lo à mãe, que o leu, angustiada. Ela sabia daquele mal antigo e persistente cuja cura só fora descoberta havia umas dezenas de anos. A cura, quando a doença estava no princípio. Estaria no princípio a doença do filho? Não teria já nascido doente sem ela o saber?

À noite falou com o marido e no dia seguinte levaram o rapazinho à clínica dos casos urgentes. O médico fez muitas perguntas, leu o texto muitas vezes para o perceber bem, quis saber o que a criança sentira ao escrevê-lo, porque o escrevera, para quê, tomou notas, forneceu-as ao computador-ajudante. Aquilo de ter ido ao último andar olhar o céu — quantas vezes? Quando fora a primeira? — era um sintoma aborrecido. O exame durou uma hora. Depois o médico sentou-se à sua mesa de trabalho, leu a resposta, fechou os olhos, abriu-os, declarou aos pais em pânico: «O que ele tem chama-se poesia.»

«Era o que eu receava», disse o pai. «Era o que eu receava», repetiu.

«Houve alguém na família...» ia perguntar o médico.

A mãe precipitou-se: «Não, não, ninguém. Somos todos absolutamente normais.»

«Então há esperança. Se fizer o tratamento com regularidade, há esperança.»

Fez o tratamento e curou-se. Uma pilula azul e outra verde pela manhã, um comprimido à tarde, uma injeção semanal. Durante três meses. Quando voltou ao médico estava curado.

Daí em diante deu-se todo às máquinas e ergueu muros que impediam toda e qualquer fuga para além do quotidiano. Sentiu-se, de resto, muito bem no esquema que passou a considerar certo. E entre outras coisas converteu-se ao deus caseiro. Foi um homem como os outros homens, portanto feliz, que mais se podia desejar?

Notícias da cidade

Atacado de doença súbita

um indivíduo cuja identidade se desconhece

caiu no passeio da Avenida da República.

Aparentava sessenta anos de idade

e levava um lírio azul protegido em celofane

Transeuntes junto à porta da Versailles

declararam à nossa Reportagem

que ele assobiava baixinho

e ia com bastante pressa.

Conduzido ao hospital de Santa Maria

chegou ali já morto.

O lírio, esse, junto a um seio de água,

ainda sobrevive. Por aí

alguém poderá identificar a vítima.

ela tinha um olhar ferido

ele tinha um olhar distante

ela trincava os lábios brancos

ele palitava os dentes

ela não sabia de nada

ele estava atento ao trânsito

ela perdia-se nas palavras

ele dominava o silêncio

ela transpirava

ele era elegante

ela dizia «deixa-me, pelo amor de Deus»

ele apertava-lhe a mão

Mário Castrim

FCB



O 2 cavalos.

A Simplicidade do que é feito para andar.

A Robustez do que é criado para durar.

A Segurança do que é planeado para confiar.

A Versatilidade do que é concebido para ser livre.

A Economia do que é estudado para poupar.

Citröen 2 cavalos.

Sempre.



CITROËN

O 1.º de Maio

Uma jornada de luta que ganha consistência

As comemorações do 1.º de Maio deste ano, promovidas pela CGTP-IN, subordinam-se ao lema «Unidade e Luta/Com os Trabalhadores/Pela democracia/Pela resolução dos problemas nacionais». Os seus pontos mais altos, como já é habitual, serão as manifestações de Lisboa e Porto, assumindo esta última particular interesse após os trágicos acontecimentos de Maio do ano passado naquela cidade.

No Porto, as comemorações, marcadas pela memória fresca da repressão que se abateu sobre os trabalhadores nortenhos em 1982, constituirão também uma homenagem aos dois jovens assassinados pela Polícia, sob a responsabilidade do Governo AD, num dos momentos mais altos da sua ofensiva contra a luta dos trabalhadores.

MO assinalarmos a passagem de mais um aniversário da Revolução de Abril, achamos oportuno relembrar o que foi a repressão neste país durante o tempo do fascismo. Comemorar então o Dia do Trabalhador assumia as proporções de uma façanha que poucos se atreviam a cometer. Por isso, o 1.º de Maio, tal como hoje o entendemos, afigura-se cada vez mais como a continuação do acto libertador de Abril.

Foi no âmbito desta ideia que ouvimos três antigos sindicalistas que sempre se empenharam nas lutas desenvolvidas pelos trabalhadores, mesmo sob o domínio da ditadura. Três questões lhes colocámos: 1.ª — Como era o 1.º de Maio durante a ditadura?; 2.ª — Que factos mais os marcaram nos 1.ºs de Maio da Resistência?; 3.ª — Que mensa-

gem transmitem aos trabalhadores portugueses neste 1.º de Maio, caracterizado por uma situação particularmente difícil no nosso país?

Mensagem de confiança

Para José Vitoriano, eleito para a Comissão de Honra do IV Congresso da CGTP-IN e ex-dirigente do Sindicato dos Corticeiros de Silves (1945-48), o 1.º de Maio de hoje, nove anos após o derrube do fascismo, é comemorado «fundamentalmente como uma grande jornada de luta dos trabalhadores: luta contra a vida cara, luta pelo pão, pela defesa dos postos de trabalho, pelo pagamento de salários em atraso, por melhores condições de vida; luta contra a repressão nos locais de trabalho e nas ruas, luta

pela defesa do regime democrático e de todas as conquistas de Abril, luta que ainda hoje custa vidas humanas, como aconteceu o ano passado no Porto em que dois trabalhadores foram assassinados pelas forças repressivas.»

À medida que o fascismo se desenvolveu e alargou, diz José Vitoriano, «o 1.º de Maio foi adquirindo cada vez maior significado como jornada de cunho profundamente antifascista dos trabalhadores portugueses». E acrescenta: «Por diferentes formas, desde reuniões, assembleias sindicais, confraternizações, greves, concentrações e manifestações dos trabalhadores aproveitaram a data para dar expressão às suas reivindicações e realizar grandes jornadas de luta contra o fascismo, contra a guerra colonial, pela liberdade e pela paz.»

Durante a maior parte da sua

vida de operário, este sindicalista esteve «impedido de participar directamente nas jornadas do 1.º de Maio» mas, sublinha, «acom-

panhei-as sempre com grande expectativa, interesse e entusiasmo nas condições em que me era possível fazê-lo. A que mais me marcou foi, pela sua grandiosidade, a do 1.º de Maio de 1962, em que cerca de 100 mil pessoas se manifestaram nas ruas de Lisboa, resistindo com determinação e coragem às investidas das brigadas da polícia de choque, às cargas da GNR e às perseguições dos pides. Aqui foi assassinado um trabalhador.»

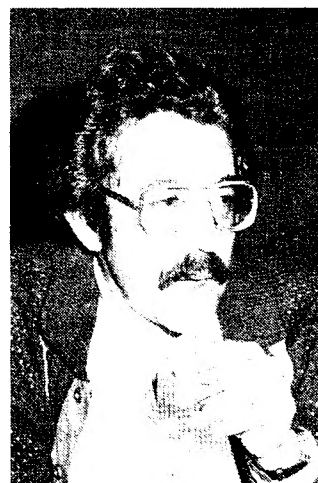
«A estas comemorações do 1.º de Maio de 1983 — acrescenta — está ligado o início da greve vitoriosa de cerca de 200 mil as-

salariados rurais do Alentejo e Ribatejo, pela conquista das oito horas».

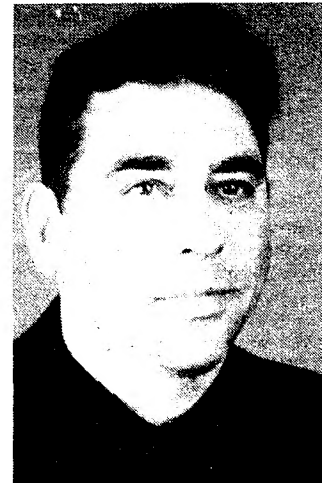
Para as comemorações do 1.º de Maio deste ano, José Vitoriano dirige aos trabalhadores portugueses «uma mensagem de confiança em que, com a sua luta contribuirão decisivamente para que seja formado um governo democrático que realize uma política democrática de defesa das conquistas de Abril, que realize uma política que resolva os problemas da crise económica e social a que a AD conduziu o país, uma política que traga a



José Vitoriano



Daniel Cabrita



António Calarrão

Miguel Urbano Rodrigues

POLÓNIA E AFGANISTÃO

O Afeganistão e a Polónia continuam a ser em Portugal dois temas obsessivos na ofensiva ideológica da direita.



Tive a oportunidade de visitar o Afeganistão e a Polónia. Neste livro conto o que vi e ouvi nesses Países.

Do relato faz parte também o meu depoimento pessoal.

Miguel Urbano Rodrigues

na estrada do futuro

NOSSO MUNDO

editorial CAMINHO

VIDA E CULTURA DE UM POVO

A Comissão Cultural Vida e Cultura de um Povo em colaboração com a Câmara Municipal de Moura vão promover de 21 a 29 de Maio de 1983 em todo o Concelho, um programa cultural subordinado ao título VIDA E CULTURA DE UM POVO, com o seguinte programa:

- Exposição de pintores de Moura e outros
- Exposição sobre literatura infantil
- Artesanato ao vivo
- Exposição de trajes antigos
- Lançamento de um livro de poesia popular do Concelho e dos primeiros jogos florais de Moura 1982
- Colóquios sobre cultura popular e cultura árabe
- Colóquios sobre as actividades culturais das colectividades do Concelho
- Bandas e encontro de grupos corais do Alentejo
- Sessões de cinema em todo o Concelho com o filme «Cerro maior»
- Sessões de cinema infantil em todo o Concelho
- Serão de poesia popular com poetas populares do Concelho
- Programas musicais com os grupos Bia D'Horta, Bandolinistas de Santo Aleixo e ainda com os cantores convidados Vitorino, Paulo de Carvalho e Manuel Freire
- Abertura do museu árabe
- Colóquio sobre música popular portuguesa com a presença do maestro Lopes Graça
- Visitas de estudos à descoberta dos locais históricos do Concelho.

ontem e hoje

com o acto libertador de Abril

melhoria das condições de vida do nosso povo».

«Um importante desafio»

Daniel Cabrita, também da Comissão de Honra do IV Congresso da CGTP e ex-dirigente do Sindicato dos Bancários de Lisboa (1967-70), foi outro dos sindicalistas por nós ouvidos. Na sua opinião, o 1.º de Maio foi sempre, durante «o antigamente» uma «importante jornada de luta dos trabalhadores e do povo português, contra a opressão e a exploração, pela liberdade e a democracia».

São suas as palavras que se seguem:

Apesar das prisões e perseguições feitas pelo fascismo quando se aproximava aquela data e da repressão que fazia abater sobre as massas populares que ousavam manifestar-se e expressar o seu apêgo à liberdade, os trabalhadores portugueses sempre conseguiram levar as práticas corajosas acções de conteúdo marcadamente revolucionário que honravam as gloriosas tradições do proletariado.

As primeiras recordações que tenho do 1.º de Maio, remontam à minha juventude quando assisti na minha terra (Barreiro) à determinação com que se enfrentava o impressionante aparato repressivo que o fascismo instalava na rua, sem conseguir impedir que, das mais variadas formas, a população expressasse o seu pro-

fundo sentimento patriótico e antifascista.

Contudo, o 1.º de Maio que mais marcou foi, sem dúvida, o de 1962 em Lisboa.

A grandiosidade das manifestações que então ocorreram, a resistência que a população opôs à repressão fascista e capacidade de luta patenteada pelos populares, fizeram-me antever o quadro da irreversibilidade do derrube do fascismo.

Pesam sobre os trabalhadores grandes responsabilidades quanto ao futuro próximo do nosso país e tornou-se uma verdade inquestionável dizer-se que os nossos problemas só podem ser resolvidos com os trabalhadores.

Contudo, tal afirmação terá interpretações diversas e até opostas que, em última análise, são ditadas por posições de classe.

De facto, perante as graves dificuldades com que o País se debate e sabendo-se que os trabalhadores estão interessados e na firme disposição de contribuir para a sua resolução, há quem sonhe em resolver os problemas do País não com os trabalhadores mas sim à custa dos trabalhadores. A súbita valorização e actualização do tema pacto social é disso flagrante exemplo. Perante tal situação os trabalhadores estão confrontados com um importante desafio que só poderá ser resolvido favoravelmente, desde que se aceite que os interesses do País são concordantes com os interesses das

classes laboriosas.

O papel decisivo que os trabalhadores assumiram na construção do Portugal de Abril e as lutas consequentes que têm desenvolvido desde 1976 contra políticas adversas aos seus interesses de classe, demonstram que existem razões para se confiar na classe operária e nos trabalhadores portugueses.»

«Uma rica experiência revolucionária»

Durante o fascismo, muitos trabalhadores, embora não conhecessem o significado histórico do 1.º de Maio, «sentiam o ódio do regime salazarista-marcelista, e daí concluíam que aquela data representava algo para os trabalhadores» — afirma António Cavaca Calarrão, organizador da luta da juventude nas comissões de jorna pelas oito horas agrícolas e que foi igualmente eleito para a Comissão de Honra do IV Congresso da Inter-sindical. «Por isso — acrescenta — contra a vontade dos patrões não trabalhavam nesse dia e escolhiam locais clandestinos para comemorar o Dia do Trabalhador, onde quadros responsáveis explicavam a sua origem: a luta pela jornada de oito horas de trabalho e a repressão que se abateu sobre as operárias, as mártires de Chicago».

Sobre a sua experiência pessoal, nas comemorações dos

1.ºs de Maio anteriores ao 25 de Abril, Cavaca Calarrão disse nomeadamente o seguinte:

«Em Alpiarça o 1.º de Maio era comemorado com a formação de piquetes que, distribuídos nos pontos estratégicos da vila, iniciavam à meia-noite, com alternância de dois minutos entre si, o lançamento de potentes morteiros. Este processo fazia com que as forças repressivas corressem, desorientadas, de um lado para o outro.

«Recordo que nos campos de Vila Franca, onde seareiros reunidos nas comemorações deliberaram que o salário para as mulheres, a praticar nas vindimas seguintes, fosse de 75 por cento do salário dos homens, a luta foi vitoriosa. Em 1974, quando junto à Casa do Povo de Alpiarça, milhares de trabalhadores exigiram a formação de um Sindicato para os Operários Agrícolas.

Quero dizer aos trabalhadores portugueses que a minha participação na luta desde 1941, aos 16 anos, me transmitiu uma rica experiência revolucionária; enriqueceu a minha consciência de classe. Apesar de ter caído duas vezes nas masmorras da PIDE-DGS (1950-1961) isso reforçou a certeza da razão da nossa luta e afirmo que valeu e vale a pena lutar, tanto mais quando o objectivo da luta não visa interesses pessoais, mas sim os interesses do País e do Povo Português.»



CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

A V I S O

CONCURSO PARA PROVIMENTO DE 1 LUGAR DE LEITOR-COBRADOR DE CONSUMOS DE 2.ª CLASSE

Para os devidos efeitos se torna público, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 8 do corrente, que se encontra aberto, pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente aviso no «Diário da República», concurso de provimento para preenchimento de 1 lugar do quadro, de Leitor-Cobrador de Consumos de 2.ª Classe, letra M, a que corresponde o ordenado mensal de 20 600\$00.

De conformidade com o disposto no artigo 6.º do Decreto Regulamentar n.º 68/80, de 4 de Novembro, a este concurso poderão ser admitidos os indivíduos que reúnam os seguintes requisitos:

- Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida;
- Idade não inferior a 18 anos;
- Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
- Cumprimento dos deveres militares;
- Curso Geral do Ensino Secundário ou equiparado;
- Bilhete de Identidade actualizado.

Do requerimento em papel selado dirigido ao Presidente da Câmara, e com a assinatura a inutilizar uma estampilha fiscal de taxa de 100\$00, deverão constar os seguintes elementos de identificação: nome, estado, naturalidade, residência, data de nascimento, filiação, número e data do bilhete de identidade, serviço de identificação que o emitiu, habilitações literárias e declaração sob compromisso de honra, em alíneas separadas, da situação precisa em que se encontram relativamente a cada uma das alíneas a) a g) do art.º 6.º do referido Decreto Regulamentar.

Os requerimentos deverão ser entregues pessoalmente na Secretaria da Câmara Municipal ou remetidos pelo correio, dentro do prazo de abertura do concurso.

A selecção dos concorrentes é feita através de prestação de provas, que constarão das matérias:

- Regime de pessoal autárquico;
- Regulamento de abastecimento de águas do Concelho de Palmela;
- Exercícios de aritmética relacionados com leituras e cobranças.

O Juri deste concurso é constituído pelo Presidente da Câmara, Chefe de Secretaria e eng. António Miguel da Costa Ferreira.

A validade deste concurso é de 2 anos, de harmonia com o n.º 1 do artigo 10.º do mencionado Decreto Regulamentar.

Em caso de igualdade de classificação têm preferência os indivíduos já vinculados à função pública.

O provimento é feito por contrato.

Paços do Concelho de Palmela, 18 de Abril de 1983.

O Presidente da Câmara,

(António Ferreira da Costa)

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

A V I S O

CONCURSO PARA PROVIMENTO DE 1 LUGAR PARA FIEL DE ARMAZÉM DE 2.ª CLASSE

Para os devidos efeitos se torna público, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 8 do corrente, que está aberto, pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente aviso no Diário da República, concurso de provimento para preenchimento de 1 lugar do quadro, de Fiel de Armazém de 2.ª classe, letra Q a que corresponde o vencimento mensal de 17 500\$00.

De conformidade com o disposto no artigo 6.º do Decreto Regulamentar número 68/80, de 4 de Novembro, a este concurso poderão ser admitidos os indivíduos que reúnam os seguintes requisitos:

- Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida;
- Idade não inferior a 18 anos;
- Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
- Cumprimento dos deveres militares;
- Escolaridade obrigatória;
- Bilhete de identidade actualizado.

Do requerimento em papel selado dirigido ao Presidente da Câmara, e com a assinatura a inutilizar uma estampilha fiscal de taxa de 100\$00, deverão constar os seguintes elementos de identificação: nome, estado, naturalidade, residência, data de nascimento, filiação, número e data do bilhete de identidade, serviço de identificação que o emitiu, habilitações literárias e declaração sob compromisso de honra, em alíneas separadas, da situação precisa em que se encontram relativamente a cada uma das alíneas a) a g) do art.º 6.º do referido Decreto Regulamentar.

Os requerimentos deverão ser entregues pessoalmente na Secretaria da Câmara Municipal ou remetidos pelo correio, dentro do prazo de abertura do concurso.

A selecção dos concorrentes é feita através de prestação de provas, que constarão das seguintes matérias:

- Regime de pessoal autárquico;
- Preenchimento de uma ficha de armazém de registo de entradas e saídas;
- Aritmética;
- Entrevista.

O Juri deste concurso é constituído pelo Presidente da Câmara, Chefe de Secretaria e Eng. Técnico António Miguel da Costa Ferreira.

A validade deste concurso é de 2 anos, de harmonia com o n.º 1 do art.º 10.º do mencionado Decreto Regulamentar.

Em caso de igualdade de classificação têm preferência os indivíduos já vinculados à função pública.

O provimento é feito por contrato.

Paços do Concelho de Palmela, 18 de Abril de 1983.

O Presidente da Câmara
António Ferreira da Costa

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

A V I S O

CONCURSO PARA PROVIMENTO DE 2 LUGARES DE JARDINEIRO DE 3.ª CLASSE

Para os devidos efeitos se torna público, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 8 do corrente, que está aberto pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente aviso no «Diário da República», concurso de provimento para preenchimento de 2 lugares do quadro, de Jardineiro de 3.ª classe, letra R a que corresponde o vencimento mensal de 16 700\$00.

De conformidade com o disposto no artigo 6.º do Decreto Regulamentar n.º 68/80, de 4 de Novembro, a este concurso poderão ser admitidos os indivíduos que reúnam os seguintes requisitos:

- Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida;
- Idade não inferior a 18 anos;
- Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
- Cumprimento dos deveres militares;
- Escolaridade obrigatória;
- Bilhete de Identidade actualizado.

Do requerimento em papel selado dirigido ao Presidente da Câmara, e com a assinatura a inutilizar uma estampilha fiscal de taxa de 100\$00, deverão constar os seguintes elementos de identificação: nome, estado, naturalidade, residência, data de nascimento, filiação, número e data do bilhete de identidade, serviço de identificação que o emitiu, habilitações literárias e declaração sob compromisso de honra, em alíneas separadas, da situação precisa em que se encontram relativamente a cada uma das alíneas a) a g) do art.º 6.º do referido Decreto Regulamentar.

Os requerimentos deverão ser entregues pessoalmente na Secretaria da Câmara Municipal ou remetidos pelo correio, dentro do prazo de abertura do concurso.

A selecção dos concorrentes é feita pelo método de entrevista.

O Juri deste concurso é constituído pelo Presidente da Câmara, Chefe de Secretaria e eng. António Miguel da Costa Ferreira.

A validade deste concurso é de 2 anos, de harmonia com o n.º 1 do artigo 10.º do mencionado Decreto Regulamentar.

Em caso de igualdade de classificação têm preferência os indivíduos já vinculados à função pública.

O provimento é feito por contrato.

Paços do Concelho de Palmela, 18 de Abril de 1983.

O Presidente da Câmara,

(António Ferreira da Costa)

Um documento inédito vindo da prisão da Trafaria

Almeida Bruno: o longo caminho que vai de Março a Abril

Caldas da Rainha, 16 de Março de 1974: numa marcha desordenada na madrugada fria, o Regimento de Infantaria n.º 5 avançou sobre Lisboa.

Já houve quem lhe chamasse balão de ensaio para o 25 de Abril — e, verdade seja dita, até já lhe chamaram mais coisas. Mas tudo, ou quase tudo, está por dizer — apesar do muito que já foi dito — sobre essa madrugada bonita e não dormida que terminou às portas da cidade grande, onde dois majores à civil, Monge e Casanova, avisaram os seus companheiros de armas que outros regimentos haviam ficado nos quartéis e forças adversas tinham tomado já posição à entrada da capital.

Certo, certo, é que a coluna fez marcha atrás e muitos oficiais, sargentos e soldados foram depois presos e interrogados em presídios militares.

Dos interrogatórios há depoimentos escritos que ainda não

viram a luz do dia. Depoimentos esclarecedores que, vistos à dis-

tância de nove anos, mostram de uma forma clara o que foi essa marcha e quem eram os homens que embarcaram nessa aventura, apesar de tudo bela.

Um dos depoimentos é o do actual comandante-geral da PSP, general João de Almeida Bruno, então tenente-coronel de cavalaria número 505090 e que na Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa, na Trafaria, foi ouvido pelo coronel de Infantaria na reserva Ernesto Fontoura Garcez de Lencastre, na altura em serviço na Direcção do Serviço de Justiça e Disciplina do Ministério do Exército.

No mínimo é um depoimento espantoso, a demonstrar que de

Março a Abril muita água correu debaixo das pontes — e que de Abril de 74 até aos nossos dias, com passagem pelos acontecimentos de Maio do ano passado no Porto onde dois cidadãos foram assassinados pelas balas da polícia cujo responsável máximo é Almeida Bruno, muita mais água correu ainda.

Sem comentários, transcrevemos na íntegra esse depoimento assinado pelo punho de Almeida Bruno. Apenas pedimos a paciência de alguns minutos de leitura atenta, com a contrapartida da certeza de que, no final o leitor ficará a conhecer muito melhor a personalidade do actual responsável pela PSP no nosso



Brigadeiro Almeida Bruno

país e qual a sua posição perante o glorioso Movimento dos Capitães. Vale a pena.

Dos boatos à faca de mato...

(...) Perguntado à matéria dos autos e nomeadamente se lhe transmitiram ordens pessoalmente, ou em nome de alguém, para tomar parte nos acontecimentos que ocorreram no dia dezasseis no Regimento de Infantaria número cinco, nas Caldas da Rainha e nos com eles relacionados que tiveram lugar em dias anteriores, respondeu que não recebeu ordens pessoais nem em nome de ninguém. Acrescentou que teve conhecimento de que tropas das Caldas da Rainha marchavam sobre Lisboa, no Quartel General do Governo Militar de Lisboa quando, no sábado dezasseis de manhã, estava aí apresentado. Que também quanto aos dias anteriores não recebeu quaisquer ordens.

Perguntado que conhecimento teve dos acontecimentos do dia dezasseis, isto é da madrugada de quinze para dezasseis, disse

que estando em casa depois do jantar de quinze recebeu um telefonema que julgava ter sido feito da Academia Militar informando-o de que corriam boatos de um motim militar no Porto, não sabendo quem lhe fez este telefonema, dada a excitação do correspondente que acrescentou que em Lisboa já havia desordens. Disse mais: que estava a jantar consigo o capitão Farinha Ferreira do Instituto de Altos Estudos Militares, Curso de Estado Maior; que se dirigiu com ele à Academia Militar no carro dele; que parou em Caxias em casa do major Dias de Lima em serviço no Estado-Maior do Exército; que lhe relatou o que sabia e que no regresso da Academia, onde ia, lhe diria o que e passava; que na Academia Militar soube pelo comandante do Corpo de Alunos, tenente-coronel Leopoldo Severo Ferreira Pinto, de boatos de movimentos militares sendo provável que a Academia entrasse em prevenção rigorosa; que por estar de licença das normas por estar nomeado para o ultramar e por não ter recebido outra indicação do comandante

CÂMARA MUNICIPAL DE CUBA



A 3.ª IDADE VISTA POR UM IDOSO DE CUBA

A Terra lavravam, a terra cavavam, a terra dos outros, dos latifundiários... era o fascismo, tempo de fome e miséria, foram-se os melhores anos destes Homens para quem Abril chegou tarde.

A Terra, a nossa Terra — Alentejo mudou em Abril e estes Homens e Mulheres que outrora a trabalharam olham-na na Esperança feita presente e futuro, esperando que aqui lhes seja oferecido o que outros lhes roubaram antes de Abril.

- Queriam olhar serenos as searas iguais às que fizeram crescer.
- Queriam ter em suas mãos justas reformas que fossem salários que nunca tiveram;
- Queriam ter espaços de vida comum para ocupar tempos vazios;
- Queriam...
- Mereciam tanto e deu-se-lhes ainda tão pouco...

(3.ª IDADE)

Vou estando velho e cansado,
Vou tendo a força perdida,
Vou tendo o caminho andado,
Vou estando no fim da vida.

Quando eu ia trabalhar
Fazia aquilo que podia,
Aonde iam dois já eu ia,
Ali é que era brigar.
Eu cheguei a ir cavar,
Cavar em barro, barro molhado.
Mais das vezes atascado
E lá vencia a empreitada.
Hoje já não presto para nada,
Vou estando velho e cansado.

A vista já me faltou,
As pernas vão-me faltando,
O coração vai falhando
E eu quem era já não sou.
O meu bom tempo passou
Minha mocidade querida,
Estou na hora da partida,
Não tenho nada que esperar;
Já quase não posso andar
Vou tendo a força perdida.

O Homem nunca devia
A sua força perder,
Quando tivesse de morrer
O seu caminho seguia,
Dava o corpo à Terra fria.
Mas não ia martirizado
Na terra era sepultado,
Acabava o seu poder.
Meus amigos podem crer,
Vou tendo o caminho andado.

Já não tenho alegria
Vivo no mundo sem gosto,
Para mim é sempre Sol posto,
Às vezes no meio do dia,
P'ra ninguém tenho simpatia
Tenho a ideia perdida
A cabeça esvaída,
Daqui só p'rá sepultura,
O meu mal já não tem cura,
Vou estando no fim da vida.



EU CA UTILIZO O MELHOR
E O MELHOR É O SISTEMA DE CONTABILIDADE

EFICEX — «aquele sistema!»

VENDA DE IMPRESSOS AVULSO NA

CONTICEX — Av. João XXI, 4-A
Telefones 888417/25 Lisboa

decidiu regressar a casa; que regressou a casa com o capitão Ferreira parando em Caxias em casa do major Dias de Lima; que uma vez em casa deste soube por ele que também lhe tinham dito que algo se passava no Porto; que decidiu recolher à Academia Militar por verificar que a situação era confusa; que solicitou ao capitão Ferreira para ir a sua casa pedir à esposa a pasta com os seus assuntos particulares e da vida civil e para avisar que voltava para a Academia; que esperou em casa do major Dias de Lima; que pela demora telefonou para casa sabendo então que não tinham encontrado a pasta por não terem conseguido abrir a garagem onde estava o carro por falta de chave; que disse à esposa para dizer ao capitão Ferreira para se vir embora e lhe trouxesse a faca de mato;

...passando pela alferesada...

que passado mais algum tempo, sendo talvez 23 e 45, telefonou novamente para casa, pelo atraso que sentia, sabendo então que o capitão Ferreira fora detido à saída de casa por um grupo de elementos civis armados e que segundo opinião da esposa havia muitos homens que pareciam armados à volta de casa; que em virtude destas informações pediu ao major Dias de Lima para o levar a casa, o que este fez; que chegados às imediações efectuou um reconhecimento verificando a existência de civis que lhe pareciam claramente estar armados e que cercavam a zona; que pediu de entrar em casa e pediu ao major Dias de Lima para o levar à Academia Militar, o que fez, narrando os acontecimentos ao excelentíssimo general Romão, comandante da Academia; que posteriormente soube por um oficial do Quartel General do Governo Militar de Lisboa e pelo próprio capitão Fariña Ferreira que de facto foram elementos da Direcção-Geral de Segurança que o tinham detido; que portanto não soube previamente dos acontecimentos das Caldas da Rainha e só soube deles como disse já no Quartel General da Região Militar de Lisboa, quando ali se foi apresentar.

Perguntado se tem conhecimento dos elementos que estiveram ligados aos referidos acontecimentos, disse que só sabe dos oficiais que estão consigo aqui na Casa de Reclusão.

Perguntado se tem conhecimento das intenções e objectivos, imediatos e últimos, dos referidos acontecimentos disse que não tem conhecimento anterior das razões que levaram ao movimento das Caldas; que segundo depreendeu das conversas ouvidas na Casa de Reclusão o movimento das Caldas da Rainha estaria ligado com a manifestação realizada pelo Corpo de Generais ao Chefe do Governo; que com base no que ouviu

considera aquilo uma «alferesada».

...Sem esquecer as suas altas preocupações

Perguntado sobre se o movimento teve ou tinha ligações e como disse que havia muita efervescência desde a publicação dos decretos relativos à alteração de antiguidade dos oficiais do Quadro Permanente; que esta efervescência se sentia nas Salas de Oficiais mas que não conhece o que se passou; que pela preocupação que teve pelo assunto pediu para ser recebido por sua excelência o Presidente da República em Agosto de mil novecentos e setenta e três e entregou um memorial, não tendo sido porém recebido mas foi informado que sua excelência estava ao corrente do assunto e que tomara já providências...

Perguntado sobre pormenores dessa efervescência e sua consequência disse que estando no Instituto de Altos Estudos Militares no **Curso de Oficial**, digo, no Estágio para Oficiais Superiores, leu um manifesto ou documento do «Movimento dos Capitães»; que se dizia que opapel era do «Movimento de Capitães» mas não teve contacto com esses elementos; ouviu dizer que havia reuniões de oficiais mas nunca esteve presente em nenhuma; que sabe que assunto desses contactos é o da Extinção do Corpo de Estado-Maior, Vencimentos, Pensões, Antiguidades.

Insistido disse que não conhece em pormenor o esquema do «Movimento dos Capitães». Insistido disse que não conhece os seus chefes e que não faz parte do movimento.

Insistido sobre a razão porque fazendo parte do «Movimento dos Capitães» tomara a iniciativa de ir falar a sua excelência o Presidente da República disse que não fazia parte do Movimento nem pretendia falar por essa razão, mas sim por considerar muito grave a situação; que contactou directamente com o major Pereira Coutinho na Presidência da República transmitindo-lhe as suas altas preocupações em relação à agitação que havia entre os oficiais mais novos; que foi daí que resultou entregar um memorial ao major Pereira Coutinho; que julga ter tido razão porque o decreto impugnado foi anulado e a situação modificada.

E mais não disse. Lidas que lhe foram as suas declarações as achou conformes, ratificou e vai assinar reafirmando sob palavra de honra que não faz parte do Movimento de Capitães...

Ressalvam-se as emendas e entrelinhas: corte da palavra «quando» na página dois versos, linha um; emenda da palavra «acrescentou» na mesma página dois verso, linha dez.

O oficial

O declarante

(seguem-se as assinaturas)

do na pagina dois verso, linha um; emenda da palavra "acrescentou", na mesma pagina dois verso, linha dez.....

O Oficial,

Alfonso F. Lourenço
Coronel Inf. Reserva.

O declarante,

João F. Lourenço
Ten. av.

As assinaturas do inquiridor e do inquirido



linhas aéreas de angola

TAG

DELEGAÇÃO EM PORTUGAL

Av. da Liberdade, 259 - 1.º 1200 LISBOA - Tels. 5758 99 / 5759 18 - Telex: 18475

Passagens e Reservas

Av. da Liberdade, 259/loja
Telef. 53 18 25 - 57 58 99

Aeroporto de Lisboa

Serviço Escala/Carga
Sala 452 - 2.º - Tel. 89 6173 - 80 35 33

O SEU CABELO

Os problemas que o afectam solucionam-se com uma entrevista sem compromisso no Instituto Científico Capilar Saint Antoine de Paris. As pessoas não residentes na cidade serão atendidas e em caso de tratamento no domicílio será elaborado no nosso laboratório.

Os institutos Capilares Saint Antoine é a cadeia mais antiga da Europa com a técnica mais moderna.

Marque entrevista pelo telefone ou dirija-se directamente:

— Lisboa: Av. da República, 2-7.º - Tel. 56 02 72

— Porto: R. Sá da Bandeira, 819-5.º Esq. - Tel. 31 68 10



OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na estrada sempre pelo seu lado esquerdo

circular e viver.

Médio Oriente

Dar tempo ao tempo

Alice Nicolau

Cercadas pela selva inextricável, quase estrangulados pelo abraço protector dos seus irmãos árabes, os palestinos — representados pela OLP — procuram abrir caminho em todas as direcções. Esbracejam, num aparente descontrolo, para irem desbravando, lúcidos e serenos, mais terreno, para encontrarem chão debaixo dos pés, abertura larga de oxigénio na sua minúscula clareira. O importante é viver. E para viverem os palestinos têm de ir navegando. Pelos rumos aparentemente mais incoerentes. Porque em todos os rumos o que eles ganham é aquilo que acima de tudo carecem: tempo. O tempo de sobreviver até outros tempos.

POR isso, na OLP cabem todas as correntes. Cada uma delas tem a sua razão. Tanta razão têm os moderados entre os moderados, como os extremistas dos extremistas, como os do centro mais ao centro. Todas estas razões acabam por convergir na unidade, porque a cada uma delas cabe o seu papel na orientação direccional que a OLP vai seguindo.

O frenesi, aparentemente desconexo de Arafat, na passada semana, ilustra, quase com a força de uma obra de arte, os difíceis e complexos parâmetros em que se resolve a navegação palestina. Quando os hipócritas bem falantes do ocidente seguiam, ávidos, os passos de Arafat na Jordânia, e espreitavam o momento culminante da capitulação, o dirigente da OLP imprimiu uma guinada na marcha e dirigiu-se aos países socialistas europeus, depois de ter rompido, sem romper, as negociações fatídicas com o rei Hussein da Jordânia.

Que mistérios são estes?

Estes são os mistérios herdados da cimeira de Fez. Ai, recorde-se, os palestinos foram leva-

dos como cordeiros brancos tingidos do seu próprio sangue (o sangue de Beirute) para uma capitulação disfarçada de programa honroso. Era preciso ganhar tempo, e a OLP aceitou os resultados de Fez. Perante os palestinos, os seus irmãos árabes comprometeram-se solenemente nessa cidade marroquina a considerar a OLP como parte indispensável de negociações no Médio Oriente e a reconhecerem-lhe o direito a fundar um Estado próprio, autónomo e soberano.

Mas, como todos os planos para o Médio Oriente, também este não passava de uma bandeira atrás da qual se escondia outra bandeira. O plano Fez era o **écran** transmissor de outra coisa bem diferente, chamada plano Reagan. E esta coisa, a verdadeira decisão de Fez para os efeitos práticos imediatos, liquidava a OLP, como tal, e negava-lhe o direito a um Estado soberano e autónomo.

Contudo, a OLP não ficou isolada internacionalmente, não ficou barrada no meio dos árabes moderados e dos norte-americanos, ao aceitar o plano Fez. Podiam, deviam, ter ido em seu

socorro, os irmãos árabes progressistas, mas falta a estes a delicadeza maquiavélica da diplomacia. E assim quem acorreu em socorro da OLP, quem lhe deixou mais portas abertas, foi a URSS, apresentando o chamado «plano Brejnev», repetição do plano de Fez, bandeira que acautela objectivos opostos aos dos «moderados árabes», mas que nem por isso os deixa de amarrar à sua falsa retórica...

Tal como todos sabiam, nunca o plano de Fez foi discutido. Aquilo que se discutiu na Jordânia entre Hussein e Arafat foi o plano Reagan, apresentado agora como «solução intermédia» para um dia mais tarde se alcançar o quase impossível, o plano Fez. Até ao último momento, Arafat pareceu ceder. Mas à OLP interessa tempo para viver, não para se suicidar. Chegando as negociações ao impasse (nascido da persistente recusa norte-americana em dar satisfação às exigências mínimas da OLP), esta conseguiu a habilidade de forçar o rei Hussein a romper ele as negociações, e de vir ela, OLP, a declarar publicamente o seu propósito de reencetar a

qualquer momento o diálogo com o irmão hachemita. E de seguida, Arafat lembrou ao mundo a existência do plano de Fez, o apoio político que este plano tem no mundo socialista. Percorrendo capitais do Leste europeu, a OLP confirma ainda que continua a contar com o auxílio solidário e o apoio da segunda maior potência mundial.

Ao mesmo tempo, Arafat explora, em proveito da sua causa, as divergências dentro da Europa Ocidental, e entre esta e os EUA. Consegue ainda jogar no tabuleiro egípcio, e, apontando para um futuro longínquo, manter vivo o diálogo com israelitas anti-sionistas. Em tudo isto, a OLP desbrava tempo.

O outro tempo

Nesta guerra pelo tempo, isto é, neste combate decisivo com os Golias sionisto-americanos, o David palestino leva a melhor. Porque o tempo do outro lado está a ser malbaratado, desperdiçado com as intransigências terroristas de Israel e com as cediências criminosas dos EUA.

Compreende-se que Israel, bem sabedor de que a ampu-

ta do seu lado se esgota com muito mais velocidade que a do lado inimigo, aproveite, sugue até ao tutano, o tempo que lhe resta, na tentativa de criar situações de não retorno. É uma luta estéril como o extermínio no Líbano já podia ter demonstrado aos israelitas. Mas tem a sua lógica, porque Israel sente o cerco apertar-se-lhe de todos os lados: do euro-occidental, do americano, do seu próprio interior.

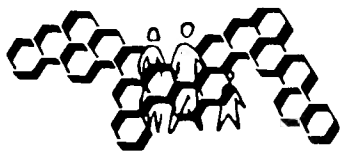
Do lado euro-occidental, cresce a impaciência ante a incapacidade americana e o extremismo israelita, que, segundo receiam os avisados capitalistas europeus, pode conduzir à vitória final de outros extremismos de sinal contrário.

Por isso, um recente relatório de notáveis da CEE apontava para o Mercado Comum a necessidade de seguir a sua via própria de solução pacífica para o conflito do Médio Oriente. Razão determinante para esse relativo afastamento em relação à ridícula passividade norte-americana: os europeus precisam mais de petróleo árabe que os americanos, e não estão para se sujeitar às dramáticas consequências que a cegueira sionista pode acarretar para todo o Ocidente. Este relatório por agora pode não levar a nada, mas é um bom indicativo do «estado de espírito» euro-occidental, estado de espírito, que, segundo se prevê, poderá tomar formas concretas (ainda que tímidas) na reunião dos ministros dos Negócios Estrangei-

ros da CEE, no fim deste mês, no Luxemburgo.

Do lado americano, porque os EUA tudo fazem para depender cada vez menos dos israelitas na concretização dos seus objectivos estratégicos no Médio Oriente. Esses objectivos estratégicos podem reduzir-se a um: a contenção do comunismo. Por duas vias: cercando a URSS de uma barreira de bases e Estados fortemente dependentes dos EUA para impedir uma hipotética «expansão territorial directa» soviética e travando todos os movimentos políticos-sociais no mundo árabe, capazes de pôr em causa a inserção total daquela zona na esfera de influência imperialista.

Ora, Israel tem, por sua vez, todo o interesse em que os EUA dependam de Telavive, como eixo da defesa estratégica do Ocidente na região. À medida que os norte-americanos forem assentando arraiais militares directos na zona (o que estão a fazer em ritmo acelerado no Líbano, depois de se terem instalado no Sinai) Israel vai perdendo importância e cedo se transformará naquilo que verdadeiramente é: um serventuário entre outros serventuários da potência tutelar. Por outro lado, a intransigência israelita, na medida em que bloqueia todas as saídas diplomáticas dos árabes moderados, coloca estes regimes em perigo e ameaça mesmo fazer com que alguns deles descreiam da tutela americana. Como se



POR UMA HABITAÇÃO DIGNA

**ASSOCIAÇÃO
DOS INQUILINOS
LISBONENSES**
Sede: Av. Almirante Reis, 12 — 1100 LISBOA
Telefs: 53 60 70/55 86 61

VIVA O 25 DE ABRIL!

Viver numa habitação condigna continua a ser um direito constitucionalmente consagrado e uma justa aspiração de muitas centenas de famílias.

O 25 DE ABRIL trouxe consigo a legítima esperança de que aquela aspiração seria, finalmente, uma realidade.

No entanto, dada a ausência de vontade política dos governantes para solucionar a «crise da habitação», esta agravou-se substancialmente.

Decorridos nove anos e em vésperas de ser formado um novo Governo, a concretização do Artigo 65.º da Constituição e a revogação das leis que ferem profundamente os direitos dos inquilinos, hóspedes e sublocatários, é uma exigência dos 55 000 associados da AIL e dos inquilinos em geral.

A caminho dos sessenta anos de existência, a AIL manter-se-á firme na luta por uma habitação digna para todos os portugueses e na defesa dos legítimos interesses e direitos dos seus associados.

- **POR UMA HABITAÇÃO DIGNA!**
- **NÃO AOS DESPEJOS!**
- **UM INQUILINO SOZINHO NADA PODE, JUNTOS SÃO UMA FORÇA! ASSOCIE-SE NA AIL.**

Lisboa, 19 de Abril de 1983

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

José Godinho

O ESTADO EA REVOLUÇÃO

V.I. LÊNINE



A doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na Revolução.

BIBLIOTECA DO MARXISMO-LÊNINISMO/12

edições
Avante!3ª
Edição

isso não bastasse, a ligação sionista existente entre sionistas e americanos, leva certos Estados árabes, a optarem, ainda que relutantemente, por alianças com a URSS. Depois da guerra do Líbano, a Síria — que parece ter-se afastado do canto de se-reia saudita — reforçou os seus laços militares com a URSS, e a Líbia prepara-se para assinar um acordo de paz e cooperação com Moscovo.

Isto é considerado uma séria derrota para os desígnios estratégicos de Washington, que, na sua loucura hegemónica, considera a zona como de «interesse vital» para os EUA.

Por fim, dentro do próprio território israelita a política maximalista de Begin está a causar sérios atritos. Facto significativo foi o que este ano se passou com as comemorações do 35.º aniversário da criação de Israel. Pela primeira vez, essa data se revelou insuficiente para congregar os ânimos israelitas, e o aniversário foi celebrado sob o signo da divisão, devido sobretudo aos projectos de recolónização judaica da Cisjordânia.

Ao analisar este evoluir do tempo, temos por vezes uma medida demasiado apressada para o aferir. Não devemos iludir-nos: a clareira da OLP é muito reduzida e vai ficar em grande risco com a paralisação que as eleições norte-americanas de 1984 começam já a impor ao poder decisório da Casa Branca. Para Israel

é essencial percorrer estes meses sem cedências porque durante 1984, o lobby sionista se encarregar de fazer toda a chantagem de que é capaz sobre a política norte-americana. Não devemos esquecer também que estes meses até 1984 representam um período extremamente delicado na conjuntura internacional, devido ao provável esta-

cionamento dos «euromissses», alguns deles, os da Sicília, apontados directamente contra alvos árabes.

Estes dois factores jogam a favor de Israel. Mas geram, em si próprios, outras tensões que o tempo há-de revelar.

Alguém nos dizia que «escrever neste momento sobre o Médio Oriente exige muita imaginação». É verdade. Mas também é certo que ser bruxo é tarefa mais fácil para quem escreve sobre o Médio Oriente. Sejamos, pois, bruxos de fácil adivinhação: por mais luzes que vejamos nos seus túneis de estimação os hipócritas ocidentais, não existe qualquer perspectiva de paz ou soluções para o conflito israelo-árabe nos tempos mais próximos. Ainda que as negociações do Líbano cheguem a bom termo, ainda que Arafat viesse, por outra guinada, a concordar no suicídio da OLP, ainda que os planos Reagan do Líbano e da Jordânia encontrassem qualquer princípio de aplicação prática, a paz não viria. A guerra continuará a ser o destino do Médio Oriente. E aquilo que se discute e negocia não tem nada a ver com a paz, nem sequer com a «pax americana». Aquilo que prosseguem todas as partes freneticamente envolvidas nos jogos de bastidores e de salões publicamente iluminados é apenas e simplesmente a conquista do tempo.

Infelizmente, nas circunstâncias actuais do Médio Oriente, só podemos contar com o tempo. Mas para isso há que dar tempo ao tempo. Quedemo-nos, pois, em solidariedade e grande admiração pelos palestinos que, na sua perigosa e limitada clareira, esbracejam, em aparente desorientação, só para darem tempo ao tempo.

Da Terra onde eu nasci

*tão lentamente
era o cair do dia
na boca da noite*

tanta coisa acontecia

*o mundo nesse tempo
nascia muitas vezes*

*não eram pássaros
nos ramos das árvores
era o teu coração
no vento*

*e as tuas mãos
transformadas em asas*

*quando pela manhã
subia às figueiras
era sempre a primeira vez
e os figos
eram sempre os melhores*

*na horta
o cabaz estava sempre cheio
e as minhas mãos também*

*nas árvores
os frutos não sabia às vezes
se eram pássaros
ou se eram os meus olhos*

*o teu coração
era um cavalo
à procura do prado
ou do céu por voar*

*quando ias às uvas
e subias o muro*

*a cabra
tinha um pelo tão macio
mar para as nossas mãos
olhos para o nosso coração
se enternecer*

*e ainda
sonho com que hoje visto
a minha imaginação
não com saudade*

mas

com um antigo sempre modo de querer

*os gatos
não eram só gatos
mas esses gritos à noite
que eram os fantasmas
com que tu povoavas
os quartos escuros*

*escuros
e cheios de barcos a voar*

*ainda não é hoje o dia de amanhã
ou já foi
quando tu te debruçavas
e dançavas
com a farinha e a água*

*esses dias ainda são estes
e serão outros que hão-de vir
sempre o azul há-de habitar
o mundo
e os olhos*

poemas
de
José
Vultos
Sequeira

VISITE A CHECOSLOVÁQUIA

JULHO — 9 a 21

Praga e Região dos Tatras,
Lidice.

AGOSTO — 6 a 18

Praga, Medlov, Lidice.

Todas as despesas incluídas.
Visitas sociais e programa cult.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
RUA ARTILHARIA UM, 105-4.º — TEL. 68 85 87 — LISBOA
EM COLABORAÇÃO COM A AG. MUNDIRAMA

INATEL

TURISMO SOCIAL

Informam-se os interessados que ainda existem vagas para as seguintes excursões a realizar nos meses de Abril e Maio:

- N.º 59 — Barragens do Cávado (Trás-os-Montes)
De 29/4 a 1/5 5.430\$00
N.º 61 — Fig. Foz, Luso e Buçaco — Dia 30 .. 1.270\$00
N.º 539 — Feira S. Isidro (Madrid)
Dias 14 a 17/5 8.360\$00

— Informações e reservas: Secção de Turismo Social
— Calçada de Santana, 180-3.º andar — Telefone 538871



1923-1983

A Aeroflot convida-o a visitar Moscovo, Leninegrado, Kiev e Minsk, algumas das mais bonitas cidades do nosso Planeta. Aeroflot a maior companhia aérea do mundo, transporta anualmente mais de cem milhões de passageiros.

A distância total das rotas aéreas da companhia soviética passa de 1 milhão de km.

As linhas da Aeroflot unem a URSS com mais 94 países.

Através de Moscovo, importantíssimo centro de comunicações internacionais chegam a Leninegrado os aviões procedentes da Ásia, África e América.

**AEROFLOT DESEJA-LHE
BOA VIAGEM**



Alemanha Federal

Ministra democrata-cristã contra restrições ao comércio Este-Oeste

A ministra da Economia do estado da Baixa Saxônia, Birgit Breuel, da União Democrata-Cristã (CDU, no governo), pronunciou-se contra qualquer restrição do comércio com os países socialistas.

Numa entrevista a uma estação de rádio, Breuel indicou que medidas deste tipo seriam «funestas» para a economia alemã-ocidental e criticou propostas feitas neste sentido pelo governo dos Estados Unidos.

A política democrata-cristã precisou que uma diminuição dos contactos comerciais com os países socialistas, e particularmente com a República Democrática Alemã (RDA), «colocaria em jogo a subsistência de mais de 600 médias e pequenas empresas só no estado da Baixa Saxônia, o que contribuiria para agravar além do mais a já crítica situação do mercado laboral».

Breuel recordou na sua entre-

vista que a recentemente concluída feira industrial de Hannover — que se realiza na Baixa Saxônia — impulsionou o desenvolvimento do intercâmbio comercial entre os dois estados alemães, que, no ano passado, havia registado já um aumento de 13 por cento.

Entre os acordos concertados entre os dois países destacam-se convênios de cooperação em países terceiros, bem assim como uma maior colaboração no domínio energético, designadamente pela participação de empresas alemãs ocidentais na construção de uma parte do gasoduto que abastecerá Berlim-Ocidental de gás natural proveniente da Sibéria.

«Avanços como os já registados e como os que nos propusemos neste terreno não devem ser parados com medidas de teor restritivo, que além disso, não ajudariam a solucionar os proble-

mas políticos existentes» especificou Breuel.

A ministra do governo da Baixa Saxônia foi sempre uma tradicional defensora do desenvolvimento das relações este-oeste, representando uma ala do seu partido, integrada fundamentalmente por políticos do Norte da RFA, que, contra a opinião da maioria CDU, já em 1972 apoiou a política de desanuviamento implementada pelo então chanceler social-democrata, Billy Brandt.

Tanto Birgit Breuel como Walter Leisler Kiep, outro dos membros da direcção democrata-cristã partidária desta linha, efectuam todos os anos visitas à RDA, por ocasião da Feira Industrial de Leipzig, considerada em Bona como a outra face da Feira de Hannover.

Não é de afastar que à medida em que surjam conflitos entre ambos os Estados alemães — como o ocorrido recentemente

em torno da morte de um cidadão alemão-ocidental durante um interrogatório da polícia fronteiriça da RDA — uma agudização das divergências entre os diversos sectores da CDU a este respeito.

O líder da ala mais conservadora dos democratas-cristãos, o ministro presidente da Baviera, Franz Josef Strauss, manifestou-se partidário de uma política «mais dura» face a Berlim-Este e pediu já uma entrevista com o chanceler Helmut Kohl «para tratar de problemas de política externa».

Strauss foi criticado recentemente pelo ministro federal da Economia Otto Lambsdorff, do Partido Liberal (FDP) — outro explícito partidário do comércio com os socialistas — que o instou a praticar uma política «mais prudente e menos vociferante», em relação a Berlim-Este.

Publicado no Brasil em 1960

Artigo de Humberto Delgado sobre o assassinio do capitão Almeida Santos

«Dissertação sobre um crime» — assim, José Cardoso Pires, designou o seu romance «Balada da Praia dos Cães». Do achado de um cadáver semi-sepultado numa praia, parte a ficção. As personagens de «Balada da Praia dos Cães» são todas personagens literárias, ou seja, como o escritor explica: «dissertadas de figuras reais». O livro é romance, e não reportagem ou reconstituição histórica. Todavia houve um crime e o livro recorda esse crime, é, o seu propósito, uma «dissertação».

Neste terreno movediço entre a «ficção» e o «aparecimento», publicamos um texto, praticamente desconhecido: um artigo do general Humberto Delgado, então exilado no Brasil, sobre o aparecimento de um cadáver que se suspeitou, e se confirmou, ser o do capitão Almeida Santos. Do «Estado de São Paulo» o reproduzimos. A indicação do jornal e da data, são do punho de Humberto Delgado.

Estado de São Paulo
PÁGINA NOVE

O Exército português perante um cadáver

GEN. HUMBERTO DELGADO

No passado dia 2, o Radio interrompeu os seus programas para comunicar, entre diversas notícias de somenos importância, que na praia do Guincho, perto de Lisboa, dera à costa um cadáver que se suspeitava ser o do capitão Almeida Santos. Pouca gente haverá ligado importância ao caso. Era mais um entre milhares...

Houve, porém, no Brasil, um coração fortemente angustiado. E compreende-se. Esse capitão, embora fosse oficial de cavalaria, frequentara incidentalmente, durante algum tempo, a cadeia que, como catedrático, regiu no curso de Aeronáutica da Escola do Exército. Ficou-me devotado para a vida, cooperando mais tarde comigo em assuntos que não podem ser agora trazidos a lume.

Ainda que não se saiba ao certo neste momento se o moço oficial está vivo ou morto, parece necessário esclarecer desde já o Povo Português e a opinião pública internacional acerca do que se oculta para além da laconica informação das agências noticiosas. Exige-se um inquerito sério! O corpo que apareceu é ou não o do capitão Almeida Santos? Como morreu? Quem o matou? A PIDE?

No domingo, dia 3, leio num jornal uma notícia de dez linhas, repetindo o que o Radio dissera na véspera. Sabenta-se que este oficial era um dos evadidos da prisão militar de Elvas, em dezembro último, onde estava encarcerado por atividades políticas contra o regime.

Ora, o articulista deve ser o general que melhor conhecia o pensamento e a energia do capitão Almeida Santos. E basta-lhe conhecer esse pensamento, que o oficial não escondia, para saber que haveria grande interesse em liquidá-lo, desde que o público o ignorasse e continuasse persuadido de que o moço rebelde estava escondido no país ou no estrangeiro.

O oceano, pela sua imensidade, era lugar apropriado. Só que, por vezes, se ri dos criminosos impunes, depositando nas praias, inesperadamente, corpos de delito — os cadáveres.

Ocorre lembrar o procedimento da Força Aérea Brasileira quando as balas dirigidas contra Carlos Lacerda mataram o major que o acompanhava. Ferida coletivamente, a Força Aérea atuou como corporação una e coesa, e de tal forma o seu espírito de solidariedade se manifestou, que a história contemporânea do Brasil se precipitou de forma inesperada.

Radicalmente oposto à intromissão das forças armadas na política, como repetidamente tenho afirmado, mais oposto sou ainda a que elas sirvam de polícia protetora de assassinos, como hoje está acontecendo em Portugal, ao dar-se com Salazar o fenómeno normal de todos os ditadores, bons ou sofríveis

nos primeiros anos para gradualmente se tornarem despoticos e corruptos.

Ora, sente-se que o Exército Português está desvirilizado por uma política pertinaz e adequada: trinta e um anos de Salazar e vinte e dois de Santos Costa, o ministro de quem eu, no decurso da campanha eleitoral de 58, disse que «se promovera ele proprio de capitão a coronel, sem um dia de quartel». Tantas são já as desconsiderações suportadas por esse Exército, ou melhor dizendo, pelas Forças Armadas, que bem pode ser que este caso do cadáver represente a gota de água que transbordará o oceano das injurias e humilhações recebidas.

Vai o Exército Português ficar de braços cruzados, sem exigir que se saiba se o cadáver encontrado no Guincho é o do capitão Almeida Santos? E se a notícia se confirmar, vai permanecer quieto, sem exigir inquerito levado a efeito por autoridade que não poderia ser a Polícia Política, para averiguação da causa da morte?

Admitamos que o Exército finja negligentemente que não sabe do aparecimento do cadáver. Há, porém, um oficial, o marechal Craveiro Lopes, ex-presidente da República, que não pode ficar indiferente. E não pode pelo seguinte: Craveiro Lopes fora escolhido por escassa meia dúzia de pessoas para disputar mais uma vez, em 1976, a presidência da República. Quando Salazar, premido por Santos Costa, resolve que Craveiro Lopes não seja reeleito, mais cresceu o ódio deste, já velho, ao ministro da Defesa. Surge, então, entre um grupo de oficiais a ideia de aproveitar esta situação psicológica. Em vez de revolta armada, fazer-se um pequenino golpe de Estado encabeçado pelo proprio presidente da República. Salazar ficaria, mas tirava-se do tabuleiro uma pedra: Santos Costa.

Portanto, se Almeida Santos foi cúmplice de Craveiro no golpezinho de Estado, cumpre a este vir a terreiro exigir um inquerito e a punição dos assassinos — se os há.

FEDERICO ALESSANDRINI, vice-director do «Osservatore Romano», foi nomeado «Camareiro de Capa e Espada» pelo Papa.

O EX-GENERAL DE DIVISÃO Humberto Sosa Molina, que foi ministro da Defesa durante o regime peronista, faleceu anteontem em Londres, localidade situada a cem quilómetros de Buenos Aires, para onde se retirara.

JOALHEIRIA

Casa Casta

PRACA DA REPUBLICA, 276

Entre 8. Itap. e 24 de Maio

Praca da Republica, 276

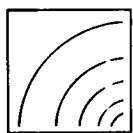
com **Candy**
a vida tem qualidade

«Com

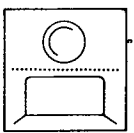
Candy

a lavar loiça
posso fazer
o que realmente gosto.
Brincar com o filho...
namorar o marido... conviver.»

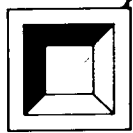
Máquinas de lavar loiça Candy
a qualidade ao seu serviço
para que a sua vida tenha mais
qualidade.



PAINÉIS DE
ISOLAMENTO DE SOM



DIFERENTES ACÇÕES
DE LAVAGEM
Duas zonas de lavagem
vigorosa para panelas
e suave para oças e vidros



EXTERIOR COMPACTO
FÁCIL DE INCORPORAR
O design da máquina permite
uma grande harmonia com
a decoração da cozinha

SUL: NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

NORTE: SANTOS GUIMARÃES+OLIVEIRA, S.A.R.L.

Novas estratégias japonesas

1 - A barragem do Pacífico

Alain Jacob Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

As novas orientações da política de defesa do Japão não suscitam somente vivos debates na opinião pública japonesa. Elas estão, igualmente, na origem de uma polémica cada vez mais acerba entre Tóquio e Moscovo. Em resposta a Gromyko, que, na semana precedente, denunciara a existência de armas nucleares no Japão, a Comissão dos Negócios Estrangeiros do Partido Liberal Democrata Japonês qualificou, no dia 8 de Abril, «infundadas e insensatas» as acusações do chefe da diplomacia soviética.

Na véspera da sua chegada a Tóquio, no dia 10 de Abril, o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Kapitsa, também denunciou, vigorosamente, na sua passagem por Singapura, a nova «militarização do Japão».

Nakasone não inventou a nova política de defesa do Japão e, menos ainda, o renascimento do militarismo japonês. Deu, porém, a um conjunto de programas, em preparação ou em aplicação, há mais ou menos tempo, um impulso totalmente novo e que nos dá a impressão — tanto mais sensível quanto se segue a anos de hesitações — de um empenhamento resolutivo na via de um tipo de responsabilidades inédito.

As grandes etapas do processo anterior foram balizadas por acontecimentos externos que trouxeram modificações profundas ao meio internacional, ao qual Tóquio se sentia na obrigação de se adaptar. O clima da guerra fria, agravado pela guerra da Coreia, contribuiu, de modo essencial, para estabelecer e reforçar os elos nipo-americanos em matéria de segurança e foi, igualmente, a partir dos anos 50 que nascem, na sua primeira forma, as «forças de auto defesa» japonesas.

Depois de anos de desanvia-mento, um novo impulso é dado, nos anos 70, tanto através da doutrina Nixon, que convida os «protegidos» dos Estados Unidos a tomar uma parte mais activa na defesa da sua própria segurança, como de desempenho regional americano que se seguiu ao fim da guerra do Vietname. E em 1976 que se realiza, em Tóquio, de um modo significativo, um «programa geral» de fortalecimento da defesa nacional que, na altura, ainda não tem nenhum calendário específico de realização.

Terceira etapa: a deterioração das relações Este-Oeste, caracterizada por crises tais como a do Afeganistão, o aparecimento de novas zonas de instabilidade, estranhamente, no golfo, e o crescimento do poder militar soviético — traz consigo novas transformações nas relações de defesa com os Estados Unidos. Estas relações deixam de ser, exclusivamente, de sentido único, como o previa o Tratado de Segurança de 1951, para se orientarem para formas de cooperação militar acordadas entre ambos. A noção de «estudos conjuntos» foi aceite desde 1978, mas é em 1980 que as forças japonesas participam, pela primeira vez, em manobras navais colectivas, juntamente com navios americanos, canadianos, australianos e neo-ze-landeses; só em 1982 tiveram lugar em território japonês as primeiras manobras terrestres nipo-americanas.

Entretanto, é certo que os japoneses viram desenvolver-se à sua porta, linhas avançadas de um dispositivo presumivelmente hostil, na Sibéria Oriental em volta do mar de Okhotsk e até ao Vietname, com a abertura em Danang e em Camranh de «facilidades» novas dadas à frota e à aviação soviéticas.

Defesa do território...

Vários meses antes de Nakasone se tornar primeiro-ministro, são ultrapassadas algumas etapas decisivas: em Julho de 1982 a adopção de um plano de cinco anos (1983-1987) para a renovação das Forças Armadas japonesas, e, em Setembro seguinte, conversações no Pentágono com Soichiro Ito, ministro de Estado e director da agência japonesa de defesa. Vários projectos impor-

tantes foram tratados nessa ocasião, em especial o de instalar, na base de Misawa, no extremo Norte da ilha de Honshu, uns cinquenta caças F-16 suplementares, assim como a criação de trabalhos conjuntos sobre a protecção das linhas de comunicação marítimas. Na mesma época, os serviços competentes da administração japonesa já se declara-

ram favoráveis à cedência aos Estados Unidos das tecnologias de uso militar que possam interessá-los — projecto este que, em todo o caso, só seria aprovado pelo gabinete de 14 de Janeiro de 1983.

O terreno está, pois, preparado quando Nakasone toma, em Novembro de 1980, a direcção do Governo. Tanto que, diz-se por

vezes, a sua ascensão ao poder se traduziu, principalmente, pelo emprego de novas fórmulas em matéria de defesa — especialmente a fórmula em que descreveu o seu país como «um porta-aviões insubmersível», em face dos bombardeiros soviéticos Backfire — mais do que por actos realmente inéditos.

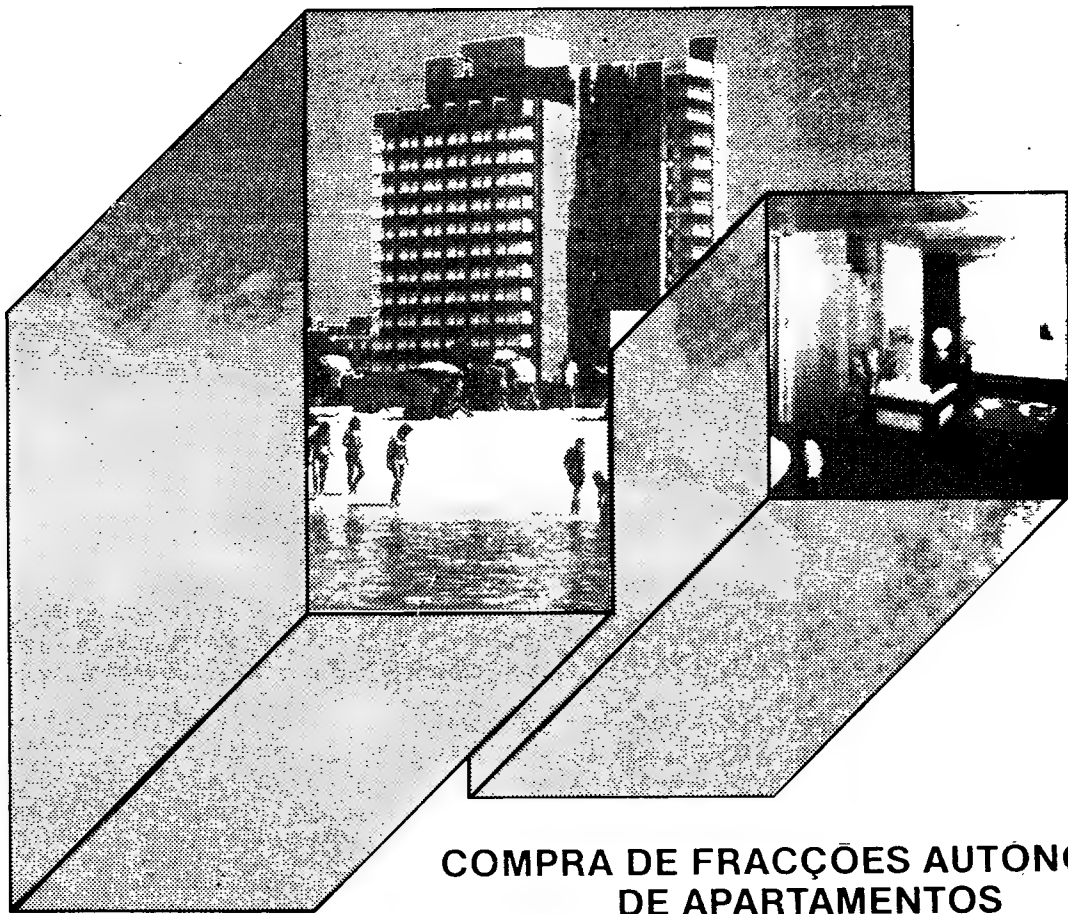
Isto não é totalmente exacto,

na medida em que, o primeiro-ministro japonês parece agir num espírito completamente diferente do dos seus predecessores. Enquanto que estes últimos se ocupavam a limitar, a refrear, uma política de empenhamento militar que lhes era imposta, tanto pelas circunstâncias como pelas pressões, cada vez mais fortes, dos Estados Unidos, Nakasone avança com deliberação nessa via, precedendo, ocasionalmente, não só uma opinião pública e um Parlamento reticentes, mas, também, reformas constitucionais ainda fora do seu alcance.

É sob este ponto de vista que o que se diz tem tanta importância como o que se faz. visto as palavras prepararem inflexões políticas importantes que já se reflectem fortemente quer nos estudos dos peritos quer nas conversações em curso com os Americanos.

Continua na pág. 17

SEJA PROPRIETÁRIO DAS SUAS FÉRIAS COMPRE EM ESPAÇO T



COMPRA DE FRACÇÕES AUTONOMAS DE APARTAMENTOS

A FRACÇÃO AUTONOMA DE UM APARTAMENTO TURISTICO funciona no regime de propriedade horizontal, devidamente fraccionada, não por segmentos horizontais mas por quotas-partes temporais.

Desta forma, as pequenas e médias poupanças poderão participar, com total segurança, na jovem e rigorosa indústria do turismo, tornando-se proprietárias de fracções de Apartamentos Turísticos.

AS FRACÇÕES AUTONOMAS DE APARTAMENTOS TURISTICOS são vendidas por escritura notarial e registadas a favor do comprador na respectiva Conservatória do Registo Predial, e servadas, com as necessárias adaptações, as regras vigentes para a propriedade horizontal, constando do seguinte:

- O início e o termo de cada período semanal (1/52 avos) a que corresponde a fracção autónoma do apartamento;
- b) — Os direitos do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
- c) — Os deveres do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
- d) — Os poderes e deveres da empresa turística que administra o imóvel.

O proprietário da FRACÇÃO AUTONOMA DO APARTAMENTO TURISTICO poderá onerá-la ou aliená-la, bem como ceder o seu direito de habitação periódica.

A administração do edifício, incluindo as suas fracções autónomas, respectivos equipamentos e recheios, incumbem à empresa turística que administra o imóvel. O seu preço varia segundo a estação do ano, de acordo com as tabelas turísticas que determinam o preço de aluguer dos apartamentos turísticos em que as fracções estão inseridas.

Em Portugal considera-se o ano turístico dividido em três estações:

ESTAÇÃO BAIXA: Janeiro, Fevereiro, Março, Novembro e Dezembro.

ESTAÇÃO MEDIA: Abril, Maio, Junho e Outubro.

ESTAÇÃO ALTA: Julho, Agosto e Setembro.

Poderá comparar-se um ano turístico com um prédio de andares, com apartamentos todos iguais, mas com preços de venda e rendimentos diferentes, de andar para andar, correspondendo cada andar a uma Estação Turística. E assim como um prédio pode ser vendido em propriedade horizontal, andar por andar, um apartamento turístico pode ser vendido semana a semana, formando os seus proprietários um condomínio de 1/52 avos; isto é, uma FRACÇÃO AUTONOMA DE APARTAMENTO.

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURISTICOS ESPAÇO T

NOME _____

MORADA _____

COD POSTAL _____ LOCALIDADE _____

_____ TEL. _____

Corte e envie para ESPAÇO T, Av. Duque de Loulé, 24
1098 LISBOA CODEX

ESPAÇO T — um departamento TORRALTA

AUTOCOOPE

COOPERATIVA DE TÁXIS DE LISBOA

**7.º
ANIVERSÁRIO**

18/3/76



18/3/83

SERVIÇO DE **TÁXI**
RÁDIOTELEFONE 65 91 51/8**150 TÁXIS
AO SERVIÇO DA CIDADE
DE LISBOA**

com

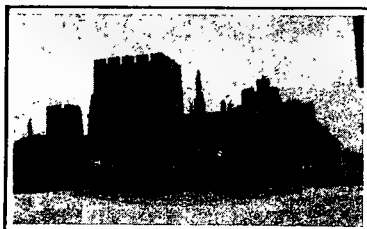
Abril

saúda os estimados clientes

AUTOCOOPE foi e será obra dos trabalhadores**CÂMARA MUNICIPAL
DE REGUENGOS
DE MONSARAZ**

Rua típica da histórica Vila de Monsaraz

Vila alentejana que, com o seu carácter medieval e a sua integridade histórica, constitui jóia única do nosso património monumental. A par disso poderão admirar e extasiar-se com a sua rústica simplicidade, a sua luminosidade excepcional e os admiráveis panoramas que de lá se disfrutam.

VISITE MONSARAZ**CÂMARA MUNICIPAL
DO CONCELHO
DE ALVITO****PODER LOCAL
DEMOCRÁTICO**

Naquele Abril alcançado
Em cada Abril esperado
Neste Abril reforçado

25 DE ABRIL DE 1983**O POVO
É QUEM MAIS ORDENA****SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E IMPRENSA CMA****CÂMARA MUNICIPAL
DA AMADORA****COMEMORAÇÕES
DO 25 DE ABRIL**

- **Dia 25 de Abril, 9 horas** — Içar da Bandeira Nacional na CMA (com fanfarra dos Bombeiros)
- **Estafeta 25 de Abril** — em data a definir
- **Manhãs infantis** (cinema e palhaços) — dia 1 de Maio.

E ainda:

- **Exposição colectiva de Artes Plásticas**, na **Galeria Municipal** — inauguração: dia 21/Abril, às 21.30 horas (mantém-se até 22 de Maio).
- **Concurso de desenhos** alusivos ao 25 de Abril, nas escolas do município.

DESPORTO

Desporto é para todos

TAMBÉM o Desporto não poderia deixar de ser influenciado pelos ventos renovadores do 25 de Abril. Não tanto quanto muitos desejariam, mas o suficiente para que a maioria sentisse a diferença.

Massificação das actividades desportivas, ou seja colocar a prática do Desporto ao alcance de todos, era a meta para que se julgava apontar o ideário da «Revolução dos Cravos» e em certa medida passos importantes, imediatamente ao 25 de Abril de 1974, foram efectivamente cumpridos.

Todavia, é visível que a meta está muito longe de ter sido alcançada e, pelas vias que se tem seguido nos últimos anos, não se nos afigura provável alcançá-la. A curto ou mesmo a médio prazo.

Na altura em que se comemora mais um aniversário do acontecimento histórico mais significativo para os portugueses nos últimos cinquenta anos, importa reflectir, no que toca ao Desporto, sobre os principais aspectos motivadores da evolução verificada na área desportiva do nosso país.

À «explosão» que se seguiu a Abril de 74, começou por corresponder a acção inovadora das organizações populares, que entretanto foram surgindo no «país novo»: comissões de moradores e de trabalhadores, em consonância com as colectividades e os órgãos autárquicos finalmente geridos democraticamente.

Assistiu-se, então, às primeiras tentativas de massificação do Desporto, organizando-se, um pouco por toda a parte, corridas pedestres com larga participação, enquanto se mobilizavam esforços e verbas no sentido de pôr crianças, jovens e menos jovens, a fazer ginástica, a nadar, a jogar volei ou andebol, mais pela determinação de alargar progressivamente as práticas desportivas a um maior número de cidadãos do que a pensar no imediato qualitativo.

Foi tempo, então, de se verem em Portugal coisas até há pouco conhecidas apenas das revistas estrangeiras ou do cinema: centenas, milhares, de norte a sul, do litoral ao interior, a correrem para uma meta comum, numa comunhão de ar puro, de sorrisos, de suor, de amizade, de esperança num futuro melhor...

Poderá agora dizer-se que foi tudo feito «em cima do joelho». Que os primeiros entusiasmos se iriam naturalmente diluir por falta de estruturas, de planos, de bases legais, de técnicos qualificados, de material adequado, de recintos minimamente equipados, de verbas asseguradas pelas vias «competentes».

Admitamos que pudesse ser um pouco assim. Mas só e apenas um pouco. Porque os alicerces estavam lá. A ideia-mãe do **Desporto de massas** despontava em Portugal com o 25 de Abril.

A verdade é que como já referimos se a meta proposta não foi atingida nem se vislumbra que o venha a ser tão depressa, não é menos verdadeira a convicção de que continua a ser positiva a herança recebida pelos «carolas» revelados pelo «25 de Abril».

Os frutos estão aí para quem tenha olhos e queira ver: apesar dos contratempos, das más vontades, dos boicotes ou das alegadas dificuldades orçamentais, a vontade popular (agora mais organizadamente veiculada pelos organismos representativos das massas) ainda consegue ultrapassar, no essencial, o contra vapor oficial. Lutando, recuando aqui, avançando acolá, mobilizando, esclarecendo, mostrando como é, não desistindo aos primeiros reveses, o **Desporto para todos** que o «25 de Abril» queria ainda não morreu em Portugal. Nem morrerá.

Hoje e no 1.º de Maio que se avizinha, vão estar largos milhares nas estradas e recintos desportivos deste País, a demonstrar como é possível. Apesar das dificuldades impostas pela estreiteza de ideias dos organismos oficiais, as colectividades populares, as Uniões de Sindicatos, a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, estarão mais uma vez na base das mais belas e participadas iniciativas desportivas.

Longe da meta, repetimos. Mas perto, cada vez mais perto, do caminho que o Desporto terá definitivamente que trilhar, quando os responsáveis se aperceberem da função basilar que nas sociedades modernas o **Desporto como direito de todos** pode e deve desempenhar.

Rodrigues Borges

Propaganda do desporto na Televisão soviética

O desporto ocupa posição de relevo na programação televisiva da URSS, sendo de sublinhar, por curiosidade, que no respeitante ao futebol a TV soviética nada precisa de pagar à respectiva Federação pelas transmissões realizadas.

Com efeito, representantes da TV e da Federação reúnem-se nas vésperas do início de cada temporada futebolística a fim de elaborarem o «mapa» das transmissões, no qual se incluem os jogos ao nível europeu de clubes no âmbito mundial de selecções.

Claro que o facto de a TV proceder à transmissão de espectáculos desportivos exerce alguma influência no número de espectadores que habitualmente afluem aos estádios.

Mas deve salientar-se que, no caso concreto do futebol, mais de um milhão de pessoas assistiram «ao vivo» aos jogos do Dinamo de Tbilisi, por exemplo, na época passada, sendo de recordar que o clube tinha conquistado a Taça dos Vencedores de Taças na temporada anterior.

De acordo com dados disponíveis, 231 encontros do último Campeonato da URSS foram presenciados por 4 857 033 espectadores, o que proporciona uma média de vinte mil pessoas por jogo.

Isto, note-se, não obstante a TV transmitir dois ou três encontros, do campeonato ou da Taça, desde que, obviamente, se não efectuem no mesmo dia.

De resto, os jogos menos interessantes são englobados num programa com trinta minutos de duração, denominado «Futebol em Revista», que mostra os lances mais emocionantes de cada encontro.

No que diz respeito ao espectáculo «ao vivo», registe-se, já agora, que o preço de cada bilhete varia entre um rublo e um rublo e meio (cerca de 150\$00).

Contudo, há bilhetes especialmente destinados a estudantes ao preço unitário de vinte copeques (o rublo tem cem copeques) e muitos estádios emitem caderetas de bilhetes por assinatura para a totalidade ou apenas metade da temporada, o que proporciona um desconto de dez por cento em cada entrada.

Entretanto, a televisão soviética mantém «no ar», semanalmente



Antigo campeão europeu e mundial por várias vezes, Eugueni Maiorov é hoje um dos principais comentadores de hóquei sobre gelo da Televisão da URSS (Foto Novosti)

há mais de uma década, o programa «Escola de Xadrez», cuja duração é de trinta minutos.

Segundo um dos seus principais responsáveis, o «grande-mestre internacional» Iuri Averbakh, «bem se sabe de como, hoje em dia, a televisão supera os demais órgãos de Comunicação Social, tanto no que respeita ao número de espectadores como no que se refere à força da sua influência junto da «opinião pública», pelo que, naturalmente, entendemos ser fundamental que o xadrez disponha de um «porta-voz» tão poderoso».

De resto, esclarece Averbakh que «o ensino do xadrez por intermédio da televisão foi organizado pela Redacção Central de Programas de Divulgação da Cultura e da Ciência, juntamente com o ensino de línguas (russa e estrangeiras), literatura, matemática e física, o que traduz bem quanto reconhecido é o xadrez como importante factor de carácter cultural, como eficiente meio de formação».

Evidentemente que a televisão «Escola de Xadrez» concita a atenção de muitos milhões de cidadãos, cujas idades estão compreendidas entre os sete e os setenta anos.

Aliás, o programa não apenas ensina na prática da modalidade como divulga pormenores essenciais da ciência pedagógica, entre outros temas, tendo por objectivo primordial encontrar os métodos de ensino mais adequados.

Actualmente, há três escalões de aulas por programa: «Principiantes» (do «mestre» Boris Sachine), «Xadrezistas de Competição» (dos «grandes-mestres internacionais» Iuri Averbakh e Alexandre Kotov) e «Estudiosos da Disciplina» (do «mestre internacional» Iuri Belavenets).

As aulas incluem teoria do xadrez e, no termo de cada uma, são passados «exercícios-de-casa», sendo a sua revisão da responsabilidade de um grupo de «mestres» chefiado pela ex-campeã do mundo Elena Bikova.

De realçar, a propósito, que a TV recebe, mensalmente, dezenas de milhares desses «exercícios-de-casa».

Os programas são, de resto, elaborados de tal modo que, após três anos de estudo, o «principiante» pode atingir o nível do xadrezista classificado como de «segunda categoria».

Curiosamente, eleva-se a mais de cem mil o número de alunos

que, ao longo dos últimos dez anos, ascenderam a níveis superiores de qualificação.

As emissões televisivas da «escola de Xadrez» não se limitam, porém, às aulas: é fornecida, também, informação completa sobre os acontecimentos esportivos ocorridos não só no país como no estrangeiro.

Torre de TV de Ostankine: renovar para desenvolver!

De frisar, por outro lado, que um novo programa da televisão soviética, cuja emissão se prevê ainda para este ano, será assegurado pelo novo transmissor que está a ser instalado na conhecida torre de Ostankine.

A montagem do novo emissor de TV é da responsabilidade de uma firma checoslovaca, a «Tesla».

A nova programação irá, naturalmente, abranger também a dinamização do fenómeno desportivo.

Inaugurada há 15 anos, a Torre de Ostankine demorou cerca de seis anos a construir, possui 540 metros de altura e assume-se como um dos principais símbolos da capital da URSS.

Bernd Drogan: história de um campeão

Quase dois milhões de adeptos do desporto na RDA tomaram parte no inquérito do jornal juvenil «Junge Welt», relativo ao apuramento dos desportistas do ano de 1982. No que se refere aos homens, a escolha recaiu sobre Bernd Drogan (de 27 anos) que ganhou o título de campeão do mundo na disciplina de ciclismo em estrada, em Agosto de 1982, em Goodwood (Grã-Bretanha). Este triunfo colocou-o numa alta cotação entre os milhões de entusiastas do desporto da RDA, pois o ciclismo em estrada é popular neste país. Muitos relacionam isso com a lembrança de Gustav-Adolf Schur (hoje com 52 anos) que alcançou os primeiros grandes êxitos internacionais do jovem desporto da RDA com os seus dois triunfos nos campeonatos do mundo de 1958 e 1959.

O campeão do mundo de 1982 é de Döbern, uma pequena cidade perto da fronteira com a República Popular da Polónia. Esta cidade goza, dentro e fora da RDA, duma boa fama, especialmente por parte dos amigos

de cristais brilhantes. É, aliás, aqui que se produz o valioso cristal de rocha «Made in GDR». A mãe de Bernd Drogan é uma das habilidosas polidoras de cristal que criam decorações encantadoras para travessas, jarros e pratos. O pai de Bernd Drogan tem, como ele mesmo diz, o mais bonito trabalho do mundo: constrói casas como operário de montagem.

Bernd Drogan tinha dez anos quando o seu pai, um futebolista apaixonado, lhe perguntou: **Então, menino, não queres entrar no grupo desportivo da tua escola?** O pequeno entusiasmou-se com a ideia e começou a participar, tendo a sorte de encontrar no seu professor de desporto, Helmut Radochla, um homem que, como treinador da secção de ginástica do clube desportivo de Döbern, andava sempre em busca de talentos. Foi assim que em breve o filho da família Drogan passou a fazer exercícios de ginástica. **Ele tinha jeito para estes exercícios,** recorda o seu então professor de desporto.

Helmut Radochla, entretanto com 70 anos, vive, como muitos milhares na RDA para o desporto. Como monitor (a título honorífico) dum grupo de ginástica, ainda hoje entusiasma os jovens para a ginástica. Um dia, quando Helmut Radochla buscava rapazes para representar a cidade de Döbern numa das provas da «Minicorrída da Paz» realizadas em todos os concelhos da RDA, sempre em Maio, altura da grande Corrida da Paz (prova de ciclismo de longa distância, Varsóvia-Berlim-Praga, em que Portugal tem participado) interessou-se por Bernd. Este recebeu da escola uma simples bicicleta com que passou a treinar zelosamente durante umas semanas: saiu vencedor, o que encheu de alegria os seus condiscipulos e professores. Quando Bernd Drogan, dois anos mais tarde, venceu a final da RDA da «Minicorrída da Paz», desviou o seu entusiasmo da ginástica.

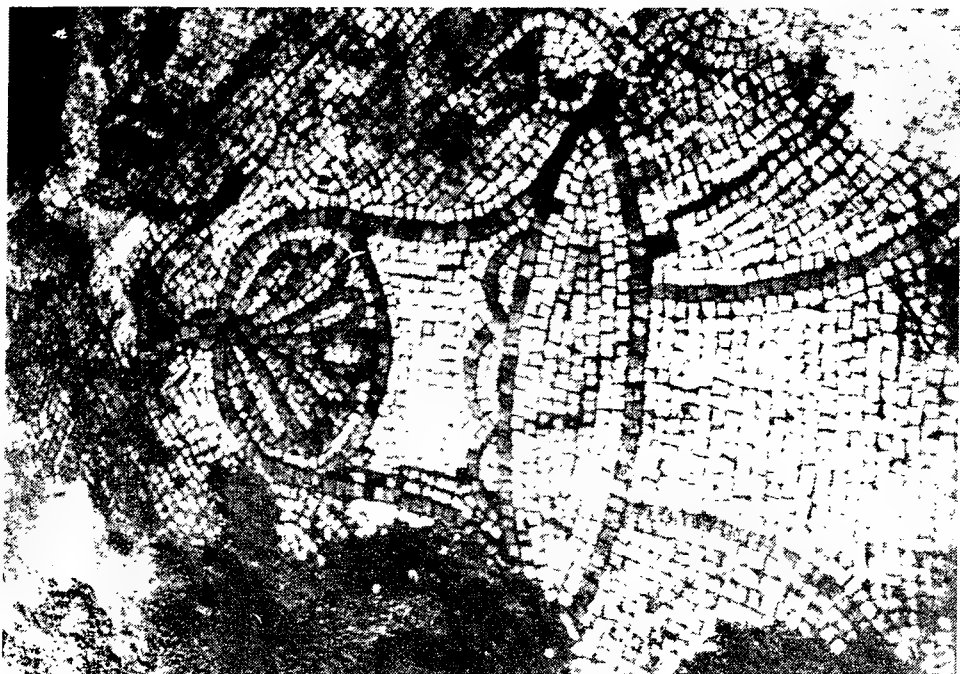
Decidi solicitar a entrada na secção de ciclismo da cidade de Forst, perto da nossa.

Admitiram-me e todos os dias depois da escola, como rapaz de 13, 14 anos, percorria de bicicleta os 15 km até ao local do treino, diz Bernd Drogan sobre o início da sua carreira.

Mas, em Frost só ficou pouco mais de um ano. O talento do rapaz de quase 15 anos não passou despercebido aos treinadores do clube desportivo de Cottbus. O aluno de Döbern mudou-se então para o internato em Cottbus: ia da parte da manhã às aulas de preparação para o exame pré-universitário e, de tarde, treinava em bicicleta de corrida, fosse qual fosse o tempo que fizesse. Ainda como ciclista juvenil, Drogan ganhou grande quantidade de prémios e somente com 19 anos passou a ser membro da equipa nacional da RDA. Porém, por mais ascendente que pareça a sua carreira desportiva, esta nem sempre foi percorrida de êxitos. Depois da sua segunda partida para a «Corrida Paz», com 2000 km de distância, rompeu duma vez o seu desfiar de sucessos.



CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA



Pavimento da «villa» romana descoberta recentemente perto de Baleizão

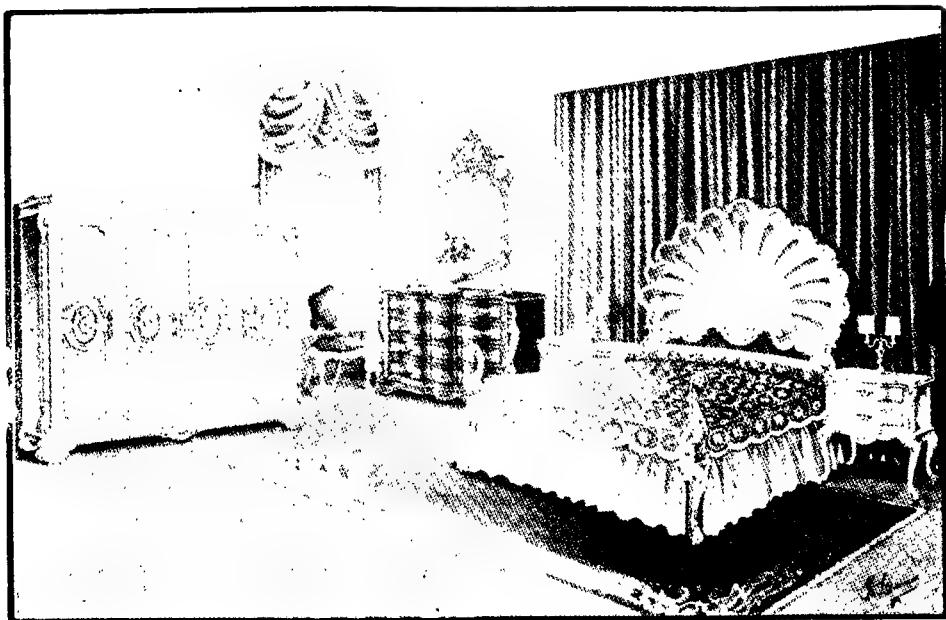
**O FUTURO DE ABRIL CONSTRÓI-SE
TAMBÉM DEFENDENDO OS VALORES
ARQUITECTÓNICOS DO PASSADO.**

ARMAZÉNS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE

ANTÓNIO CARLOTO



**MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
PARA VOSSO INTERESSE
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS**

Rua Miguel Bombarda,
n.ºs 222 e 222-A

Telef. 207 24 48
BARREIRO

VENDAS

Rua Serpa Pinto, 43 e 45

**EM 25 DE ABRIL DE 1983
O PRIMEIRO ANO
DE UMA NOVA VIDA**

Diário do Alentejo

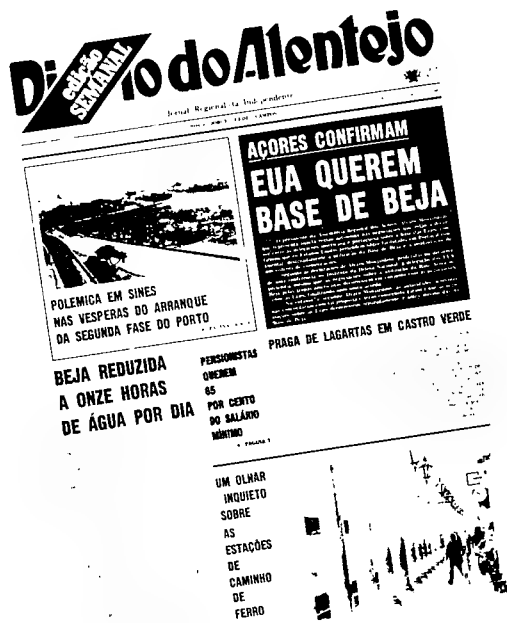
Jornal Regionalista Independente

ANO I - N.º 47 - PREÇO 250

Director JORGE GUEDES CAMPOS

SEMANA DE 30 DE MARÇO DE 1983

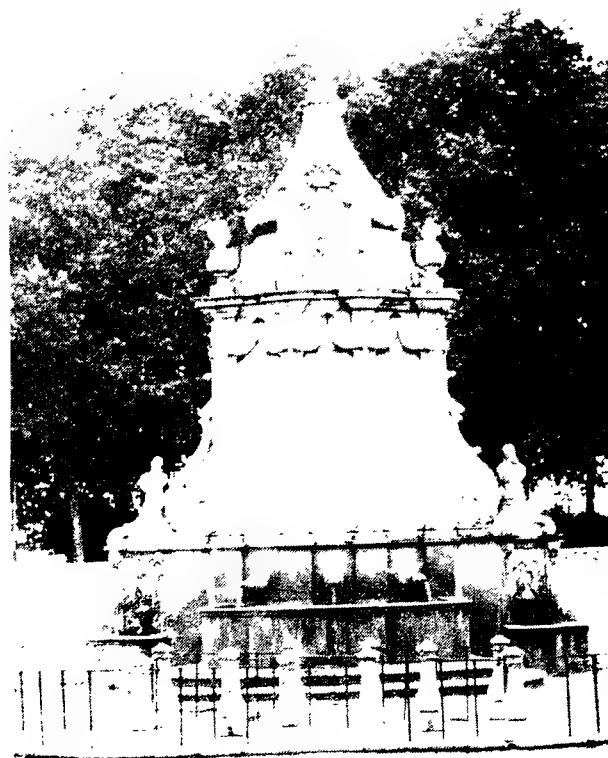
**UM JORNAL DE QUALIDADE
PARA UM ALENTEJO MELHOR**



**EDITADO
PELA
ASSOCIAÇÃO
DE MUNICÍPIOS
DO DISTRITO
DE BEJA**

(Câmaras Municipais associadas: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Serpa, Vidigueira, Grândola, Santiago do Cacém e Sines).

CÂMARA MUNICIPAL DE BORBA



Um concelho virado inteiramente para a resolução dos problemas da população que os elegeu e às quais quer servir.

Segundo lista da UNESCO

Património Mundial conta 136 tesouros

Um atol de coral no Oceano Índico, célebre pelas suas tartarugas gigantes, uma cidade do tempo do Califa Harun Al-Rachid, os Cahokia Mounds do Illinois: eis alguns dos tesouros recentemente acrescentados pelo comité do património mundial à sua lista, numa reunião efectuada em Dezembro passado na sede da UNESCO.

O atol Aldabra, no arquipélago das Seichelles, Shibam, na República do Iémen, cognominada de «Manhattan Árabe» por causa dos seus altos edifícios únicos no mundo, e os vestígios pré-colombianos da região do Mississippi figuram entre as 24 inscrições no património universal acrescentadas pela UNESCO à lista já existente. As reuniões precedentes tinham já recenseado 112 sítios tão diferentes como a catedral de Chartres, em França, o campo de concentração nazi de Auschwitz, Head-Smashed-In Bison, no Canadá, ou os jardins de Chalimar, no Paquistão.

A diversidade e amplitude da lista actual mostra até que ponto a noção de património da humanidade ganhou raízes na comunidade internacional, sobretudo depois da convenção sobre património mundial ter sido adoptada pela Conferência Plenária da UNESCO, em 1972.

Nos termos do rigoroso articulado da convenção, para serem considerados, os locais e monumentos devem apresentar «um valor excepcional e universal», seja do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, seja numa perspectiva estética ou científica.

Entre as novas inscrições, Shibam ombreia com Anuradapura, Polonaruva e Sigiriya, três antigas cidades do «triângulo cultural» de Sri Lanka, com Florença, na Itália, Olinda, no Brasil, e a cidade velha de Havana, em Cuba. Do mesmo modo, a cidadela Laferrière, o castelo «Sans-Souci» e as ruínas de Ramiers, no Haiti, figuram na lista ao lado das salinas reais de Arc-et-Senans, em França (século XVIII), e das estações arqueológicas de Leptis Magna, Sabratha e Cyrene (Shahat), na Líbia.

Os sítios podem ser considerados pela sua beleza natural, e devem frequentemente o seu valor científico ao próprio facto de não terem sido tocados pela mão do homem. Está neste caso o atol Aldabra, onde a ausência da intervenção humana permitiu que o processo de evolução prosseguisse sem perturbações, o que explica nomeadamente a presença de uma colónia de tartarugas gigantes. A Tasmânia ocidental, inscrita ao mesmo tempo que as ilhas Lord Howe, na Austrália, é um deserto natu-

ral, enquanto que a reserva de animais selvagens de Selous, na Tanzânia, a reserva de biosfera do Rio Platano, nas Honduras, e o Parque Nacional do Taí, na Costa do Marfim — a mais vasta extensão de floresta tropical da África ocidental — constituem fontes de diversidade genética inestimáveis. O Tassili dos Ajers, o vale do Mzab, Djemila, Tipasa e Timgad, na Argélia, foram igualmente considerados a títulos diversos.

Por 14 votos contra 1 e 5 abstenções, o comité, cujos membros representam 21 países, decidiu acrescentar a cidade velha de Jerusalém e os seus muros à lista do património mundial em perigo. A cidade jugoslava de Kotor, devastada pelos terramotos, figura igualmente nesta lista que compreende apenas os bens ameaçados, quer por riscos naturais, quer por perigos específicos e graves, entre os quais uma deterioração rápida, projectos de desenvolvimento nefastos, o abandono puro e simples ou os conflitos armados.

E a noção de protecção que domina essencialmente os objectivos da convenção sobre o património mundial. A lista visa garantir que os locais e os monumentos identificados como de valor reconhecido sejam protegidos. Neste momento, 69 Estados ratificaram ou aprovaram a convenção, reconhecendo assim que cada país confie ao resto do mundo os tesouros que abriga e que a comunidade internacional se compromete a salvaguardar essa herança, numa adesão expressa ao princípio geral que obriga a humanidade a proteger igualmente as obras da natureza e as obras de arte.

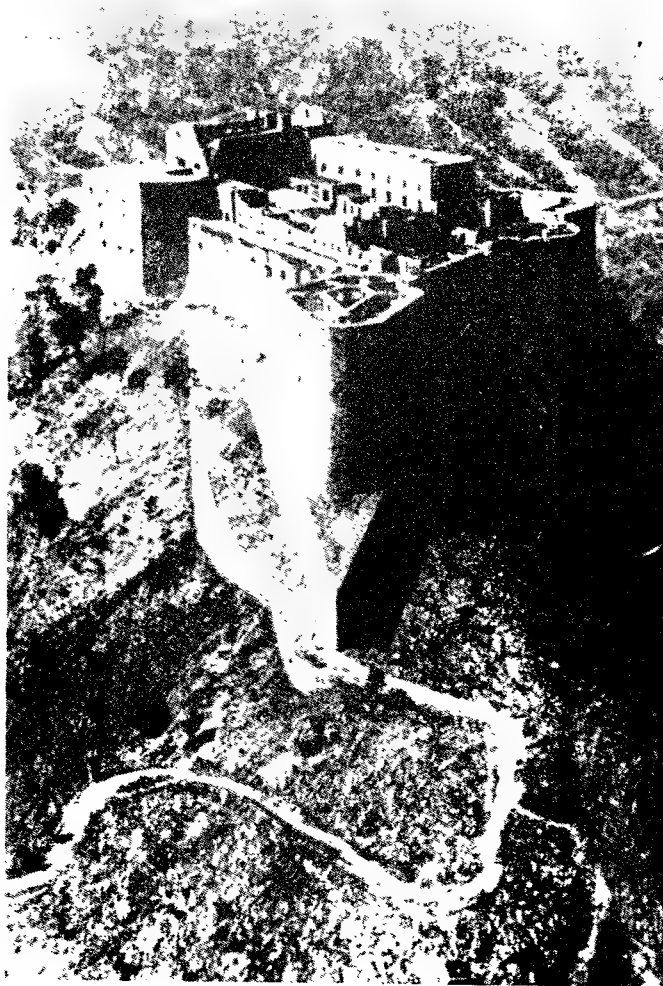
O elemento novo abonado pela convenção quando entrou em vigor, em 1975, foi o de trazer um quadro jurídico, administrativo e financeiro aos esforços internacionais desenvolvidos na salvaguarda dos tesouros da humanidade, esforços em que a UNESCO participa desde a sua criação.

As campanhas levadas a cabo para preservar Abu Simbel, Filal e Borobudur, assim como a criação de uma linha de reservas da biosfera, no quadro do programa da UNESCO «O Homem e a Biosfera», ilustram bem esse esforço. A UNESCO continua a enviar missões aos locais, sempre que haja solicitações dos governos.

Na sequência deste princípio, uma missão de três altos responsáveis esteve em Junho do ano passado em vários locais do Irão, entre os quais Persépolis, Susa e Chiraz, visitando igualmente os



A igreja de S. Pedro e S. Paulo, na martirizada cidade jugoslava de Kotor



Panorâmica da cidadela do Haiti, construída no princípio do século XIX

principais museus e monumentos de Teerão. A missão pôde constatar os efeitos dos bombardeamentos em redor do túmulo de Daniel, os vestígios deixados pela guerra no pequeno museu de Susa e a deterioração natural

Aliás, pôde verificar ainda que as informações aparecidas na imprensa sobre a destruição do túmulo de Ciro o Grande eram falsas, enquanto que Persépolis, longe de estar ao abandono, como se insinuou nos meios de comunicação social ocidentais, se encontrava em excelente estado de conservação. O mesmo acontecendo em relação a outros monumentos que visitou, como o túmulo de Hafez, o forte de Arg-e-Karimkhan e as escavações de Haft Tapeh.

A missão também pôde ficar a saber que as colecções do museu d'Iran Bastan, em Teerão, foram depositadas nas caves, estando o próprio museu protegido contra os abalos telúricos.

Os membros da missão viram ainda mais de uma centena de objectos, a maioria em ouro, que haviam sido roubados do museu Reza Abbassi e foram recuperados pela Polícia em Maio passado. Por outro lado, não descobriram nenhum elemento que lhes permitisse concluir ter-se verificado uma hipotética venda de colecções do Estado ao estrangeiro, confirmando a rigorosa observância da lei de 1980 que proíbe a exportação de todos os objectos antigos. Em contrapartida, os objectos modernos que pertenceram à família real podiam ser vendidos (sabonetes com as armas imperiais, por exemplo).

Aquando da sua reunião de Dezembro, presidida pelo professor australiano R. O. Slayter, o Comité do Património Mundial evidenciou optimismo com que encarava o futuro: um orçamento de 1 993 050 dólares, financiado pelo Fundo do Património Mundial, foi adoptado para as operações deste ano.

Desta soma, 745 mil dólares destinam-se à cooperação técnica e 500 mil à formação. Um montante de 595 433 dólares será afectado a treze projectos que abrangem os seguintes países: Bulgária, Etiópia, Haiti, Honduras, Jordânia, Nepal, Paquistão, Panamá, Senegal, Seichelles e Jugoslávia. E 94 925 dólares financiarão a formação no domínio da conservação do património cultural e natural nas Honduras, no Paquistão e na Tanzânia.

Antony Brock
(Informações UNESCO)

A barragem
do Pacífico

Continuação da pag 13

O caso é bastante claro no que diz respeito às cedências de tecnologia para uso militar visto que, a partir deste princípio, só admitido a título de «excepção», se chega a encarar — apesar dos desmentidos — a realização e a produção em comum de sistemas de armamento com os Estados Unidos. O mesmo se pode dizer da viagem do primeiro-ministro da Coreia do Sul — decidida em poucos dias e antes da sua visita aos Estados Unidos — que logo foi interpretada como um primeiro passo para o esboço de um sistema colectivo de segurança — mesmo que depois se afirmasse em Tóquio que não era nada disso.

Mas o processo de empenhamento ainda parece muito mais avançado em matéria de cooperação militar com as forças americanas no teatro do Pacífico. De que se trata concretamente? Recordemos aqui as ideias expostas por um alto funcionário japonês que hoje se apresenta a si próprio como um perito em matéria de defesa.

A hipótese na qual ele se coloca é a de um conflito que estalasse fora da zona do Pacífico mas tomando um carácter global devido à presença das forças soviéticas e americanas. É na zona do Golfo e do oceano Índico que o início das hostilidades é considerada mais verosímil. A missão que o Japão encara consiste, por um lado, em bloquear os estreitos que estão perto das suas costas — Soya (estrito de La Pérouse) a norte, Tsugaru entre a ilha de Honshu e a de Hokkaido, Tsushima a sul, na direcção da península coreana — transformando assim em lago fechado o mar do Japão; por outro lado, em estabelecer para sul um dispositivo aero naval de intercepção numa linha de um pouco mais de 1500 quilómetros, indo de Okinawa na direcção da ilha de Guam.

A interpretação destas medidas para uso da opinião pública e do Parlamento japonês é que o Japão asseguraria assim a protecção do seu próprio território e das suas linhas de comunicação marítimas — nos próprios limites dos empenhamentos feitos neste ponto por Suzuki há perto de dois anos. Foi com efeito, em Maio de 1981 que o antigo primeiro-ministro avançou pela primeira vez, por ocasião de uma viagem a Washington, a ideia de que o Japão podia assumir ele próprio a defesa das suas linhas de comunicações marítimas numa distância da ordem das 1000 milhas (à volta de 1600 quilómetros).



Dina e Django

Eles nem repararam que estávamos em Abril

«... E depois viveram felizes para sempre e tiveram muitos filhos.» Este seria o happy end da história de amor entre Dina e Django. Depois de muitas aventuras, façanhas e lágrimas tudo se compunha, colorindo-se de côr-de-rosa. O casamento, a maternidade — a que mais pode aspirar uma mulher? — como recompensa dos tombos sofridos na vida. Só que o **Príncipe En-**

cantado que acabaria por arrancar a rapariga às torpezas da existência não corresponde ao papel que normalmente representa nas fotonovelas. E arrastava consigo para a prisão após um curto percurso pela marginalidade tonta, quase pindérica.

O filme «Dina e Django», da sueca Solveig Nordung, aborda o lugar-comum do sonho. Ela, uma adolescente a desabrochar,

consumia doses industriais de fotonovelas tentando parecer-se com os seus personagens. A um diário, livrinho de capa branca (de plástico) confessava os seus anseios, má literatura, sem ponta por onde pegar. Ele procurava imitar o herói dos «spargettis» italianos, fazendo de duro, mas dizia que era preciso ter um ideal: **O meu ideal é o amor.** Entretanto acontecia, sem eles

darem por isso, o 25 de Abril.

Como é possível? Festa nas ruas, cravos vermelhos, militares ao cruzar da esquina, abraços colectivos, bandeiras, canções — o delírio revolucionário. Obscuros pelo «amor», um amor mítico, Dina e Django não participam em nada, nem sequer vêem os milhares de pessoas que enchem o corpo da cidade. Enquanto multidões caminham para

a festa do Primeiro de Maio, eles à beira de um lago no Parque Eduardo VII misturam o seu sangue, fazendo um pacto. **Amor eterno, amor para sempre,** eis o seu lema. Os outros gritavam Unidos, **Venceremos.**

Até aqui tudo bem, ou tudo mal. **Eles vivem por procuração conforme normas já escritas,** afirma Solveig Nordung. Proferem frases de fotonovela, comportam-se como marionetas de corda, ausentes de ideias, sentimentos ou vontade. **São autênticas caricaturas.** Sente-se naquela relação, um tremendo vazio. «Para quê falar?», diz ele. A verdade é que nada podiam dizer um ao outro que não fosse a palavra estereotipada apreendida nas revistas Capricho e outras do mesmo tipo que liam com deslumbramento.

Derrapam para a marginalidade. Não tenho a certeza mas presumo que gostariam de ser par maldito, à semelhança de Bonnie and Clyde, o que conseguem vagamente. Claro em pobrezinho, à portuguesa... Limitam-se a cometer pequenos delitos, arremedos de perversão com os automobilistas que deambulam pela auto-estrada à procura de um corpo para comprar. Ela provocava e depois ele surgia, cavaleiro andante em defesa da sua dama, provando-lhe assim o seu imenso amor. Era uma prova de coragem, de virilidade sovar «os porcos» que lhe cobravam a noiva.

Quem é aquela miúda que parece uma deusa?, pergunta Django ao dono do bar onde conheceu Dina. Os diálogos, bastante interessantes, foram retocados por Luís Neto Jorge. **Tentei utilizar a linguagem fotonovelística de acordo com o conteúdo do filme, sublinhando o mítico. A história de Dina e Django é uma história aos quadrinhos em duas dimensões.** Aliás a função do mítico (como da religião) é instalar nas pessoas a esperança que lhes permita suportar todas as desgraças e também introduzir no seu espírito a angústia permanente, na busca da perfeição nunca alcançada.

De facto o «ideal», do grande amor é algo de inacessível e que não se pode viver. Inacessível porque o mito possui aspectos de antagonismo tais que cria incertezas, deixando o ideal indefinido, sem cara, sem corpo. Impossível de viver porque é um modelo de relações assentes sobre o conformismo mais estreito,

na oposição total ao desenvolvimento dos sentimentos e da sexualidade. A aposta de Solveig parece-me curiosa. Não me admira, portanto, do sucesso que a fita teve nos festivais de cinema feminista, em França e na Suécia.

Não sendo um panfleto feminista aborda questões caras às mulheres que pugnam pela libertação **completa** das mulheres. Quantas mulheres, qualquer que seja a sua idade, não têm a cabeça cheia destas histórias, não lidam com estes mitos pequeninos onde não entra a elaboração intelectual? É verdade que o 25 de Abril veio estilhaçar muitos destes mitos a que as mulheres estavam presas. Penetrou dentro, revolucionou, empurrou-as para a realidade.

Dina tinha um complexo social (por ser neta de uma empregada doméstica) que ela ilude, segundo Solveig, com **uma história de amor que não vive.** Curiosamente os «amantes» não fazem sexo, tocam-se muito pouco porque tal como nas fotonovelas a rapariga deve ir **pura** para o casamento. **Ele esteve sozinho comigo mas não abusou de mim.** O respeito... é muito bonito. Discreta a câmara (de cima), filma um belíssimo plano, do par deitado na cama sobre uma colcha vermelha, lado a lado, muito formais com um punhal entre ambos e o transistor que transmite uma música melosa.

Por fim a tragédia: matam um motorista de táxi, por precipitação, depois de terem atravessado diversas barragens da tropa.

Militares que não se incomodaram com Dina e Django, um parzinho aparentemente normal. A sua preocupação era outra: os contra-revolucionários que queriam lizar a **Revolução.** Estavam empenhados, despiertos, vivendo também uma história — a história colectiva.

Da anestesia acordam Dina e Django, tarde de mais, já na prisão. Imagem última dos dois no banco dos réus. O contraponto do parafítico com que Solveig imobiliza o beijo no Parque Eduardo VII após o pacto de sangue. Este é que deveria, segundo a lógica da fotonovela ter encerrado a história... Uma história verdadeira, um «fait divers» dos jornais onde por vezes se escondem terríveis dramas. A que a gente não dá importância...

Andamos tão distraídos!

Lourdes Féria

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

25 DE ABRIL

SEMPRE

CONCELHO DE SANTIAIGO DO CACÉM / 83

WALTER JORDÃO



Dina e Django, o par «maldito»



Câmara Municipal de Mértola



**COM O 25 DE ABRIL
NOS CAMINHOS
DO FUTURO E
DO PROGRESSO**



MUNICÍPIO DE CASTRO VERDE

EDITAL

**Fornecimento n.º 1/83
Investimento Intermunicipal**

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE DOIS VEÍCULOS DE RECOLHA E TRANSPORTE DE LIXOS DOMÉSTICOS

Fernando Sousa Caeiros, presidente da Câmara Municipal de Castro Verde, faz saber que, durante o prazo de vinte dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste Edital no «Diário da República», são aceites na secretaria desta Câmara Municipal propostas para o concurso público referente ao fornecimento acima referido.

Preço base: 11 000 000\$00
Caução Provisória: 15 000\$00

O processo do concurso poderá ser consultado durante as horas de expediente, nos serviços técnicos desta Câmara Municipal.

Para constar se publica o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Castro Verde
5 de Abril de 1983
O Presidente da Câmara

Fernando Sousa Caeiros

O prémio por Manuel Carvalheiro

«Tintin» é o nome do cão do senhor Robert-Jean Longuet.

Como viveu exilado durante a guerra em Nova Iorque, apesar de ter sido há muito tempo e ele já ter oitenta e um anos, felizmente ainda lúcidos, por vezes pronuncia as palavras anglo-saxonicamente, como foi o caso do nome do herói de Hergé, que em vez de ser dito à francesa, **tan-tan**, me foi expresso como **tim-tim**. A piada não iria mais longe, se ela não viesse, nada mais nada menos do que do bisneto de Karl Marx, a quem fui entrevistar em Paris o mês passado, para o meu filme «O Paraíso Terrestre» sobre o centenário da morte do respectivo familiar. Depois, alguns dias mais tarde, fui à Cinemateca Francesa, não propriamente perguntar a Jean Rouch, seu vice-director, porque é que à última hora tinha anulado a sua vinda a Portugal aquando de uma recente retrospectiva dos seus filmes, mas para lhe tentar sacar um testemunho sobre o que ele pensava como artista, no caso cineasta, e como investigador, etnógrafo também no caso, dessa centenária comemoração e da influência moderna do postumamente homenageado. Esperando que a coisa desse bota e Rouch, sempre brincalhão (isso de fazer filmes a quarenta graus à sombra não dá para ter outro temperamento), me mandasse dar uma volta ao bilhar grande com uma resposta clássica do género «Sabes o que penso de Marx, não é?! Prefiro Bakounine», tive a sorte de receber a sua anuência mas com a condição de voltar pela mesma hora dois dias depois. Lá fui então dois dias depois ao Museu do Homem, como combinado. Na sala de projecção, um júri debatia, antes da atribuição final do prémio «Nanouk» (*) ao melhor

filme etnográfico do ano. Nisto entra uma velhinha amparada por dois rapazes. Tratava-se de Lotte Eisner, a autora do «Écran Démoniac», célebre por ter escrito uma monografia sobre o cinema expressionista alemão. Esqueci Rouch por momentos e cerquei-a com a ajuda de uma assistente e do meu operador brasileiro, filmando-a sem esperar autorização e fazendo-lhe duas perguntas, que ela amavelmente respondeu tartamudeando-as numa lógica tanto quando possível digna desse nome. Minutos depois, gravei o interessante discurso final de Rouch e verificando que havia sido gasta quase toda a película, só pude fazer, de longe, um grande plano do autor de «Moi, un noir». Para mim, diria, que cá me arranjaria mais tarde na montagem.

Seguiram-se alguns dias e, entretanto, sou avisado por alemão amigo, de que se desenhava uma sessão especial com «cocktail» e a presença de Jack Lang, o secretário de Estado da Cultura do governo Mitterrand, na atribuição de uma importante condecoração a Lotte Eisner. Sem convite, lá vou tentar a minha sorte à porta de entrada do Museu da Cinemateca Francesa, não longe do caixote do lixo famoso, onde as más línguas dizem que foi encontrado em tempos o guião da «Aventura» de Antonioni, ao que dizem também como consequência de um passado ajuste de contas entre um colaborador anti-italiano do antigo director da Cinemateca Francesa, Henri Langlois, e o referido mestre transalpino. Bom, não sei porque artes mágicas o porteiro me deixou entrar, mas o que é certo é que consegui presenciar o acto que passo a descrever. Estava lá o que se convencionou chamar o «tout Pa-

ris». Jack Lang faz um discurso elegante e justo, condecora a mulher que durante a ocupação escondia cópias de filmes proibidos debaixo da cama, e Lotte Eisner, na cadeirinha, responde-lhe assim: «É preciso dinheiro para o museu, para comprar novas vitrinas, para limpá-lo melhor, para mais pessoal». Risos polidos à direita e à esquerda, havendo alguém, Jean Mitry?, que insinuava que a alemã confundira o enviado do presidente da República com um paquete. Passa-se ao beberete e é aí que falo com Jean Mitry, um totem da teoria cinematográfica. Como ao meu fumo ele responde com tosse, apago a pirisca por educação e pergunto-lhe pela vida. «Com um enfisema pulmonar, meu caro amigo». Ainda olho para o fundo, onde vejo por aceno o crítico Jean Narboni dos «Cahiers du Cinéma». Tranquillizo-me, porque sei que este último é médico de formação e sempre poderá tratar do Mitry em caso de aflição. Afasto-me e peço para me trocarem o champanhe por um sumo de laranja. E é aí que falo com uma crítica balzaquiana, que me garante ter eu recebido em Setembro de 1981 no Festival de Hyères, o prémio da Confederação Internacional das Salas de Arte e Ensaio, por uma curta-metragem que fizera. «Não estive lá e até hoje não recebi nenhum papel. Perdi as esperanças e convenci-me de que se tratava de uma partida», digo-lhe, trocando agora o resto do sumo por um novo copo de champanhe. Com um gesto lapidar, Michele aproxima-se, dando mais um passo e diz: «Mas é que eu assisti à atribuição dos prémios na sala. O teu foi anunciado pelo casal Dupont».

«Nanouk» é também o nome do cão do cineasta João Mário Grilo, autor de «A Estrangeira»

VENHA CONNOSCO À REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

INSCREVA-SE JÁ!
PARTIDAS A 7 E 14 DE JULHO; 4, 18 E 25 DE AGOSTO, PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — TUDO INCLUIDO — ALOJAMENTO EM HOTÉIS DE 1.ª E LUXO — INSCRIÇÕES PARA SÓCIOS E NÃO SÓCIOS

Informações na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA
— Pr. José Fontana, 17-4.º Lx
Tel. 539821/2 das 15 às 19 h

no Porto:
Rua Augusto Luso, 68-1.º
Tel. 698213 das 17 às 20 h

OU NA AGÊNCIA **abreu**

EM COLABORAÇÃO COM O

REISEBÜRO
der Deutschen
Demokratischen Republik

SENSACIONAIS DESCONTOS

Agora também com abastecimento de gás

até às 21 h. do próprio dia



VEJA
EM EXPOSIÇÃO
O TELEVISOR
SALORA



"CLAVE"

Na nossa gama de electrodomésticos,
facilitamos o pagamento até 12 meses. Pagamento até 3 meses sem encargos.

Assistência técnica
garantida, em lo-
gues, esquentado-
res até as 21 horas

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES DE ALHOS VEDROS, LDA.
AGENTES BUTAGAZ • PROPAGAZ • CAMPING GAZ
PRACETA DA BELA ROSA, 6
TELEFONE 204 02 22 • 2860 ALHOS VEDROS

CÂMARA MUNICIPAL DE BARRANCOS

Num dos cantos mais a Oeste do nosso País, mesmo junto à fronteira, Barrancos ergue-se num emaranhado de montes e vales.

Vila e sede do concelho, diz a História ter sido uma das freguesias do velho Castelo Naudar.

Naudar que se situa junto à raia de Espanha, entre o correr de duas ribeiras, a imagem de um monumento precioso ao sabor do tempo na interminável espera de que alguém responsável definitivamente consiga lembrar-se que ele existe. Barrancos é um concelho que ocupa uma área de aproximadamente 188 km² possuindo uma agricultura essencialmente voltada para a pecuária. Aqui como em todo o Alentejo a grande propriedade estende-se nos campos num quase perder de vista.

Com o 25 de Abril, viram-se diminuídas, e entre elas levantar-se um Unidade Colectiva, hoje símbolo mais vivo de que também aqui alguma coisa mudou.

No passado um pouco mais longínquo fazem-se ainda relembrar nas palavras dos mais velhos, a Guerra Civil de Espanha, onde aqui, junto à fronteira, se abateram em fria caçada muitos dos homens que lutavam contra uma ditadura.

Ditadura franquista que seguia apoiada e de mãos dadas com a que pesava sobre nós.

No passado mais recente em que o 25 de Abril apenas se sonhava na cabeça de alguns nas esquinas da nossa terra, homens com responsabilidades dos povos e pais aguardavam pacientemente, mas nos rostos reflectindo-se o desespero que a necessidade impõe que alguns dos patrões chegasse até eles, e como quem oferece esmola, os convidassem a ir trabalhar no latifúndio despovoado.

Magros salários em que o toucinho e a migalha de sardinha frita constituíam o «avio», para um dia de trabalho sem horário.

Hoje na realidade, que tem que ser bastante diferente, sobre nós pesa a grata responsabilidade de mudança de um 25 de Abril, e o lutarmos contra uma política condenável dos nossos desgovernantes a quem lhes assiste o nítido objectivo de retrocedermos a esses tempos de fome e de miséria.

Em Barrancos, luta-se e vive-se a esperança que o 25 de Abril que quase tocamos, na firme certeza que nesta terra arraiana, pequenina, mas transbordante de hospitalidade, ir-se-á votar na força que nos une, e que garante o futuro real, e com garantias de tranquilidade para os nossos filhos.

Os tempos ingratos das nossas esquinas não podem voltar a ser vividos. Temos de apagá-los daqueles que os sofreram e que ainda os recordam num arrepiado de pensamento, e também de impedir que os mais novos os conheçam.

Temos, sim, é de transmiti-los como quem relata um conto, no convívio do copo, ou do fumo de algum cigarro, para que também eles tomem consciência da realidade que existiu e contra a qual temos de lutar.

No voto daquele que defende quem trabalha e quem precisa, assiste-nos a esperança de que este País, endividado e despido de uma política de reabilitação económica, venha a erguer-se, impedindo o desemprego, criando o 1.º emprego e pagando com justiça ao reformado que hoje não ganha para comer.

Professores devem ser agentes da educação para a Paz

Continuação da pág. 4

zâ-las com a eventualidade da guerra nuclear?

Uma simples falha técnica pode extinguir a humanidade?

Os que pensam que a guerra nuclear está longínqua, enganam-se porque, numa guerra em que não haverá vencedores nem vencidos, porque não havendo vencedores nem vencidos nenhum estadista se atreverá a carregar no botão, deveriam pensar que uma simples falha humana ou técnica, um falso alarme, são suficientes para desencadear um conflito nuclear.

O s arsenais nucleares existentes no mundo

Não se sabe exactamente qual o número de armas nucleares armazenadas no mundo, mas institutos de investigação têm feito cálculos com base em declarações de políticos e militares.

Assim, calculava-se que em 1980 existiam na Europa 8 a 9000 ogivas nucleares táticas por parte das forças da NATO e 4 a 5000 por parte das forças do Pacto de Varsóvia; 10 mil ogivas nucleares estratégicas por parte da NATO e 7000 por parte do Pacto de Varsóvia.

Um falso alarme provocado por uma falha técnica registada

num dos blocos militares pode provocar uma guerra nuclear; uma falha humana pode igualmente provocá-la. E isso não está tão longe de acontecer: uma revista norte-americana divulgou o facto de que cinco por cento das 100 mil pessoas que têm acesso ao arsenal nuclear americano são anualmente afastadas por alcoolismo, droga ou depressão nervosa.

A única prevenção eficaz contra o holocausto nuclear é a desnuclearização.

A introdução do caderno intitulado «Efeitos da Guerra Nuclear» editado pela Organização dos Trabalhadores Científicos conclui: «Alguns homens sabedores descobriram a bomba; muitos homens conscientes poderão proibi-la».

Esta ideia foi também acentuada na sessão que decorreu na Faculdade de Letras: nunca a humanidade esteve tão ameaçada; nunca os esforços pela paz foram tão persistentes. A luta culminará com a realização de 14 a 19 de Junho próximo em Praga, da Assembleia Mundial pela Paz e Vida, Contra a Guerra Nuclear. A primeira reunião internacional preparatória desta Assembleia decorreu em Portugal, em Novembro último.

A educação para a paz

Também no nosso país se constituiu o «Movimento não às

armas nucleares em Portugal» em 1981, na sequência de declarações do então ministro da Defesa Amaro da Costa sobre a eventualidade de Portugal ser utilizado para estacionamento, trânsito ou instalação de armas nucleares.

A semelhança do que aconteceu noutros países, também em Portugal se realizaram marchas da paz.

Mas muitos de nós estão ainda inconscientes dos perigos que nos ameaçam. Nesse esclarecimento e consciencialização os professores têm papel importante a desempenhar.

Na segunda parte da sessão sobre Educação para a Paz, apenas dois professores revelaram ter abordado o tema com os alunos. Um deles era professor de Trabalhos Manuais... o que prova que não é preciso o professor ter a seu cargo uma disciplina específica para falar dessa questão aos alunos. Há entidades que fornecem material de esclarecimento, das quais se destacam o «Movimento Não As Armas Nucleares em Portugal», Avenida Barbosa do Bocage, n.º 86, 1.º andar, em Lisboa; a UNICEF, Rua de São Boaventura, 5, também em Lisboa e ainda o Centro de informação das Nações Unidas (edifício Avis).

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS

GRÁTIS

CAIXILUX

COMERCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa

Fábrica — 9801203

Almada — 2755743 - 2755806

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

RTP: nada podes contra o 25 de Abril

UMA dama chamada Maria Elisa que, ninguém sabe em obediência a que critérios, chegou a directora de programas, considera que a chancela cultural de um programa lhe marca um destino chato.

Daí que, certamente, um programa como «O Escritor e a Sociedade» tenha sido desviado para uma perfeita terra-de-ninguém — por volta da 11 e 30 da manhã — local onde, ainda por cima, atinge uma camada de audiência menos sensível ao tema.

Sejamos francos: **O escritor e a Sociedade** está longe de ser uma rubrica atraente para o chamado «grande público».

Um grande escritor português, José Saramago (certamente não desconhecido para o autor da rubrica, **creio eu**) dizia, há dias, que abominava duas espécies de pessoas: aquelas que, ao ouvir falar de cultura, puxam logo da pistola, e aquelas que, ao

ouvir falar de cultura, puxam logo da gravata.

Infelizmente, a rubrica de que falo aparece excessivamente engravatada, cerimoniosa, formal. Mas, assim mesmo, se colocada noutro horário, poderia encontrar alguma receptividade. Poderia.

Colocá-la às 11 horas da manhã é, pura e simplesmente, inutilizá-la. O que não deixa de ser reprovável. Porque nas entrevistas já efectuadas — Agustina Bessa Luís, Luís Forjaz Trigueiros e, na de ontem, Fernando Namora — nem tudo se desoviu.

E, nesta TV, quando alguma coisa fica, por pouco que seja — viva ela, e proteja-se.

Figueiredo, o hipócrita

RTP-Brasil que tão curiosos programas nos tem proporcionado, costuma igualmente vir até

nós à tarde, a horas de pouca gente. Ontem veio no horário nobre. Porquê?

Era uma reportagem sobre a restauração do Forte de Príncipe da Beira, construído pelos portugueses, agora em ruínas. Tivemos de gramar o discurso conselheiral, enpolado, ridículo na sua grandiloquência de papelão, do chefe do governo João Figueiredo.

Ruína em cima de ruína.

O tal de Figueiredo fez sua cega-rega política, dedilhou em dó menor a corda da democracia e a sua devoção pelos portugueses, pela herança portuguesa de que aquele forte era um exemplo. **O Brasil** — disse — **continuará a ser cada vez mais português...**

Palavras de boca pra fora, e nunca palavras sinceras do coração. Vêm elas precisamente na altura em que se noticia a abolição, nos estudos superiores, da cadeira de literatura portuguesa.

Ou seja: Figueiredo, de Portugal, prefere as ruínas, não o corpo vivo; prefere o cadáver, não a alma.

Figueiredo é uma coisa. Brasil é outra. Felizmente. Chico Buarque, na canção que ouvimos durante a reportagem, dizia que «o Brasil ainda vai ser um imenso Portugal». E Chico Buarque referia-se ao Portugal renascido, ao Portugal do 25 de Abril.

Não tenhas dúvidas, Figueiredo: o Brasil há-de ser um imenso 25 de Abril.

Não podes nada contra isso, Figueiredo.

Abril voltará à televisão

Nem tu, RTP, podes nada contra o 25 de Abril.

É certo que o esqueces, que o calunias, que o exilas para bem longe. Mas não podes nada, ele está sempre perto, porque está dentro de nós.

É certo que, dia após dia, conspiras contra o espírito de justiça e fraternidade que é a própria essência do 25 de Abril. Mas não podes nada, porque, apesar da tua imensa força, não podes obrigar a História a andar para trás.

É certo que não falas dos homens e das mulheres que deram as suas vidas para que o 25 de Abril acontecesse. É certo que os deixas morrer (Carlos Oliveira, José Magro, Seiça Neves, Manuel Guedes, tantos, tantos!), sem uma imagem, uma palavra amiga, um gesto de ternura. É certo que ignoras os trabalhadores, os sindicatos não corruptos, as comissões de moradores que, depois do 25 de Abril, deram à nossa Pátria uma expressão mais limpa e mais feliz.

É certo que procuras combater o 25 de Abril. Mas nada conseguirás. Será o 25 de Abril a ter a última palavra. E então serás aquilo que deves ser: uma televisão ao serviço do futuro e não ao serviço do monturo.

O Proença foi ao ar. Mais vitórias havemos de alcançar. Abril voltará à televisão.

Auto Rádio e Anti Roubo



PHILIPS



EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

Concessionário PHILIPS para instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 331022 1800 LISBOA

COOPINHAL

Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovoense, C.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL

ORDINÁRIA

— CONVOCATÓRIA —

Nos termos do disposto no art.º 24.º dos estatutos, convoco a Assembleia Geral da COOPINHAL (C.R.L.) a reunir em sessão ordinária, no dia 29/4/83 pelas 20H30M, no auditório da COOPINHAL, sito na Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral n.º 1 em Pinhal Novo, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciação e votação do relatório e contas da Direcção, e respectivo parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício de 1982.
- 2 — Apreciação e votação do orçamento para 1983
- 3 — Informações

NOTAS:

- 1 — O relatório e contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal, encontram-se à distribuição dos cooperantes, na sede da COOPINHAL.
- 2 — Se à hora marcada não estiver presente o número legal de cooperantes, a Assembleia Geral reunirá com qualquer número, uma hora depois.

Pinhal Novo, 14 de Abril de 1983

O Presidente da A. Geral
António José Galhofas Marques

Assinaturas

— Tricontinental Editora, Ld.ª.

Calçada do Combro, 10-1.º

Telefone 320650 — 1200

Lisboa

Distribuição

— CDL-Central Distribuidora Livreira.

Revista mensal ilustrada de actualidade política, social, económica e cultural que trata os grandes temas internacionais.



restaurante arco iris

O VERDADEIRO AMBIENTE DE LISBOA

C.C. ARCO IRIS - Av. Júlio Dinis, 6 A/D
Telf. 77 51 83 - (METRO-CAMPO PEQUENO)encerra
aos domingos

Hoje



Dean Martin, principal intérprete do filme «Golpe de Mestre» que se exhibe na RTP-1

- 08.00 Bom Dia Portugal
09.50 Desenhos Animados
10.10 Movimento e Vida
10.40 «Os Buddenbrooks»
11.40 Sétimo Continente
12.15 Telenovela — «Baila Comigo»
13.00 Jornal da Tarde
13.30 O Mundo Maravilhoso de Walt Disney
15.00 O Voo do Condor
16.00 Rock Pop In Concert
17.00 «Golpe de Mestre» — com Dean Martin, Brian Keith e Carol Shite.
19.00 Eleições



Uma cena do filme português «O Pai Tirano» que se exhibe na RTP-2

- 19.00 «Os Chapéus de Chuva de Cherburgo» — com Catherine Deneuve, Nino Castelnuovo e Anne Vernon.

- 20.30 «O Pai Tirano»
22.00 Telenovela — «Cabo-cla»
22.30 «Desporto Favorito dos Homens» — filme com Rock Hudson, Paul Prentiss e Maria Perchy.

Amanhã



- 08.00: Bom Dia Portugal; 09.50: Desenhos Animados; 10.10: Nós e a Lei; 10.30: Curso de Complemento de Formação de Professores; 11.00: O Mundo dos Gregos; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.30 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Tempo dos Mais Novos; 18.55: Indústria, Hoje e Amanhã; 19.20: Vamos Jogar no Totobola; 19.25: O Tempo; 19.30: Telejornal; 20.30: «Origens»; 21.00: «Shogun»; 22.00: Grande Reportagem; 22.50: Último Jornal.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Eleições
(19.00)«O Pai Tirano»
(20.30)

Análise dos resultados eleitorais das Legislativas 1983

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

As longas heras de Sintra

Continuação da pág. 2

tais, as sete partidas do mundo... Agora o número '6', francamente. É um número aleijado, podes crer... Palavras — nada mais. Solange, assim distanciada da presença de Mário, já em Lisboa, tinha o repentino desejo de o chamar ao telefone e dizer-lhe: «Falaste do número '7', lembraste...? Mas que sabes tu dos sete pecados mortais, que sabes tu das sete partidas do mundo...? Acaso cometes pecados mortais em tua casa...? Além da tua sala, do teu mundo, que mundo conheces tu...? Se tu soubesses, Marinho, dar a volta à vida...» Ficava-se, no entanto, de olhos no tecto, deitada, o telefone na mesinha-de-cabeceira. A cair de sono, ia-se lentamente enternecendo e acabava por concluir que ela também era incapaz de um gesto que se situasse nas claras pistas abertas pelo número '7'. «Que vida, que vida...» — e adormecia com os braços cruzados sobre os seios e os joelhos quase tocando os cotovelos. Ia-se o Inverno pelos verdes de Sintra, grandes nevoeiros por sobre as casas, uma quieta humidade estendida pela paisagem — e no cimo da serra, moldando o Castelo dos Mouros, núvens em novelo, peçadas de água, hesitavam longas tardes até à queda da chuva. Era sempre uma chuva demorada, com tempos diversos, ora tocada de vento, ora tocada de uma luz cinzenta. As pessoas tornavam-se mais pequenas, mais lestras no entrar das portas — e as casas isolavam-se umas das outras, com as janelas corridas, uma rara luz acesa. Subia pelo ar uma sensação de cheia, de isolamento imposto pela intermperie. Onde os barcos para se ir de uma



casa a outra casa, de uma rua para outra rua...? Nenhum, que Sintra é vila sem rio, e não transborda. Cheia suspensa, nevoeiro, neblina e chuva, tomando os cabelos e pesando nos pulmões. Estava nos ombros, vinha pelos braços, molhava os sapatos. Assemelhava-se a uma gravura feita à pena em cujos traços finos tudo se prendia: as montanhas da vila, o comércio da Estefânia, os plátanos despidos de algumas ruas, os comboios, as chaminés cónicas do Palácio... Por Janeiro, Fevereiro, primeiros dias de Março, começavam a diluir-se as manchas húmidas das paredes — e, um a um, os desenhos da água secavam pelos tectos. Odete metia uma mulher, o escadote vinha da cave para as salas, para a cozinha, para os quartos, um móvel ou outro saía por momentos do lugar de todo o ano. As paredes ficavam limpas, lisas, brilhantes até. Mário costumava dizer: «Já temos paredes para a Primavera...» Sob um sol de triângulos breves, ora sim, ora não, as pessoas fitavam-se nas ruas, lentamente se reconhecendo, fugidias no cumprimento — e ainda sacudindo pela tosse os últimos sinais do Inverno. «Maldita constipação» — enfurecia-se Odete, os brônquios tapados, o lenço na mão feito numa bola. Verde, perfumado, doce, o mentol saía das

farmácias. Uma outra respiração, um outro ritmo dos pulmões, ia, aos poucos, tomando a vila toda, os subúrbios, a via férrea para Lisboa. Lá no centro, sobre as chaminés cónicas do Palácio, o azul descaía pela paisagem lentamente erguida...

Irrompia, enfim, uma folha nova no calendário — e tudo parecia ser a primeira letra de tudo. Mas a vida, com todas as suas rotações, tinha-se vindo a cumprir, ao longo da cheia suspensa, no interior das casas. No fluir dos meses húmidos, Mário fora-se debruçando sobre o romance que vinha a escrever havia cinco anos. Nas muitas páginas já escritas directamente à máquina (uma por dia, uma por semana...), deparava-se-lhe um fenómeno algo estranho: ele tinha a impressão de voltar muitas vezes ao princípio, de se situar sempre no começo de todas as coisas que tinha para contar. Cada capítulo que terminava em vez de surgir como sequência lógica dos capítulos anteriores, ou como caminho para os capítulos seguintes, antes se apresentava como o centro inicial de tudo. Não raro, Mário misturava os capítulos, alterando-lhes a ordem, e concluía, um tanto surpreso, que a leitura fazia sentido, tinha sequência, continuidade. Era como se as coisas que pretendia contar fossem cartas, e ele as baralhasse, e um mesmo jogo aparecesse sempre sobre a mesa. «Só há uma explicação para isto. E é que estou metido nisto até ao fundo...» — ponderava. Percorria a sala, tábua a tábua, olhava a chuva lá fora com um cigarro na mão: «Tenho de me distanciar...» Mas quando se distanciava do que escrevia, imaginando-se com uma lupa a observar pessoas, eventos, datas, toda a escrita lhe saía neutra, isenta de sangue, de olhos, de mãos. «Tem de haver um meio-termo. Nem dentro daquilo que escrevo, nem tão fora daquilo que vou escrevendo...» Abandonava então a máquina, os dedos pelas teclas num último

som — e de olhos fechados refugiava-se no som de um piano a rodar no «pick-up». Passava um dia, mais outro, uma semana. Quando, por fim, se sentava de novo à máquina, sozinho na sala, eis que as palavras lhe saíam fluentemente, o agarravam, sumindo-se o dilema em que por algum tempo se debatera: o perto e o longe, o estar dentro ou fora da acção. Sentia-se livre, eufórico, com o fio dos parágrafos, a sair-lhe a ponta dos dedos — e o papel branco ia-se enchendo de uma teia em que lentamente se deixava envolver. Era, ao mesmo tempo, aranha e presa — e era precisamente quando essa noção o tomava, essa duplicidade, que encontrava (ou pensava ter encontrado) a justa medida da escrita. Dizia então para Odete: «Escrever é um acto de canibalismo contemplado por quem o pratica...» E Odete, com um franzir de lábios, uma certa dúvida pelos ombros imperceptivelmente encolhidos: «Oxalá não te devores todo...» E de súbito, ido o Inverno, o romance a crescer em páginas, o toque azul do telefone por um sábado final de Abril: e era Solange a perguntar pelo tempo, e se os podia visitar no domingo, e se...

Odete, num desses sábados eternos, interrompeu-a: «Vem daí! Há quanto tempo que... Não, não incomodas nada! Até parece que andas fugida desta casa... Está sol, está. Até as heras faiscam... Meio-dia, uma hora...? Pronto, cá te esperamos. Não, não tragas nada. Se ela está melhor, traz é a tua mãe...»

Mário aproximou-se, vindo da sala grande, um cigarro lento nos dedos:

«Quem...?» — perguntou.

«Solange — Disse Odete. — Sempre Solange.»

Mário olhou-a:

«Sempre...?»

Odete, sentando-se a corrigir uns pontos de francês, olhou-o também:

«Toujours, meu querido.»

Memórias versus emoção

Neste jornal que já quase por tradição oferecemos ao leitor no 25 de Abril, a memória substitui muitas vezes a actualidade e a emoção sobrepõe-se ao frio rigor jornalístico, num acto individual e colectivo que pretende estar mais perto de vós.

Elaborado entre a azáfama do período eleitoral a memória fica mais fresca. Milhares de actos, milhões de palavras descritas e escritas até à exaustão dão-nos conta da superficialidade e da desvergonha com que alguns daqueles que hoje se dirigem a nós repisam promessas que já fizeram e nunca cumpriram.

E a memória cede então lugar a uma emoção incontida, indignada. Recordo a esperança substanciada naquilo que os portugueses conquistaram quando a sua participação no poder não era por esse poder apenas entendida como o depositar do voto nas urnas.

Lembro aquilo que foi a «grande operação» de intoxicação, de envenenamento. Era o tempo da sementeira do rótulo, da profusão da adjectivação, do maniqueísmo levado ao extremo.

Então, as promessas começaram a ser pagas lá fora em contactos e viagens em que se pedinchava aos países da posterior «Europa connosco» que não nos ajudassem e se amedrontava os emigrantes para não nos enviarem as tão desejadas remessas.

Preparado o terreno, foi a fúria legislativa acompanhada (quantas vezes?! de uma violência policial que julgáramos ver banida para sempre.

Cooperativas de produção agrícola destruídas, organismos estatais de apoio social dissolvidos, milhões de contos distribuídos em indemnizações a quem sempre esteve neste país para explorar, criação de dificuldades às empresas públicas e ao sector nacionalizado, abolição de esquemas de protecção à saúde — assistência — eis apenas alguns dos aspectos em que mais empenharam os inimigos do progresso, essa gente sem pátria.

Governos derrubados, cisões em partidos, amigos passaram a adversários ferozes. Memória de resistência. A mistura, vem o sangue de heróis, os erros e as vitórias. A exaltação não pode fazer esquecer quanto se perdeu... e, no entanto, é preciso estar ciente de que se hoje vamos, mais uma vez, exercer o nosso direito de escolher, é porque muito se ganhou.

Eu gostaria de comemorar Abril como no princípio só com cravos a engalantar a cidade e a emoção a escorrer pelas ruas em multidões nunca mais reunidas.

Mas o cravo não é hoje a flor singela que então era e a emoção tem já o gosto amargo de alguma memória.

Áurea Sampaio

PAÍSES SOCIALISTAS

Faça férias mais baratas pelo Turismo Social Compare serviços e preços... e viaje connosco

URSS — 8 e 15 dias — itinerários diversos (Europa e Ásia)
Bulgária — 15 dias — Sófia, Varna, Mar Negro, etc.
RDA — 8 dias — Berlim, Leipzig, Dresden, etc.
Hungria — 8 dias — Budapeste, Danúbio, Lago Balaton, etc.

Outros programas para todos os destinos



Rua da Glória, 43 1200 LISBOA Tel. 367202



COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	71\$85	77\$85	
ALEMANHA FED (marco)	39\$45	40\$55	
AUSTRIA (xelim)	5\$50	5\$70	
BÉLGICA (franco)	1\$797	1\$997	
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160	
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	78\$020	80\$20	
(notas de 5 a 1000)	78\$70	80\$70	
DINAMARCA (coroa)	11\$10	11\$50	
ESPAÑA (peseta)	\$675	\$795	
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	96\$95	98\$95	
(notas de 5 a 1000)	97\$45	99\$45	
FINLÂNDIA (marka)	17\$80	18\$40	
FRANÇA (franco)	13\$15	13\$85	
HOLANDA (florim)	35\$00	36\$00	
INGLATERRA (libra)	151\$35	155\$35	
IRLÂNDIA (libra)	125\$9	129\$05	
ITALIA (lira)	\$060	\$070	
JAPÃO (iene)	\$371	\$406	
NORUEGA (coroa)	13\$55	14\$05	
SUÉCIA (coroa)	12\$90	13\$50	
SUIÇA (franco)	46\$95	48\$05	
VENEZUELA (bolivar)	7\$45	8\$45	

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: Musical; 19.00: Especial eleições. Notícias intercalares às 16.00 e 17.00.

Programa 2

16.05: Sinfonia n.º 2, em mi menor, op. 27, de Rachmaninoff; 17.00: Musicantes; 17.30: Sonata n.º 32, em dó menor, op. 111, de Beethoven; 18.05: Culturgado; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.10: Música de câmara; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto e música também; 22.40: «Jeux», de Debussy; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

17.00: Matiné; 20.00: Campanha eleitoral; 20.30: Conta corrente; 22.00: Quando o telefone toca (3 edições); 22.15: Portugal e a CEE; 22.30: Hora literária; 23.00: Tempo de desporto; 01.00: 24 horas; 02.00: Passageiro da Noite; 06.00: Uma noite com...

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Discoteca; 16.00: O vapor; 18.00: O som da frente; 19.00: Círculo em FM; 20.00: Em órbita; 21.00: Cinco estrelas; 22.00: Abandajazz; 24.00: Café concerto; 02.00: Dois pontos.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

12.00: Ângelus — escala 12; 12.30: Jornal de síntese; 12.50: Bola branca; 13.00: Todos à uma; 15.00: Equipa da tarde; 18.00: Especial eleições.

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 720

HORIZONTAIS

- Artigo definido. Escuridão Tempo do verbo ser.
- Navalha de ponta e mola (gir). Espécie de tecido antigo
- Mouro convertido (ant.). Narcótico.
- Antiga cidade da Sicília. Palmeiras da Amazônia.
- Cinema (abrev.). Reze.
- Toma como modelo. Mercúrio (smq.). Artigo finido (ant.).
- Relato. Rainha de Egipto, cujo túmulo foi descoberto por Mariette em 1859.
- Derradeiros. Greda branca.
- Cidade de Espanha. Freguesia do concelho de Gouveia.
- Miado (inv). Sentido do gosto.
- Mostrava.

VERTICAIS

- Nome poético da aurora. Jibóia.
- Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Espadim.
- Tabagismo.
- Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar ouro. Rio da Lapónia.
- Tempo do verbo ir. Aldeia de índios do Brasil, Platina (s.q.).
- Versejar.
- Freguesia do concelho e distrito de Bragança.
- Camareira. A Pátria.
- Nome dado aos cinco magistrados eleitos cada ano em Esparta. Aceira.
- Limp.
- Aquele que aconselha.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9570

HORIZONTAIS

- Que se consorciou
- Autêntica.
- Cálculo (s.q.). Que fica entre dois mares.
- Comera sofregamente.
- Una. Tira de fígado temperada e frita.
- Verba. Abreviatura de Santíssimo.
- Banquete (fig). Fileira.
- Rei de Judá de 944 a 904 a.C. Agrestes.
- Guténio (s.q.). Pátria de Abraão. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- Prendera com eles. Nome pelo qual se designava outrora Dido, fundadora de Cartago.
- Afagos. Alegrias.

VERTICAIS

- Ousadia
- Haveras. Cinquenta e um em romano.
- Ocultaram.
- Península da Rússia meridional, no mar Negro, ligada à parte continental pelo istmo da Perécipe, entre o mar Negro e o mar de Azov. Boi selvagem.
- Preposição latina que designa movimento. Três consoantes iguais. Carta de jogar.
- Prever. Letra grega.
- Acrescentar. Padecer
- Além disso. Vi.
- Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Tempo forte, entre os latinos.
- Consoantes que fazem parte dum prego popular antigo. Pessoa agigantada (fig.).
- Pano de lã felpudo não pisado. Tostas

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 719

HORIZONTAIS:

- Ti. Mac. Riam.
- Aer. Cás. Tão.
- Nu. Marat. Sr.
- Samarra.
- Omega. Aérea.
- Ali. Sai.
- Araça. Aliai.
- Maceres.
- Qs. Socou. Pá.
- Aue. Ras. Ser.
- Mero. Cara.

VERTICAIS:

- TANTO Assam
- LEU. Mar. QUE.
- Selam. Er.
- Mágicas.
- Cama. Açor
- Cara. Ecar.
- Sara. Aros.
- TRESLEU.
- It. Arais. Sa.
- Aas. Eial. Per.
- Morra. Isara.

Provérbio: TANTO LEU QUE TRESLE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9569

HORIZONTAIS:

- Na. Face.
- Osseo. Clara
- Soer. Toe. As
- Rato.
- La. Urraca.
- Lies. Taa.
- Há. Vãs. Cru.
- Ocasos. Dias.
- Só. Ag. Corpo.
- Láparo. Cás.
- Raposa. Coó.

VERTICAIS:

- Nós. Olhos.
- Asou. Iacola.
- Sé. Lã. Pá.
- Félias. Sapo
- Ao. Vogas
- Trutas. Ra.
- Ecoaras. Co.
- Letra. Dó
- Ea. Ao. Circo.
- Rã. Coração
- Massa. Usos



cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. ac. m. 13 anos
UMA COMEDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERAÔ

SALA B

As 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m. 13 anos
VICTOR VICTORIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
FANNY HILL, A SUECA
ENDIABRADA

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A
As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Nao ac. men. 13 anos
5.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A AGENTE EM NOVA IORQUE

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
19.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
DUMBO
Falado em Português
8.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
As 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CÃES DE PALHA
As 24
ASHANTI
2.ª Semana

CITY CINE 49999

R. Tomas Ribeiro, 34
As 14.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A PASSAGEM
As 23.45
O JUIR E O ASSASSINO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
Int. men. 13 a.
13.ª Semana
As 24
MR. BOO! AGENTE CONFIDENCIAL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AS DUAS FACES DO AMOR

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
BRIGADA DO VÍCIO
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ATILA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
FUGA PARA A FELICIDADE

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA SEMANA DE FÉRIAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
BRIGADA DO VÍCIO
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
8.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
FORÇA DE INTERVENÇÃO
ANTIDROGA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
As 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A CASA DO CEMITÉRIO
As 18.15 e 24
CALÍGULA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15 e 21 - N. ac. men. 13 a.
DOUTOR JIVAGO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO ESPIAO
As 24
ADOLESCENTE PERVERSA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM LONGO FIM-DE-SEMANA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 17 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
BOBBY
2.ª Semana



Uma cena do filme «A cidade branca».
Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 14, 16, 18, 20 e 22
ANGUSTIA DE VIVER
As 00.45
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
SALA 2
As 14, 16, 18, 20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
As 00.45
SALA 3
As 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
As 00.45
A GUERRA ACABOU
SALA 4
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
CIDADE BRANCA
As 00.45
O TESTA DE FERRO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CASO CONCORDE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANJO
7.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
S. JORGE SALA 1
As 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
GANDHI
4.ª Semana
S. JORGE SALA 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTORIA
11.ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14.15, 16.15, 18.30 e 21.45
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
15.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, a Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Domingo as 11.15 - Para Todos
ASTERIX, O GAULÊS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIDA É UMA FESTA!

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA
2.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ENIGMA

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
40.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 17.30 e 21
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
As 23.45 - Int. men. 18 a.
O JARDIM DOS SUPLÍCIOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Enigma», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)
ALFA-3 - «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)
2000 - «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
CINE-ESTUDIO ACS - «Fuga para Atenas», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA NACIONAL - «O Céu, a Terra», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «O Purificador Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «Orgia Fantástica», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
ZODIACO - «Butch Cassidy e Kid», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «A Oeste Nada de Novo», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA NACIONAL - «O Povo e as Suas Armas», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «O Príncipe da Cidade», às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «Caçada de Duros», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - «Suru o Rebanho», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - Stadium - «Amores e Aventuras de Scaramouche», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Assim Nasce um Herói», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «Rolling Stones», às 21.15 (13 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «Luta de Gigantes», às 21.30
SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Na Calada da Noite», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Palácio - «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Yol», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «O Gendarme e as Gendarmetas», às 21.30 (6 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Firefox», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - «La Luna», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - «Caçada dos Duros», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «O Grande Combate», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - Júpiter - «A Turma dos Malandros», às 21.15 (13 anos)
Linha de Sintra
AMADORA - Lido - «O Grande Zorro», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «SOS Titânico», às 21.30 (13 anos)

Porto

BEBÉ - «A Saudade de Veronica Voss», às 21.45 (18 anos)
RAIONE - «O Varredor», às 21.30 (13 anos)
COUSEU - «Enigma», às 21.30 (18 anos)
AGUIA - «O Desafio do Destino», às 21.45 (13 anos)
ESTÚDIO - «O Ente Misterioso», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
SÃO JOÃO - «Atila», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Gandhi», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «A Diva e os Gangsters», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Fuga para a Felicidade», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS - «A Vingança dos Bárbaros», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - «As Noites Quentes de Calígula», às 21.30 (18 anos)
BATALHA - «Fim de-Semana Sangrento», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L - «A Tempestade», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI - «Demétrio, o Gladiador», às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO - «A Pele de um Malandro», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque d'Ávila, 29-33 (T. 547088); BAIRRO ALTO - LORETO: Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 327284); BELEM: Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro, R. Campo d'Ourique, 135 (T. 686640); CAMPO LIDE - SETE RIOS: Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: Avis, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gémy, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 780342); OLIVAIS SUL: Fernandes Borges, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); PENHA

teatros

Lisboa

ACADEMIA ALMADENSE - Grupo de Campolide - «Anastas», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES - «Há Mas São Verdes», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
D. MARIA II - «Fernando, Talvez, Pessoa», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - Sala Experimental - «Orpheu», às 21.45 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicidário», às 21.30 (18 anos)
ABC - «E Sempre a Votar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA - «Dança de Roda», às 21.30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «O Meu Rapaz é Rapaça», às 21.30 (13 anos)
CAMPO ALEGRE - «Um Calice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Viver com Porcos», às 21.30 (13 anos)

DE FRANÇA: Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); PICHELEIRA: Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); RATO - MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 40536); ALGÊS: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); ODI-VELAS: Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); PAMPULHA: Hospital da CUF, C. do Sacramento (T. 609111).

Linha de Cascais

CÁRCAVLOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; PAREDE: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; DAMAIA: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; QUELUZ: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; CAMARATE: Mendonça, Apelação. Até às 19 horas; CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; MEM MARTINS: Químia, E. de Mem Martins, 285 (T. 9200012). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, Até às 22 horas; SINTRA: Simões, Estefânia (T. 9230832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

SACAVÊS: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; LARANJEIRO:

farmácias

Porto

DE DIA E TODA A NOITE

LIDADOR R. do Lido 265; QUEIJA FERREIRA L. de São Pedro 64. Campanhã; SILVA PEREIRA R. Costa Cabral 293; BOAVISTA R. Boavista 601. à Carvalhosa; SOUSA SOARES R. Santa Catarina 141.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

LOPES RODRIGUES R. Fernandes Tomaz 4 (T. 22634)

Se conduzir não beba

ÁLCOOL E CONDUÇÃO

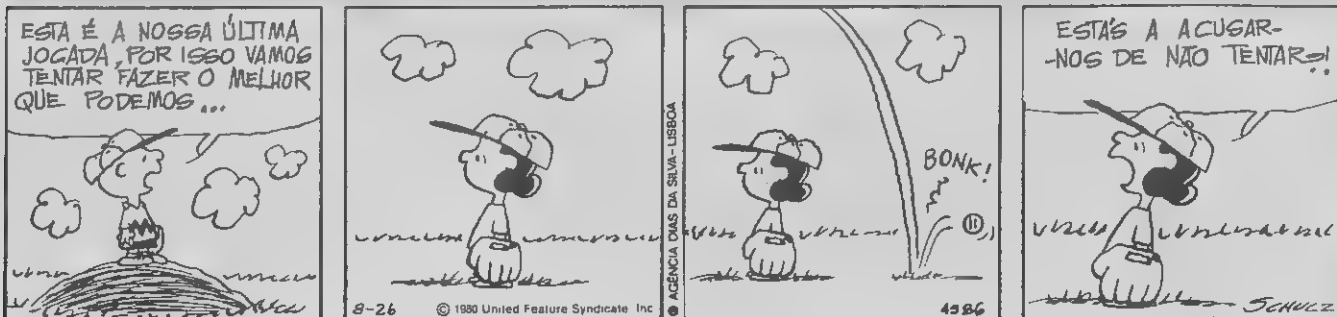


Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones, 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones, 322100-322204-320784



tempo

Devido ao facto de hoje ser feriado nacional, e à hora a que fechamos esta edição especial, não nos é possível dar a informação das temperaturas do ar às 9 horas.

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco; condições favoráveis a ocorrência de nevoeiros ou neblinas matinais.

Ásia e Pacífico: "bomba urbana" afectará 1.735 milhões de habitantes

Tal como noutros aspectos relacionados com população, a região da Ásia e do Pacífico será, em termos absolutos, a mais afectada pela "bomba urbana": no ano 2000, as cidades albergarão 1735 milhões de habitantes, ou seja, 40 por cento do total.

Este dado, que consta de um relatório da Comissão Económica e Social para a Ásia e o Pacífico (ESCAP), reflecte a tendência para a urbanização da região mais povoada do Mundo. Em 1950, os habitantes dos centros urbanos elevavam-se a 16,5 por cento do total e, em 1980, essa percentagem cifrou-se em 27,8 por cento.

A diversidade é, no entanto, o factor mais relevante no quadro da distribuição da população na região.

Assim, enquanto que, entre 1950 e 1980, nos países do Leste asiático a população urbana cresceu de 21 para 55 por cento,

na sub-região da Ásia Centro-Oriental, as percentagens foram mais reduzidas.

Na Índia, por exemplo, de 1951 a 1981, a população urbana aumentou somente cinco por cento, passando de 17 para 22, o que indica uma população predominantemente rural. Em termos absolutos, no entanto, a percentagem supõe um aumento da população urbana de cerca de 95 milhões de pessoas.

Simultaneamente com o fenómeno da urbanização, surgiu o das "grandes cidades", com mais de cinco milhões de habitantes. Em 1950, só duas cidades (Tóquio e Xangai) tinham uma população superior a essa cifra, totalizando, entre ambas, 12,5 milhões. Em 1980, as grandes cidades tinham 113,5 milhões de pessoas.

No ano 2000 calcula-se em 282,7 por cento o número de habitantes urbanos em centros com mais de cinco milhões de pessoas.

As "catorze maiores" cidades serão, no final do presente século, as seguintes: Tóquio, com 24 milhões de habitantes, Xangai, com 22,7 milhões, Pequim, com cerca de 20 milhões, Bombaim, com 17 milhões e Calcutá e Jacarta, com mais de 16 milhões de habitantes cada uma.

Seúl, com uma população de 14,2 milhões, Madras, com 13 milhões, Manila, com 12,3 milhões, Banguecoque e Carachi, com cerca de 12 milhões, Nova Deli, Teerão e Osaka, com mais de 11 milhões de habitantes cada uma, completam a lista.

No que se refere às "cidades intermédias" (entre um e cinco milhões de habitantes), a população aumentou 279 por cento, entre 1950 e 1980.

Em contraste, o número de "pequenas cidades" (cel mil a um milhão de habitantes), registou uma tendência decrescente que, em finais do século, fará com que representem somente 21 por cento da população urbana da Ásia e Pacífico.

Urbanização afectará 60 por cento da população do planeta

Segundo o documento da "ESCAP", a migração, a reclassificação (transformação de áreas rurais em urbanas) e o crescimento natural da população, são os principais componentes do fenómeno da urbanização na região.

Os dois primeiros componentes, segundo um estudo efectuado pelas Nações Unidas, contribuem com 60 por cento para o aumento da população urbana no caso dos países mais desenvolvidos da região, contra 39 por cento nas nações menos desenvolvidas.

As percentagens respondem à relação directa entre a urbanização, como um reflexo do desenvolvimento sócioeconómico e dos índices de mortalidade e fertilidade.

Estes índices, segundo a "ESCAP", diminuíram na maioria dos países da região: entre 1950 e 1975, a expectativa de vida, ao nascer, aumentou cinco

anos em média no Nepal, Índia, Paquistão e Sri Lanka, dez anos na Indonésia, Filipinas e Malásia e mais de 15 anos na China.

O documento da "ESCAP" foi apresentado numa reunião de peritos não-governamentais e das Nações Unidas, que se reuniu, de 21 a 25 de Março último em Hammamet (Tunísia), para elaborar uma série de recomendações em matéria de distribuição da população, emigração e desenvolvimento.

Nas suas conclusões, que serão apresentadas à Conferência Internacional Sobre População, a efectuar no México, em Agosto de 1984, assinalou-se que a urbanização é um fenómeno irreversível que, calcula-se, afectará 60 por cento dos habitantes do Planeta previstos para o ano 2000 em cerca de seis mil milhões.

Os especialistas recomendaram a implantação de políticas de desenvolvimento integral nas áreas rurais e o fomento das cidades intermédias.

A reunião de Hammamet foi a segunda de um total de quatro preparatórias para a Conferência do México. A primeira teve lugar em Nova Deli, em finais de Janeiro último e abordou o tema da fecundidade.

A terceira vai ter lugar na última semana deste mês, em Genebra, e elaborará recomendações sobre população, recursos e meio ambiente.

A quarta e última reunião de especialistas analisará, em Roma, em fins de Maio, os temas relativos à população e saúde.

Nove anos já cá cantam...

O 25 de Abril e o 1.º de Maio de 1974 pareciam milagres festivos e inesperados. Era para muitos tão inacreditável que a queda real do fascismo começou a ser contada por horas, dias e meses. Entretanto passaram-se tempos difíceis, cada vez mais difíceis. Mas hoje já podemos falar com uma nova esperança e dizer com alegria: "nove anos já cá cantam".

Hoje podemos comemorar, com a certeza de sempre, mais um aniversário do 25 de Abril. Hoje podemos dizer que os cravos vermelhos estão cada vez mais frescos, cada vez mais vivos. É certo que houve quem se apressasse a dizer que os cravos haviam murchado, mas isso foi uma precipitação, um erro grosseiro e imperdoável.

Nove anos já cá cantam e o 25 de Abril tem de novo o povo nas ruas. A votar livremente. Mal ou bem, mas a votar em liberdade. A aprender o peso do voto e o valor do que está a fazer.

Este 25 de Abril abre um novo período da vida portuguesa. Dentro de alguns dias o povo virá de novo para as ruas comemorar o Primeiro de Maio e deglutindo o resultado das eleições.

Nove anos já cá cantam, cantando.

Manuel de Azevedo

TEATRO ABERTO

NOVO GRUPO

HOJE-DIA DE ELEIÇÕES
VÁ VER ÀS 21.30

O SUICIDÁRIO



MARIA ALBERGARIA-IRENE
CRUZ-MÁRIO VIEGAS

«QUEM GANHA E QUEM PERDE NAS REVOLUÇÕES?
QUEM ALIMENTA OS OUTROS DE ILUSÕES E JULGA QUE A ILUSÃO SUBSTITUI O NACO DE CHOURIÇO?»
(MÁRIO MURTEIRA-«DL»)

SÁBADOS - DOMINGOS - SEGUNDAS - TERÇAS E QUARTAS
ÀS 21.30

MARCAÇÕES: TEL. 770969



Versos para cantar

Ó rama, ó linda rama
ó rama do olival
pra nós o melhor programa
é dar pão a Portugal.

Das mãos do trabalhador
toda a riqueza se faz
cada pinga de suor
fala de amor e de paz.

Cada pinga de suor
chega o momento em que há-de
nas mãos do trabalhador
ser voto de liberdade.

Ó rama ó linda rama
ó rama do loiro trigo
quem o seu amigo ama
quer-se ao pé do seu amigo.

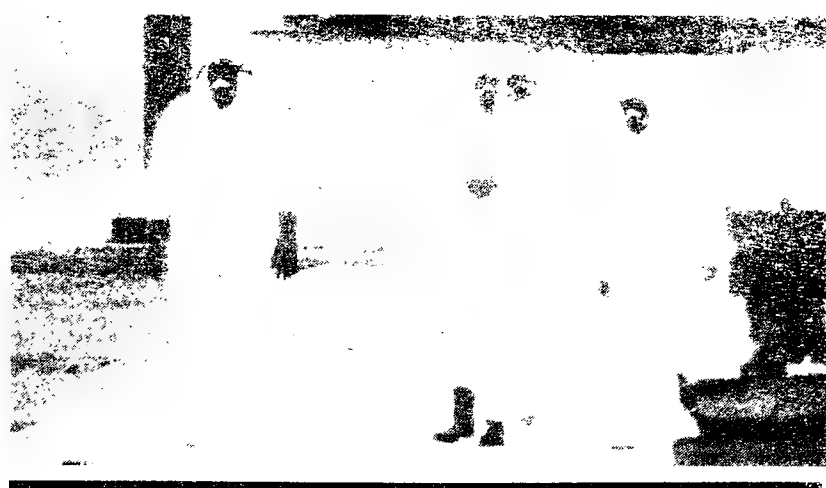
Quem do seu trabalho come
dá mais valor à migalha.
Pecado é matar a fome
com a fome de quem trabalha.

Ó rama ó linda rama
ó rama do olival
pra nós o melhor programa
é dar pão a Portugal.

JOSÉ RAMA

Sete Ponto Sete

A Europa assusta-se com a dioxina de Seveso



O Salão do Livro de Paris
Na encruzilhada das
ciências humanas

Págs. 4, 5 e 6



Foto: J. J. (Nora Curiel) - fotografada por Irving Penn para a Vogue, 1974

Editorial

Misturas

Lévi-Strauss, Barthes, Althusser, Lacan, Foucault, Deleuze, Morin... Os nomes daqueles que, desejando-o ou não, fizeram lei nas ciências humanas francesas, em torno e depois de 1968, dominaram, na semana passada, em Paris, o Salão do Livro. É difícil dizer, à beira deste Maio de 1983, e quando, curiosamente, os estudantes parisienses voltam a agitar-se contra um projecto de Governo para a Educação, se este tempo é, ainda, o deles, embora alguns indícios esparsos permitam sugerir que não.

Lacan não conseguiu deixar herdeiros senão em sectores mais «literários» do movimento psicanalítico, Althusser sofreu a corrosão dos «novos filósofos» e de Castoriadis e apenas fez florescer programas de investigação militante como os que Terray anunciava no princípio dos anos setenta, Foucault e Deleuze deixaram-se excluir do campo mediático e funcionam, ainda, sobretudo, como produtos de exportação, Morin aceitou o jogo das sínteses de divulgação...

No entanto, é impossível conceber hoje um Baudillard ou um Michel Serres fora do campo gerado por todos eles, fora dos encontros e desencontros de problemáticas entre aqueles de quem dependem, desde o final dos anos sessenta, as ciências humanas francesas e as dos países que mantêm uma forte dependência em relação ao que a França produz.

O dossier do «Le Monde» que o Sete Ponto Sete hoje publica, trata exactamente desta questão: qual a importância específica dessa idade cultural na reflexão dos anos oitenta? Quem herdou o seu espaço? Em que países e em que meios universitários continua ele a funcionar como matriz epistemológica? Como reage ele perante outras culturas, outras escolas, outras matrizes?

As ciências humanas francesas lideraram, com os estruturalistas e com os semiólogos, o campo epistemológico, até, praticamente, aos nossos dias. Mas a sua fantasmática é, ainda, eficaz? Por detrás delas emergem, agora, depois de um período em que pouco foram citadas como pontos de referência, as obras de um professor autoritário como Ricoeur ou de um investigador incansável como Greimas. Mas ambos parecem destinados a perspectivar um enfoque genealógico. Eles «tornam compreensível» o que se passou depois deles, mas não alimentam, hoje, um pensamento prospectivo.

Por outro lado, o espaço de reflexão francês, apesar do seu chauvinismo e da sua tradicional falta de permeabilidade em relação aos trabalhos produzidos em outras línguas, não pôde recusar a importância de um Habermas e da escola de Frankfurt, e acabou por «adoptar» Bateson e a escola de Palo Alto, por exemplos. Este ciclo não é, porém, particularmente novo. Os americanos e os alemães têm razão quando se queixam do atraso com que são lidos, e, sobretudo, «digeridos» pela cultura francesa. As únicas excepções a esta regra dependem da importância específica que a filosofia alemã teve, no espaço europeu, com Kant e com Hegel. Marx e Freud aproveitaram, por diferentes razões, esta hegemonia, mas Nietzsche e Heidegger já só entram nesta fileira devido ao trabalho de «mediadores» francófonos...

Entre nós, as ciências humanas francesas nunca deixaram de ter uma importância central. Periféricos, desfasados, razoavelmente desterritorializados, a partir de 61, por universitários que viraram as costas ao espaço português para se refugiarem em diversos países europeus, voltámos, passada a euforia de 1974 e 1975, a olhar para o estrangeiro sem impor produções próprias com valor alternativo, salvo raras excepções.

Por tudo isto, o dossier que hoje publicamos interessa-nos, particularmente. Qual é, hoje, a importância das ciências humanas francesas em Portugal? O «Le Monde» não responde a esta questão. A resposta deve, sem dúvida, ser fornecida por nós próprios.

João Mendes

René Girard

A violência como alicerce do social

N

ÃO se pode passar em silêncio a obra de René Girard, que hoje consegue insinuar-se no seio dos mediadores, impor-se, provocar polémicas, fazer adeptos declarados ou não.

Tudo começou há alguns anos com o primeiro trabalho «La violence et le sacré» (Grasset, 1972) que chamou principalmente a atenção de um meio intelectual. A teoria da violência original continuou a desenvolver-se no segundo trabalho muito volumoso e de título igualmente enorme: «Des choses cachées depuis la fondation du monde» (Grasset, 1978).

Agora René Girard propõe-nos a versão sintética e acabada do seu pensamento filosófico em «Le bouc émissaire» (1). Um livro que parece dirigir-se a todos, tão acessível pelo conteúdo como pelo tamanho, um livro claro, em suma, a vulgarização da teoria girardiana pelo próprio Girard. Talvez ele tenha querido tocar as multidões escrevendo com simplicidade, à imagem da linguagem dos Evangelhos, que ele considera a derradeira resposta a todo e qualquer problema respeitante ao social.

A partir de um simples texto...

O livro começa com a análise de um texto francês do século XIV, escrito por Guillaume de Machaut. Um texto que nada tem de extraordinário no que diz respeito ao estilo e à historicidade. Um texto quase banal que Girard examina com finura, dando-lhe assim uma amplitude e uma importância que o tornam fundamental para a sequência do desenvolvimento teórico. Machaut vai tornar-se ao mesmo tempo um texto-chave que permite descodificar, no decorrer das suas páginas, outros textos mitológicos ou históricos, e um texto pilar onde se apoiará a tese de Girard, a do bode expiatório, a da violência como um alicerce das relações sociais.

Guillaume de Machaut conta-nos o horror da peste, o envenenamento dos rios pelos judeus, o medo da epidemia, a cegueira da população em pânico, e o massacre dos judeus. Guillaume de Machaut acredita firmemente, tal como o resto dos habitantes da cidade, que os judeus envenenaram realmente os rios.

Que revela este texto? Ele mostra-nos, diz Girard, que as terríveis epidemias eram vividas como um castigo divino, e que, consequentemente, era necessário encontrar o culpado. A história mostra-nos que são frequentemente as minorias religiosas que suportam a violência provocada pelo pânico.

E preciso insistir num ponto importante que consiste na crença dos perseguidores quanto à razão da sua violência. A partir do texto de Machaut temos o nó da teoria: quando há uma crise das instituições, o pânico, a violência da multidão dirigem-se para uma minoria (ou um

Chaké Matossian

indivíduo) que é perseguido e a que se chama bode expiatório.

Os estereótipos da perseguição

O bode expiatório, a vítima, só pode existir num certo quadro. Uma pessoa não se torna vítima de qualquer maneira, em qualquer altura e em qualquer lugar. Há, para Girard, quatro estereótipos da perseguição.

a) A crise:

Para que haja perseguição é preciso que as instituições comecem a ruir, que haja indiferenciação do próprio mundo cultural, isto é «o fim das regras e das diferenças» que definem as ordens culturais. Para descrever essa perda da hierarquia, essa situação caótica e essa impressão que todos têm de já não saber onde estão, Girard cita um texto do monge português Francisco de Santa Maria (1697): «Tudo se reduz a uma extrema confusão... As pessoas, sem distinção de estado ou de fortuna, mergulham numa tristeza mortal...».

b) Os crimes fundamentais:

As vítimas são, claro está, acusadas de crimes que permitem aos perseguidores justificar a sua violência. Entre esses crimes pode-se distinguir: os crimes de violência contra indivíduos que simbolizam a autoridade (o rei, o pai) ou a inocência (as crianças, os fracos); os crimes sexuais (violação, incesto, bestialidade); os crimes religiosos. Todos estes crimes põem a ordem social em perigo.

c) A selecção vitimária:

Segundo Girard a violência da multidão sobre um indivíduo é polarizada por traços universais. Para além dos critérios puramente físicos podemos constatar critérios culturais ou religiosos. «São todas as qualidades extremas que atraem, de vez em quando, as tempestades colectivas.» Toda a diferença fora do sistema faz de um indivíduo uma vítima potencial.

d) A violência dos acusadores:

Trata-se, para os perseguidores, de tornar a vítima responsável pela crise, e de a eliminar. Girard toma como exemplo a execução da rainha Maria-Antonieta. Encontra-se ali o estado de crise (a Revolução), o crime fundamental (incesto), a selecção vitimária (mulher, rainha, estrangeira), a eliminação violenta. A apoiar este exemplo podemos recordar o que disse Michel Vovelle acerca dos jacobinos que defendiam a moral burguesa e o regresso à ordem, e assimilavam à aristocracia a depravação dos costumes, acusando Maria Antonieta de atentados ao pudor das mães (2).

Dos mitos aos Evangelhos

Girard consegue descobrir nos mitos os estereótipos de uma perseguição universal, que, segundo ele, os etnólogos recusam ver. O mito esconde e transfigura a realidade do assassinio colectivo na origem das relações sociais. O sagrado revela, com efeito, um bode expiatório ao contrário, uma vítima já não aquém mas além do social. Encontra-se, por exemplo, no mito Teotihuacan o caos original e o sacrifício de dois

deuses que, ao lançarem-se nas chamas, se tornam em Sol e Lua permitindo assim que o mundo nasça.

O mito mais exemplar continua a ser o de Edipo, no qual Girard reconhece todos os estereótipos da perseguição: a crise (peste), os crimes (parricídio e incesto), os sinais vitimários (estrangeiro, coxo) e o exílio. Em todo o caso, mesmo que este mito continue genial, algo lhe falta, segundo Girard, a força de revelação que os Evangelhos trazem no que diz respeito ao fenómeno da perseguição.

Toda a gente foi portanto enganada pela enganadora mitologia. Os etnólogos, Freud e Marx, não quiseram ver nem saber nada da clara verdade dos Evangelhos. Os Evangelhos desmontam o mecanismo do bode expiatório, insistem na sentença sem causa dos perseguidores, na unidade da multidão, na crença real dos perseguidores quanto à justiça da sua acusação, no inconsciente colectivo («Meu Pai, perdoai-lhes que eles não sabem o que fazem»), no mimetismo unânime no que diz respeito ao bode expiatório (Salomé desejando o desejo da mãe, pede a cabeça de João Baptista, e a multidão também deseja o desejo de Salomé).

Mecanismo estruturante e tema

Para René Girard, só os Evangelhos conseguem subverter o sistema perseguidor. Estamos em face de duas espécies de textos: os Evangelhos e os outros, quer dizer os mitos ou os textos de perseguição do tipo Machaut. Todos eles mantêm uma relação com o bode expiatório. A diferença fundamental reside no facto de os mitos e Machaut não dizerem que a vítima é um bode expiatório, ao passo que os Evangelhos denunciam claramente este facto.

Descobrimos pois duas espécies de bode expiatório: — o bode expiatório do texto, isto é, o mecanismo estruturante (Machaut e os mitos)

— e o bode expiatório no texto, isto é o tema (dos Evangelhos).

Em suma, os Evangelhos dizem muito simplesmente a verdade do mundo e do social, e Girard tenta convencer-nos da supremacia dessa luz divina: «Revelando este mecanismo e todo o mimetismo que o rodeia, os Evangelhos mostram a única máquina textual que pode pôr fim ao aprisionamento da humanidade nos sistemas de representação mitológica baseados na falsa transcendência de uma vítima sacralizada porque unanimemente considerada culpada».

Se para René Girard a superioridade do cristianismo não causa dúvida alguma, estamos no direito, ao que parece, de nos interrogarmos sobre aquilo que essa teoria reducionista esconde. Claro que a violência e o sagrado mantêm estreitas relações e contribuem para os alicerces das instituições. O fenómeno do bode expiatório não pode ser negado mas daí a deduzir dele a explicação de tudo o que nos diz respeito mandando para os infernos a etnologia, o marxismo, e a psicanálise, há um passo que recusamos dar.

Girard propõe-nos um sistema fechado, não toma nenhum factor social, político, etnológico, econó-

mico ou psicanalítico em consideração. Encontramo-nos fechados na esfera de cristal de uma verdade revelada e por isso mesmo incontornável, inultrapassável. Isto significa que nos encaminhamos perigosamente para um regresso ao conceito de «natureza humana». Esta aparece em filigrana no texto de Girard que quer demonstrar a «vocação» da cultura humana: «As análises precedentes obrigam-nos a concluir que a cultura humana está votada à dissimulação perpétua das suas próprias origens na violência colectiva». A nossa miséria indelével também se nota na traição de Pedro: «O facto de os próprios discípulos não poderem resistir ao efeito do bode expiatório revela todo o poder sobre o homem da representação perseguidora». E, por fim, sem dúvida um pouco mais misteriosamente e de mais difícil explicação, Girard aflora o património genético: «No dia em que compreendermos o que se passa no mito de Edipo, de que mecanismo genético e estrutural provem esse mito, teremos de nos resignar a dizer que Edipo é um bode expiatório».

A partir do momento em que uma teoria pretende que a violência caracteriza a natureza humana, é evidente que ela vai colocar os revolucionários do lado «satânico» da história: «sistematicamente críticos perante as instituições eles (os revolucionários) sacralizam sem vergonha as violências da multidão». Para Girard os revolucionários avançam pois no caminho errado, recusando deixar-se influenciar pela deslumbrante verdade dos Evangelhos, que não só fala da existência do mecanismo persecutório mas que também propõe a destruição final de toda e qualquer representação persecutória graças ao Paraclete, que não é mais do que o advogado de defesa: «o Espírito do Cristianismo é o defensor de todas as vítimas falsamente acusadas».

Eis a razão porque todas as análises do social, todas as acções a nível do político, e toda a cultura dos nossos dias que resiste à luz do Evangelho, ficam desesperadamente nas brumas escandalosas do mito. Saber responder com o perdão às atrocidades dos perseguidores, parece ser a «acção» proposta por Girard ao nível sociopolítico: «Toda e qualquer violência revela agora aquilo que revela a Paixão de Cristo, a génese imbecil dos ídolos sangrentos, de todos os falsos deuses das religiões, dos políticos e das ideologias. Os assassinos não deixam de pensar que os seus sacrifícios são meritórios. Também eles não sabem o que fazem e devemos perdoar-lhes. Chegou a hora de nos perdoarmos uns aos outros».

Girard esquece, no entanto, que uns não têm nada a ser perdoados por outros. Há atrocidades na história em que não se vê muito bem como e porque razão as vítimas deviam não só perdoar aos seus carrascos como fazer-se perdoar por eles.

Girard introduz uma relação de reciprocidade que não tem razão de ser. Tanto uns como outros marcam um espaço-tempo preciso no seio da história. As vítimas não podem tornar-se os carrascos dos seus carrascos. É difícil pensar que Talat, Staline, Hitler e os outros não sabiam o que faziam... É preciso ser vivamente iluminado para lhes perdoar, e um pouco masoquista para lhes pedir perdão.

(1) René Girard Le Bouc Emissaire, Paris, Grasset.
(2) Michel Vovelle, Idéologies et mentalités, Paris, Maspero.

Infernos

Mishima confronta-se com Sade

Com extrema perícia enterra o sabre nos intestinos e cumpre o ritual do **seppuku**. Acto supremo de exibicionismo meticulosamente pensado e encenado por Yukio Mishima, escritor japonês no apogeu da sua carreira literária não muito longe do Nobel. Poderia, um dia, ter sido distinguido com essa «honra» mas preferiu imolar-se, aos 45 anos de idade, espetando a espada no ventre à maneira dos **samurais**. Fê-lo, em Novembro de 1970, perante representantes dos órgãos de informação para que o seu gesto fosse contado e ficasse imemorable.

Lourdes Féria

A

personalidade de Mishima, sem dúvida controversa, suscitou o interesse de Filipe La Féria que viu nele um personagem. Assim decide montar um espectáculo na Casa da Comédia que é segundo diz, «uma confrontação entre Mishima e Sade». O que há de comum entre estes dois homens? Sade era um revolucionário, um transgressor das regras estabelecidas. Mishima era um nacionalista de extrema-direita, «um fascista embora não tomado no sentido essencialmente mediterrânico do termo», conforme afirma Marguerite Yourcenar. Sonhava com a restauração do esplendor do antigo Império. Há, todavia, um ponto de analogia entre Sade e Mishima: o teatro. Ambos tinham a paixão do teatro, da representação. E o que foi as suas vidas, senão isto?

«Senti uma enorme curiosidade por Mishima quando há uns anos atrás vi nas Ramblas, em Barcelona, uns jovens nazis, vestidos de cabedal negro, a vender o retrato de Mishima. Da sua obra pouco conhecia. Tinha lido apenas «O Templo Dourado», numa tradução de Ondina Braga. Depois comprei praticamente tudo o que ele escreveu e tomei contacto com «A Visão do Vazio» da Marguerite Yourcenar que é um esplêndido estudo sobre Mishima.» Concluiu Filipe La Féria, após a leitura da «Senhora de Sade» que o escritor japonês se identificava com a mulher do marqués. E seguindo esta orientação escreve o texto que serve de suporte ao espectáculo da Casa da Comédia.

«A mulher de Sade assume o papel de carrasco. É ela que o denuncia à polícia e que queima parte da obra. Mais tarde tornou-se freira e morre proclamando o seu apoio ao Imperador...» Porque relaciona a marquesa de Sade com o poder o encenador achou que a figura deveria ser interpretada por um homem. Portanto um travesti. «... Ela é fállica... é o punhal...»

Filipe de La Féria situa a vocação de poder na mulher e na sogra de Sade, a presidente de Montreuil, símbolo do poder máximo (o político) e que numa alegoria ao acto sexual espeta o punhal na vagina que não tem visto que o papel é representado por um homem. Em certa altura diz: «o nosso sexo de mulher reproduz até ao infinito. A reprodução é a garantia do poder, é o poder que se reproduz. O poder é ainda a mãe — a pátria que impõe leis e sacrifícios. Sade evade-se não

só destas prisões como também as ridiculariza.

Era um progressista que dirigiu no Parlamento um magnífico libelo ao povo: «Franceses só mais um esforço...» Sade, vítima? Certo é que a audácia do seu pensamento lhe valeu vinte anos de prisão.

No oposto está Mishima. «Ele não era um libertino mas sim um moralista. Não sei se reparaste que a única mulher verdadeira do espectáculo, feita por uma actriz, é Yoko, esposa de Mishima, a gueixa (silenciosa e obediente) a quem nem sequer concede a oportunidade de morrer com ele. Esse privilégio é para o amante, Morita. Ela representa o povo... na minha concepção dramática.»

Yoko não foi para Mishima sequer uma caução de normalidade. É a esposa, mãe dos filhos, a regra que se aceita. De resto ele nunca escondeu as suas tendências, sempre manifestou publicamente a sua homossexualidade. Aliás o primeiro orgasmo (é ele que narra) sucedeu-lhe, ainda púbere, após se ter masturbado a olhar para o retrato de S. Sebastião, corpo belíssimo cravado de setas. De mártir. «O corpo poderia comparar-se ao de Antínoo, o bem amado de Adriano cuja beleza imortalizou tantas esculturas e não mostrava o menor vestígio de provações de missionário ou dessa decadência que ligamos à imagem dos santos. Pelo contrário era todo Primavera e juventude, só luz, beleza e prazer.» Eis a descrição que Mishima faz do jovem capitão da guarda pretoriana que pregava o pacifismo cristão.

Mishima, por outro lado, era um narcisista exacerbado. «Sim, o narcisismo é um conceito masculino. De facto o mito de narciso atravessa toda a nossa civilização», acrescenta Filipe de La Féria. Ele veste-se no melhor alfaite de Tóquio, penteia-se nos melhores cabeleiros para fotografos artísticos — é manequim, actor de cinema, play-boy... E, claro, o grande actor projectado para fora das portas do Japão.

Da leitura de Mishima o encenador reteve o essencial: que tinha o culto do saber, da honra antiga dos samurais, dos tempos gloriosos imperiais, do militarismo, do espírito guerreiro. «Ele tem todo o peso cultural do Japão tradicionalista à mistura com uma carga da cultura ocidental mal assimilada de escritor de manchete, sobretudo americanizado. Quanto a mim a juventude dos anos sessenta correu um grave perigo ao deixar-se fascinar pelo folklorismo orientalista... Acho tudo isso muito reaccionário na medida em que afasta o pensamento dos problemas sociais, da realidade.»

Instinto

De qualquer forma (sublinho) Mishima era um poeta. Transpôs



Um espectáculo excessivo...



«O que me fascina no teatro é o efémero...»

os limites do ser comum ao aspirar à biografia de herói que se suicida pela pátria. «Um gesto extraordinariamente teatral. Considero o teatro um lugar de morte». É o comentário de Filipe. A propósito de teatro, o espectáculo da Casa da Comédia resulta, para além da confrontação entre Sade e Mishima, numa interrogação sobre o que é o teatro. E teatro para Filipe La Féria o que é?

«Não tenho uma concepção unilateral. Era incapaz de fazer teatro de rótulo: para ricos, pobres, burgueses ou operários... O teatro é para mim o espelho. Sou um pouco animal de instintos. O único prazer que tenho é o teatro, é criar...»

Não teria o homem já perdido os instintos? Habitado pela insatisfação, sentimento que o toma logo a seguir à estreia de uma peça, reconhece que o instinto é provavelmente uma treta. «A verdade é que os instintos também já são programados». Para este espectáculo «A Marquesa de Sade» transportou uma arca de aquisições culturais e de referências com que nos surpreende, qual prestidigitador, impedindo-nos de respirar, o que mais uma vez revela a sua imoderação. Quer

meu ponto de vista, mas que impede a total compreensão do texto, sobretudo na zona que o autor se me afigura apostar: o ideológico. «E a contradição que tenho como dramaturgo e plástico. Escrevo o texto, esqueço-me desse pormenor e começo a reproduzi-lo em imagens... Talvez eu tenha tanta coisa para dizer que as queira dizer ao mesmo tempo... Com os anos pode surgir, naturalmente, esse equilíbrio de que falas... Neste espectáculo pretendo dar ao espectador apenas uma mancha que vai alastrando. Como dramaturgo mostro as coisas pelo excesso exactamente para criar essa mancha. É a minha forma de expressão...»

Filipe de La Féria prende-se a paixões. Arde nelas, deixa-se devorar enquanto as vive. Primeiro Pasolini: agora Mishima, Sade e Artaud — os vectores deste seu último espectáculo. Afirma contudo que não pretende fazer um espectáculo «artauniano». Que se baseou no teatro Kabouki, sem o tentar copiar. Submete-se todavia às suas regras que experimentou desenvolver no plano estético. «Quis despojá-lo de todo o folklorismo e reencontrar, nesse teatro, as reminiscências do sagrado...»

Sagrado. E não tem a ver com Artaud? «Para mim o actor é o corpo que arde e não o barro que se molda», diz Filipe. A irresistível atracção do teatro é o segredo. «Estar fechado nesta casa com os actores durante meses e, juntos, combinarmos uma história que iremos mostrar ao público». O segredo que se revela através das células, dos poros, da voz, do grito, da palavra — em suma, do corpo.

Artaud escreveu que tudo é uma crueldade e que o teatro tem de se renovar «baseado nesta ideia de acção exasperada e extrema». O teatro de crueldade fundamenta-se na tentativa de abolir os obstáculos entre o vivido e o representado, em proveito de uma «desobstrução do ser», de uma comunhão entre o actor e o público. É o contrário de Brecht, a tentativa para devolver ao espectáculo a sua componente sagrada inicial, sensualizando a linguagem e incitando o espírito à identificação com a magia das palavras. «Não suporto o actor fingido, cheio de truques. Mas acho que cada peça exige a sua maneira de representar, não há padrões fixos. De qualquer forma o actor que queira representar convencionalmente dá-se mal comigo... daí que digam que eu sou uma pessoa difícil.»

Chocante

Chocantes é como normalmente se classificam os espectáculos de Filipe La Féria. Há quem vá à Casa da Comédia pela aliciente dos nus, dos corpos que se expõem, do desbragamento da linguagem. «Como ao fazer Pasolini senti necessidade de desnudar os actores agora foi preciso desnudar as cabeças. Quanto ao choque... Sade hoje em dia já não choca ninguém. A sociedade do poder é muito mais chocante que os libertinos de Sade.»

Introduzir Sade no teatro japonês, teatro infantil com dragões e serpentes, foi o gozo maior do encenador. Os actores aprenderam canto e «Akido», despenderam um enorme esforço físico e psíquico nesse labor a fim de estarem aptos ao estilo de representação que Filipe La Féria deles exigia. Que estilo ou que estilos? «Em que as palavras são ditas em chanting, o método clássico inglês de representar Shakespeare. É também o teatro textual da tragédia grega. Mas o texto implica

dois tipos de linguagem: uma muito próxima dos poemas japoneses e outra do século XVIII, do próprio Sade. Ou seja o texto erudito e rendilhado onde o palavrão surge abruptamente tornando-se desmistificador dessa erudição. E portanto subversivo.»

Nos primeiros ensaios da «Marquesa de Sade» ainda houve a tentativa de imitar o teatro japonês, processo que o encenador abandonou por se aperceber do «fácil e gratuito» que seria enveredar por esse caminho. «Procuramos então encontrar correspondência no teatro ocidental. Daí a inclusão do cantor de ópera como narrador e comentador da acção.»

Sade, inequivocamente a espinha dorsal do texto era, tal como Mishima, um moralista. «Um moralista de pura tradição e seria útil recolher uma selecção das suas máximas ao pé das quais as de La Rochefoucauld pareceriam fracas e hesitantes». Escreve Maurice Blanchot, no livro «Raison de Sade». Só que era um moralista de outra espécie, diferente de Mishima. Sendo aristocrata revelou-se revolucionário no discurso e na prática da sua filosofia. «Ele quer a revolução integral do homem, não quer o musical da Bastilha». É nesta apreciação de Sade que Filipe La Féria encaixa a realidade política portuguesa. O 25 de Abril também foi um musical «de farsas e enganões», embora tenha sido a coisa mais importante nas nossas vidas. «No entanto corremos o risco de ficar como os republicanos que passaram a vida a comemorar a implantação da República».

Pasolini, em estudioso de Sade, no filme «120 dias de Sodoma», identifica os libertinos de Sade com os fascistas de Saló. Óptica de que Filipe La Féria discorda. «Para mim os libertinos eram os puros, os revolucionários». Mas não é verdade que entre os protagonistas de Sade se estabelece, invariavelmente, uma relação de vítima-carrasco, de dominador-dominado? Que o erotismo se traduz num jogo? «É o teatro. Sade é o teatro. Apresenta tudo por quadros caprichosos, jogos». Crueldade, metáfora infantil ou excrecência do poder?

«Em Aetáud a crueldade era infantil. E foi por isso que o seu médico lhe mandou traduzir «Alice no País das Maravilhas». E o tratamento que lhe receita. Aliás ele encontra a sua personalidade traduzindo Alice...»

Filipe La Féria alcança o teatro pela via da poesia. Nasceu em Aldeia Nova de S. Bento, no Alentejo, há 37 anos dos quais já gastou 18 no teatro. Começou por escrever poemas, no Suplemento Juvenil do «DL», que ele mesmo ilustrava. Foi actor na Companhia da Luzia Maria Martins e mais tarde, no grupo independente da Cornucópia de que se orgulha ter sido fundador. Inicia-se no trabalho de encenador com Victor Garcia, sendo seu assistente. E finalmente a Casa da Comédia, companhia que dirige há seis anos.

Pelo meio deste percurso viveu três anos em Londres, graças a uma bolsa da Fundação Gulbenkian. Apanha ainda uma época ainda de esplendor cultural, embora na curva já descendente: é o teatro underground, o rock a caminho do declínio, o exibicionismo dos trajes, a festa nas ruas. «Foi a época do «Angie» dos Rolling Stones, do «Sonho de Uma Noite de Verão», do Peter Brook. Vi o Pasolini em Londres a filmar «Os Contos de Cantuária» e muitas vedetas que frequentavam o restaurante «Casserolet», onde trabalhei. Quem? Orson Welles, John Craddock...»

Que outra coisa poderia acontecer a um jovem intelectual provinciano, cujo mundo se resumia à Brasileira do Chiado, senão o deslumbramento?

O salão do livro de Paris: encruzilhada das ciências humanas

A quase totalidade das obras escritas que as ciências humanas francesas até hoje produziram estiveram na semana passada expostas no Salão do Livro de Paris, acompanhadas por um bom número das suas congêneres de outras nacionalidades. Assim, durante seis dias, o Grand Palais tornou-se em lugar de encontro de todas as interrogações que o espírito humano mantém, hoje, perante o mundo. E no entanto, depois do formidável desenvolvimento que as ciências humanas conheceram em França

em torno e a partir de 1968 e do seu Maio, algumas delas perderam, já, parte do seu «charme».

O «Le Monde» tentou, nesta ocasião, fazer um balanço e abrir pistas, publicando um dossier que o «Sete Pontos Sete» aqui reproduz, parcialmente. Balanço difícil, apesar de não se pretender exaustivo, porque alguns novos passos estão ainda ensombrados pelo peso e importância de alguns grandes nomes. Este dossier, que consideramos ter

igualmente importância entre nós, dada a relação privilegiada que Portugal mantém com a cultura francesa, contém dois tipos de textos: por um lado, balanços disciplinares feitos a partir dos materiais publicados em livro; por outro, «leiturais» da influência exercida, em países como a RFA e os EUA, pelas ciências humanas francesas. As respostas encontradas ao inquérito do prestigiado «Le Monde» são, por vezes, de molde a incomodar o chauvinismo parisiense...

Em psicanálise, novas pistas

Roland Jaccard

DESDE a morte de Jacques Lacan, já só resta um «monstro sagrado» na cena da psicanálise francesa: Georges Devereux. Desconhecido durante muito tempo, este investigador de origem húngara, formado por Marcel Mauss e Geza Roheim, fundou uma nova disciplina: a etnopsiquiatria. As suas obras conhecem uma audiência cada vez maior no mundo inteiro. Este ano foram editados em França três dos seus livros: *Femme et Mythe* (Edições Flammarion), *Psychothérapie d'un Indien des Plaines* e *Baubo, la Vulve Mythique* (Edições Jean-Cyrille Godefroy), obra na qual George Devereux enfrenta de forma decidida uma das suas obsessões: o feminismo contemporâneo.

implicações sociais e políticas da psicanálise. Duas obras extremamente notáveis tinham aberto o caminho em 1981: *L'Age des Foulées*, de Serge Moscovici (Edições Fayard) e *L'Homme des Foulées*, de Bernard Edelman (Edições Payot). Este ano, Eugène Enriquez, com *De la Horde à l'Etat* (Edições Gallimard), tenta delimitar a relação social, assim como as formas de poder nas sociedades modernas, a partir da obra sociológica de Freud.

Outro domínio que, até agora, tinha sido negligenciado pelos psicanalistas: a música. Freud, como se sabe, declarava-se completamente «unmusikalisch» (não-musical) e, no índice dos *Écrits* de Lacan, que comporta mais de trezentos nomes, não figura um único músico.

Donde a novidade de uma obra colectiva como *Psychanalyse et Musique*, que acaba de ser publicada pelas edições *Les Belles Lettres* numa nova colecção: «Confluences Psicanalíticas», dirigida por Alain De Mijolla. Este último reuniu para este livro Pierre Schaeffer, músico muito ao corrente da descobertas freudianas, e cinco analistas que gostam e praticam música: G. Rosolato, J. e A. Cain, J. Rousseau-Dujardin e J. — G. Trilling.

Tanto a música como a parapsicologia conhecem um interesse crescente, de que é testemunho igualmente o aparecimento da obra de Vladimir Granoff e Jean-Michel Rey: *L'Occult, l'Object de la Pensée Freudienne* (PUF).

Se as revistas de psicanálise pouco se renovam, o mesmo não acontece com *L'Âne*, magazine freudolacaniano, dirigido por Judith Miller, e difundido pelas edições do Seuil, de que cada número é aguardado com curiosidade; nela se trata de psicanálise, mas também de antropologia, de filosofia, de cinema, de teatro e de política sob uma forma sempre original.

Sinal dos tempos: a antipsiquiatria caiu com armas e bagagens. Os nomes de Laing, de Cooper, de Berck, de Szasz já não mobilizam ninguém.

Terminemos contudo este panorama com uma nota animadora: as *Oeuvres Complètes* de Freud vão ser finalmente publicadas em francês, sob a responsabilidade das Presses Universitaires de France (PUF). Os primeiros volumes estão previstos para 1985.

Música e ocultismo

Interesse que se dirige às investigações históricas, mas também às

Na filosofia, o regresso dos professores

DESDE a morte de Sartre, seguida da de Lacan e da retirada de Althusser, a imprensa interroga-se obstinadamente: quem irá substituí-los? Como se o lugar do «grande filósofo» francês estivesse fixado para sempre na topografia do país e devesse ser ocupado necessariamente como se fosse um cadeirão ou trono. Surgem pois nomes e outras tantas candidaturas: Michel Foucault, Michel Serres, Gilles Deleuze, Jean-Toussaint Desanti, Jacques Derrida, filósofos de profissão, creditados pelos seus cursos, aos quais se vieram juntar ensaístas provenientes de diversas disciplinas: René Giard, Edgar Morin, Cornélius Castoriadis, Jean Baudrillard.

Para o público, estes nomes, por mais notáveis que sejam, não têm muito peso. O cadeirão de Sartre continua desocupado; melhor: a história já o transformou em pedestal erigido apenas para ele. Resta a necessidade, sistematicamente alimentada pelos *media*, de um chefe de fila intelectual. A filosofia nada tem a ver com isto. O nacionalismo, sim. A França apanhou o hábito, pelo menos desde Voltaire, de produzir um grande homem em cada século na cena mundial. O vigésimo será, pois, «o século de Sartre», mas fica-se aflito à ideia de o vigésimo primeiro poder não ter a marca de um nome francês.

Deixemos estas especulações sem grande interesse e vejamos o que se passa na filosofia, em França, neste momento. Primeira constatação: como em muitas outras profissões, avança-se através dos mais velhos. Chegados à idade da reforma, excelentes professores, durante muito tempo tidos por honestos praticantes da filosofia, vêem-se promovidos a «filósofos», sem querer. Vladimir Jankélévitch teve recentemente este destino feliz; agora, parece chegar a vez de Emmanuel Lévinas; amanhã será a de Paul Ricoeur.

No entanto, a história conta com poucos filósofos, no sentido de criadores de um sistema filosófico. Não recuando já a Platão ou Aristóteles, nem a Santo Agostinho ou São Tomás de Aquino, e, não saindo do pensamento ocidental, citemos: Descartes, Espinoza, Leibniz, Kant, Hegel, Marx, Bergson. Neste século, Husserl, talvez Heidegger. O próprio Sartre, aplicando o esquema marxista segundo o qual uma filosofia corresponde a um certo estágio da sociedade, definia-se a si próprio, em 1960, como um «ideólogo» em relação à filosofia, que se mantém inultrapassável enquanto as condições que a engendraram não tiverem mudado: o marxismo. Sa-

bemos bem aquilo por que passou durante os últimos dez anos: só os militantes marxistas acreditam ainda que o marxismo continua a ser integralmente operante para compreender o mundo e transformá-lo.

Falha

Mas, de filosofia nova, ainda nada. Aqueles a que se chamou «novos filósofos» foram sobretudo ensaístas-publicistas, que exprimiram de forma eficaz o refluxo do marxismo na *intelligentsia*. Nenhum deles propôs um pensamento original. O mentor de todos eles, Maurice Clavel, ajudado por um dom excepcional de comunicação mediática, «bonacheirão caloroso», noutros termos, pensava dentro da órbita de Kant, o que não é novidade nenhuma. O marxismo, por sua vez, continua a fornecer alguns instrumentos intelectuais indispensáveis aos historiadores, como Fernand Braudel reconhece sem dificuldades.

No âmbito do pensamento liberal, Raymond Aron continua a ser o mestre incontestado da filosofia da história. À esquerda, parece renunciar-se mesmo à filosofia política concebida como um compromisso: um filósofo tão atento às lutas como Claude Lefort só vê possibilidades de um pensamento político novo numa «retirada do político» provisória. Para Blandine Barret-Kriegel, a filosofia política só se poderá regenerar regressando a uma reflexão sobre o direito, a única capaz de fundar uma política dos direitos do homem entre o ceticismo liberal e o voluntarismo marxista. André Gorz, de formação sartriana, vê a salvação numa filosofia em acto, que consiste em inventar comportamentos sociais novos que escapem à lógica produtiva, seja ela capitalista ou socialista.

É no ponto de tangência das ciências exactas, com os trabalhos de Henri Atlan, biofísico, de René Thom, matemático, de Ilya Prigogine, físico, e das ciências do homem, de que Edgar Morin assegura infatigavelmente, pelo seu papel de «go-between» crítico, a comunicação, que se manifestam os modos de pensamento mais inventivos. É muito possível que a investigação empreendida por Morin em *La Méthode* se revele muito brevemente como o trabalho mais significativo da filosofia verdadeiramente contemporânea.

Michel Contat

Os filósofos que mais marcaram os anos 70 (Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derridas) parecem falhos de invenção. O primeiro prossegue um trabalho de historiador das ideias, que decididamente o afasta da filosofia; o segundo metaforiza, sem conta e medida, as suas descobertas sobre a economia libidinal, retomadas por sua vez por Jean-François Lyotard; o terceiro, finalmente, concebe a filosofia como uma interrogação poética que o torna cada vez mais esotérico. Há discípulos, como Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe, que rivalizam em hermetismo num registo sobretudo literário. Por seu lado, Michel Serres escreve livros atrás de livros, que se apresentam deliberadamente como vadiagens literárias, libertas do esgotante trabalho conceptual.

Na geração seguinte, à excepção de Régis Debray ou de François George, em princípio muito afastados, a filosofia fechou-se em grande parte na universidade: regresso à filosofia dos professores, outrora ridicularizada por Jean-François Revel, e depois por François Chéretet. Talvez fosse necessário introduzir na filosofia a distinção operada por Roland Barthes entre escritores e escribas: há os filósofos, tal como os definimos mais acima e os filosofantes, quer dizer, aqueles que fazem trabalhos filosóficos.

Na filosofia universitária actual, que, sublinha-se, não deixou de forma nenhuma penetrar a escola de Frankfurt, esboçam-se três correntes. A introdução tardia, sob o impulso de Jacques Bouveresse, da filosofia analítica inglesa, que é exclusivamente uma filosofia da linguagem. A fenomenologia husseliana clássica, cujo principal conhecedor é Gérard Granel, e que é prosseguida, através da filiação de Merleau-Ponty, por jovens filósofos, tais como Jean-Louis Chrétien e Didier Franck. A ontologia heideggeriana, finalmente, que, subtraída ao controlo ortodoxo de Jean Beaufret, tende cada vez mais para a teologia com Jean-Luc Marion. Estas correntes produzem trabalhos que não têm qualquer hipótese de ser lidos fora dos círculos universitários, e que de resto não o pretendem ser.

Paralelamente a estes trabalhos académicos, observam-se empreendimentos filosóficos, tais como os de Manuel de Dieguez, crítico tenaz da teologia, ou de Marc Ri-

chir, continuador da fenomenologia. Por seu lado, Clément Rosset, universitário mas franco-atirador, parte de Schopenhauer e de Nietzsche para tentar pensar o «desdobramento do real». Manifesta-se uma expectativa no respeitante a uma renovação do pensamento judeu na continuidade de Lévinas, mas é muito cedo para se notarem os seus resultados.

Tal é o panorama, numa visão muito superficial. Não é grande coisa. Quando interrogamos François George, que acaba de fundar uma revista decididamente fora dos circuitos universitários, *La Liberté de l'Esprit*, e que deposita as suas esperanças num «milagre filosófico», ele responde-nos que a «personalidade filosófica» que actualmente mais o impressiona é René Garrigues, que, enquanto se diverte fazendo de «paria», tem por única preocupação recompor o pensamento, à semelhança do que fizeram sucessivamente os verdadeiros filósofos. À pergunta: «Qual será a filosofia do futuro?», François George responde da mesma maneira que Bergson no seu tempo: «Se eu o soubesse, fá-lo-ia.»

NAS COLEÇÕES

● **Gallimard:** «Biblioteca da Ideias», a mais prestigiosa, animada durante os anos 30 e 40 principalmente por J. Paulhan e Bernard Groethuysen, não tem director titular. *L'Être et le Néant*, de Sartre, Fénelon mérologie de la Perception, de Merleau-Ponty, *Introduction à la Philosophie de l'Histoire*, de Raymond Aron. Último título a destacar: *Critique de la Raison Politique*, de Régis Debray. — «Biblioteca de Filosofia», fundada por Sartre e Merleau-Ponty, actualmente dirigida por Pierre Verstraeten. *L'Idiot*, de Derrida, de Sartre, publica as importantes traduções: Ernst Gramsci, Husserl, Heidegger, Lukacs, Wittgenstein, franceses: Machiavel, de Lefort, *Le Sens du Temps* et de la Perception chez Husserl, de Gérard Granel.

● **Minuit:** «Crítica», dirigida por Jean Piel. *De la Grammatologie*, de Jacques Derrida, *L'K'Anti-Oedipe*, de Deleuze e Guattari, *Économie Libidinal*, de Jean-François Lyotard, série dos *Hermès*, de Michel Serres.

Os etnólogos angustiados pelos seus êxitos

Jacques Meunier

e aquilo a que poderíamos chamar, à falta de melhor, os produtos de livraria. Onde o êxito declarado dos diários locais, das histórias do quotidiano, dos testemunhos, das viagens filosóficas e, mais geralmente, da etnologia narrativa.

O divórcio entre a etnologia científica e o seu público vem paradoxalmente do seu sucesso. Inconscientemente, os etnólogos receiam que um reconhecimento demasiado grande dos seus trabalhos os faça perder uma especificidade duramente adquirida. Constantemente à procura das suas fronteiras, a etnologia corre o risco de se diluir à força de ser adoptada por toda a gente... E isto pode explicar aquilo: enquanto disciplina, a etnologia nunca esteve tão bem; enquanto instituição, está em dificuldades. O trabalho atinge o seu zénite, e isso não impede que a profissão esteja periclitante. Dolorosa situação.

Os sintomas mais fragrantemente mal-estar encontram-se nos discursos que os etnólogos fazem sobre si próprios. Fazer o balanço da etnologia francesa de hoje equivale a fazer o balanço dos balanços, dos relatórios e dos panfletos... passando pudicamente por cima das guerras das clãs e dos conflitos de pessoas. Citemos de memória os mais acessíveis: *Où on est l'Ethnologie?*, por André Leroi-Gourhan (1955), (Fayard, 1983); *De l'Angoisse à la Méthode*, por George Devereux (1967), (Flammarion); *La Paix Blanche*, por Robert Jaulin (1970), (Le Seuil); os dois números dos *Temps Modernes* consagrados à *Anthropologie et Impérialisme* (1970-1971); *Ethnologie: le Deuxième Souffle*, por Michel Pannoff (1977), (Payot); *Situation Actuelle et Avenir de l'Anthropologie en France*, colóquio do CNRS (1977); o relatório de Claude Lévi-Strauss, no *Livre Blanc de la Recherche* (1980); o colóquio da Associação Francesa dos Antropólogos; a contribuição de Michel Izard às bases da investigação (1982); a tese de Luc Bouquiaux, *Das Chercheurs sans Chaise Longue* (1982) (Atelier Alpha Bleue); e, finalmente, pelo seu humor e pelas suas perspectivas filosóficas, *Le Savor des Anthropologues* (1982) (Hermann), por Dan Sperber. Todas estas publicações mostram quanto a etnologia tem necessidade de ser reconhecida e sofre, ao

mesmo tempo, por ser apreciada pelo que não é. Aqueles que não pertencem à profissão e que tiveram a coragem de percorrer estes milhares de páginas coseguirão talvez adivinhar a razão profunda de tanta agitação: os etnólogos praticam o exotismo para melhor se reabilitarem!

Desencontro

Quando, em Abril de 1981, a revista *Lire* faz o referendo sobre os intelectuais, a resposta é quase unânime: Claude Lévi-Strauss. Ele vem antes de Michel Foucault, Jacques Lacan, Henri Michaux, François Jacob, E. — M. Cioran, Gilles Deleuze e Vladimir Jankélévitch. A etnologia exulta? Na realidade, fica furiosa... pois vê neste plebiscito o contrário do que tenciona promover: o trabalho de equipa (que compensa o narcisismo intelectual do viajante). E é evidente que Claude Lévi-Strauss só foi citado pelo trabalho menos etnológico da sua obra, *Tristes Tropiques* (Plomb). Como explicar este desencontro entre os leitores e os etnólogos profissionais? Sem dúvida, uma grande ingenuidade de uns e outros.

Efectivamente, as perspectivas da etnologia hoje em dia estariam muito menos ligadas ao talento deste ou daquele do que às capacidades do conjunto em colocar os verdadeiros problemas. Os temas da xenofobia e do racismo, por exemplo, não estão nem fora de moda nem esgotados. Longe disso. Por conseguinte, será preciso começar a levar o debate para lá de um simples confronto entre os livros, especializados ou não, e os seus leitores.

A ideia é generosa. Mas uma vez mais, na medida em que ultrapassa de longe o projecto etnológico, arrisca-se a desintegrar uma disciplina que já é composta de fragmentos, ou a fazer dela um simples anexo dum outro projecto. Há quem o deseje. Assim, em 1969, na conclusão de *Le Marxisme devant les Sociétés Primitives* (Maspero), Emmanuel Terray escrevia: «A tarefa actual dos investigadores marxistas... é anexar o domínio reservado da antropologia social ao campo de aplicação do materia-

lismo histórico, e provar a validade universal dos conceitos e métodos elaborados por este, e substituir a antropologia social por uma secção particular do materialismo histórico consagrada às formações económico-sociais das quais o modo de produção capitalista está ausente, secção na qual colaborariam historiadores e etnólogos».

A intenção é clara. Mas nem por isso levanta menos questões e objecções. Ou a etnologia e a antropologia social são ciências que, enquanto tal, procuram em si próprias «momentos de verdade», libertando-se o mais possível de directivas exteriores, ou não são ciências, e nesse caso não se vê quem teria interesse em as recuperar para esta qualificação... O debate à volta de «marxismo e antropologia» foi alimentado por um grande número de livros. Nomeadamente, devem ler-se os dois ensaios de Marc Augé: *Symbole, Fonction, Histoire* (Hachette), e *Pouvoirs de Vie, Pouvoirs de Mort* (Flammarion), que são boas introduções a esta questão. E para ir mais longe, a fim de interpretar o nosso próprio debate em termos antropológicos, será útil ler um dos livros mais estimulantes dos últimos anos: *Au Coeur des Sociétés*, por Marshall Sahlins (Gallimard).

Este debate de fundo não impede a etnologia de prosseguir os seus objectivos: observar, descrever, analisar, comparar. As perspectivas são múltiplas e difíceis de delimitar.

Casos concretos

A origem do Estado e a história pré-colonial do Terceiro Mundo têm a preferência de numerosos investigadores, africanistas em particular. Quer se trate da perspectiva estrutural, com *Rois Nés d'un Coeur de Vache* de Luc de Heusch (Gallimard), ou da história viva e vivida por dentro por Alfred Adler, em *La Mort Est le Masque du Roi* (Payot), ou quer se trate da abordagem antropológica da história oral — como a de Ivon Wilks, entre os anglo-saxónicos — com os trabalhos de Claude-Hélène Perrot, Emmanuel Terray, Michel Izard e Jean-Pierre Chauveau. Sublinhem-se também

os numerosos estudos sobre a guerra, encarada como prática social e meio de reprodução da ordem étnica: por exemplo, *Guerres de Lignages et Guerres d'États en Afrique* (edição dos Archives Contemporaines).

Também as relações entre os sexos marcam pontos. Maurice Godelier consagra a este tema uma grande parte da *Production des Grands Hommes* (Fayard) e, traduzido recentemente, o livro de Annette Weiner intitula-se nem mais nem menos *La Richesse des Femmes ou comment l'Esprit Vient aux Hommes* (Le Seuil). Começa a esboçar-se uma corrente feminista que lança as primeiras bases de uma «antropologia dos sexos». Aguardemos.

Já clássicos, mas sempre actuais, os estudos sobre os mitos, os ritos, o transe e a posse, os sistemas de parentesco, o nomadismo e o pastoralismo (1). Os sistemas de pensamento e de conhecimento já não são objecto de tratados teóricos, mas são analisados a partir de casos concretos. A cozinha dos outros e os seus remédios continuam a ser motivos de investigação muito abordados. Entre as publicações recentes, um ensaio desvolto: *La Jungle et le Fumet des Viandes*, por Francis Zimmermann (Gallimard-Le Seuil, Hautes Études).

Apesar de dois livros importantes de Jeanne Favret-Saada, o namoro entre a etnologia e a psicanálise não cumpre inteiramente as suas promessas. Assiste-se também à derrocada de conceitos como o de «arquipélago vertical», que há quinze anos, graças aos trabalhos de John Murra, servia de pilar às explicações das trocas no mundo andino tradicional. É verdade que a etnologia, tal como a história, não perde à retaguarda o que alcança na vanguarda... De revisão em revisão, de rasura em rasura, ela continua a alargar o seu terreno.

Outro fenómeno digno de nota são as reedições e as recolhas de artigos em forma de homenagem, geralmente intitulados *Mélanges*. *L'Afrique Fantôme*, de Michel Leiris, foi recentemente reimpresso e redistribuído (Gallimard). André Leroi-Gourhan publica sucessivamente três livros onde figuram textos quase inactuais: *Le Fil du Temps*, *Mécaniques Vivantes* (Fayard) e uma excelente vulgarização, *Les Chasseurs de la Préhis-*

toire (Edition A.-M. Métailié). As «mélanges» por sua vez, multiplicam-se... Depois das dedicadas a Claude Lévi-Strauss, é de ter em conta os escritos em intenção de Georges Condominas, *Cheminement* (ASEMI EHESS) e *Orient* (Sudestasie-Privat), de Roger Bastide, *L'Autre et l'Ailleurs* (Edition Berger-Levrault), de Henri Burnschwig (número especial dos *Etudes Africaines*), de Denise Paulme, *Gens et Paroles d'Afrique* (Editions du CNRS). Um inconveniente: por vezes, os artigos perdem-se na estrutura comemorativa. Nem sempre é fácil de encontrar, no meio destas braçadas de textos, aquele que promete outras flores... Contudo, é necessário percorrer estas «mélanges», onde se atropelam o pior e o melhor, se se pretende ter uma ideia do trabalho que se tem vindo a fazer.

Amar a vida

Por fim, o último sector, mas não dos menos importantes: o que se refere à etnologia da França e da Europa, que mereceria um tratamento especial. E livros como *Un Village du Vaucluse* (Le Seuil), por Laurence Wylie, ou *Façon de Dire, Façon de Faire* (Gallimard), por Yvonne Verdier, ou *L'Impossible Mariage* (Hachette), por Elisabeth Clavier e Pierre Lemaire (sem falar dos testemunhos que Jean Malaurie publica regularmente na colecção «Terre Humaine»), não são menos fulgurantes do que os textos concebidos sob os trópicos. O mesmo se pode dizer dos dois livros de Colette Pétonnet, *On est Tous dans le Brouillard* e *Espaces Habités* (Gallimard), consagrado à etnologia das arrabaldes.

Aqui como noutras coisas, a regra poderia ser resumida numa observação que se aplica tanto à etnologia como às outras ciências humanas: ser taciturno não implica necessariamente ser científico... Pois amar a vida não impede compreendê-la. Pelo contrário.

(1) Entre estes temas, importa citar: *L'Exercice de la Parenté*, Françoise Héritier, EHESS/Gallimard-Le Seuil; *Forêt, Femme Folie*, Jacques Douanes, Éditions Aubier; *Tambours d'Eau*, J.-M. Gibbal, Éditions Sycomore. Sobre a medicina e a cozinha «dos outros», encontram-se vários títulos no catálogo de Berger-Levrault, que de resto publica numerosos estudos sobre a etnologia da França.

RECOMENDAÇÕES

Entre os títulos recentes: *Le Réel*, de Clément Rosset, *Le Même et l'Autre* (Quarante-cinq ans de Philosophie Française, 1933-1978), de Vincent Descombes. — «Argumentos», dirigida por Kostas Axelos. *Histoire et Conscience de Classe*, de George Lukacs, *L'Homme Unidimensionnel*, de Herbert Marcuse, *Dialogue avec Heidegger*, de Jean Beaufret. *Le Jeu du Monde*, de Kostas Axelos. Um título recente: *Chair et Corps*, de Didier Franck. — «O Sentido Comum», dirigida por Pierre Bourdieu. *La Philosophie des Formes Symboliques*, de Ernst Cassirer. *Architecture Scolastique*, de Erwin Panofsky.

● **Seuil**: «A Ordem Filosófica», dirigida por François Wahl. *Les Idéologies Mathématiques*, de Jean T. Desanti. *De l'Interprétation*, de Paul Ricoeur. *Vérité et Méthode*, de H. — J. Gadamer.

● **Grasset**: «Figuras», dirigida por Bernard-Henri Lévy, publica sobretudo ensaios nas fronteiras da filosofia e dirigidas a um público mais vasto. Dois títulos recentes: *Un Destin Philosophique*, de Jean T. Des-

santi, *Les Stratégies Fatales*, de Jean Baudrillard. — Fora de colecção, as obras de André Glucksmann.

● **Fayard**: «O Tempo das Ciências», dirigida por Odile Jacob, *L'Homme Neuronal*, de Jean Pierre Changeux, assim como livros de Pierre Bourdieu, François Jacob, André Leroi-Gourhan.

● **PUF**: O maior número de colecções filosóficas: «Épiméthée», fundada por Jeanne Hyppolite e dirigida por Jean-Luc Marion. *Le Rationalisme de Spinoza*, de Ferdinand Alquié, *Recherches Phénoménologiques pour la Constitution (Idées Directrices pour une Phénoménologie et une Philosophie Phénoménologique Pures: Livro Segundo)* de Husserl, *Le Système de Leibniz*, de Michel Serres. Últimos títulos publicados: *L'Étranger et le Simulacre*, de J.-F. Mattéi. — «Filosofia de Hoje», dirigida por Paul Laurent Assoun. *Freud et Nietzsche*, de P. — L. Assoun, *L'Antinature*, de Clément Rosset, *Spinoza et la Pensée Française avant la Révolution*, de Paul Vernière. — «Interrogações», dirigida por Blandine Barret-Kriegel.

Le Léninisme, de Dominique Colas. — «Práticas Teóricas», dirigida por Étienne Balibar e Dominique Lecourt. *L'Anomalie Sauvage*, de Antonio Negri. — «Cruzadas», dirigida por Jean-Marie Benoist. *L'Invention Scientifique*, de Gérard Holton.

● **Flammarion**: «A Filosofia com Efeito», dirigida por Jacques Derrida, Sarah Kofman, Philippe Lacoue-Labarthe, Jean-Luc Nancy. Último título publicado: *L'Impeccable Cathégorique*, de Jean-Luc Nancy.

● **Payot**: «Crítica da Política», dirigida por Miguel Abensour. Publica essencialmente traduções da escola de Frankfurt (Adorno, Bloch, Habermas, Horkheimer), mas também um clássico, tal como *Le Discours de la Servitude Volontaire*, de Étienne de La Boétie. — «Biblioteca Científica» acaba de publicar a reedição de *La Nouvelle Atlantide*, de Sir Francis Bacon, seguido de *Voyage dans la Pensée Barroque*, de Michel Le Doueff e Margaret Ulasera. — Na «Pequena Biblioteca Payot» surgem por vezes inéditos, como o recente *Les Ruses de La Raison*, de Hélène Verdine.

● **Aubier-Montaigne**: «Análise e Razões», fundada por Martial Gueyroult. Último título publicado: *Différence et Subjectivité*, de Francis Jacques. — «Filosofia do Espírito». *Critique de la Raison Aléatoire*, de Jean-René Vernès. — «Biblioteca Filosófica». *L'Art de Comprendre*, de H. — J. Gadamer.

● **Maspero**: «Teoria», a colecção dirigida por Louis Althusser, e que publicou as principais obras deste, está parada. Último título publicado: *La Langue Introuvable*, de Michel Pecheu e Françoise Gadet. Uma nova colecção de filosofia deveria aparecer em 1984.

● **Gallimard**: «R.C.», dirigida por André Gorz. *Fondements pour une Morale*, de André Gorz. *La Théorie Critique de Frankfurt*, de Jean-Marie Vincent. *Actuels*, de Herbert Marcuse. Último título publicado: *Les Chemins du Paradis (l'Agonie du Capitalisme)*, de André Gorz. — A colecção «Debates», dirigida por Michel Delorme, publica ensaios entre os quais alguns são filosóficos: *Instructions Palénnes*, de Jean-

-François Lyotard, *Simulacres et Simulation*, de Jean Baudrillard, *Le Respect des Femmes, Comment s'en Sortir*, de Sarah Kofman, *D'un Ton Apocalyptique Adopté Maguère en Philosophie*, de Jacques Derrida

● As Edições **Antropos** e as **Edições Sociales-Messidor** publicam trabalhos de inspiração marxista, principalmente as *Edições Sociales*, na colecção «Terrenos».

● **Verdier**: «Questões», dirigida por Jacques Rolland. *Essais hérétiques*, de Jean Patocka. — «As Dez Palavras», dirigida por Charles Mopsik, *Judaïsme et Hérité*, de Catherine Chaliar.

● **Vrin**: Várias obras de Emmanuel Lévinas. *La Transcendence de l'Ego*, de Sartre.

● **Trans-Europe-Repress**: edita textos filosóficos para lutar contra a homogeneização da Europa. *Notes sur l'Expérience Privée*, de Wittgenstein. *L'Auto-affirmation de l'Université Allemande*, de Martin Heidegger. — M.C.

Purgatórios

A propósito do Salão do Livro de Paris: na encruzilhada das ciências humanas

Os Estados Unidos parecem esperar a futura penetração

Sociólogo, professor no Centro Jurídico da Universidade de Georgetown, em Washington, Norman Birnbaum evoca aqui a influência francesa nas ciências sociais americanas.

Norman Birnbaum

U

MA rápida olhadela às prateleiras das nossas bibliotecas universitárias põe em destaque traduções de Barthes, Bourdieu, Braudel, Desroches, Dumont, Lacan, Le Roy, Ladurie, Moscovici, Morin... Quanto a Aron, Foucault, Lévi-Strauss e Sartre são considerados como clássicos. Derrida, Furet, Ricoeur e Touraine — entre outros — ensinam regularmente nas nossas universidades. Efectivamente, as maiores bibliotecas adquirem regularmente os trabalhos mais recentes de ciências sociais em francês. O leque completo das publicações francesas (desde a *Revue Historique* aos *Débats*) está disponível. Mas, apesar de tudo isto, não se pode afirmar que a influência francesa nas ciências sociais americanas seja muito forte neste momento.

Vejam, para começar, a nossa organização académica altamente especializada. Há investigadores que lêem facilmente o francês, que seguem a vida intelectual em França — são frequentemente aqueles que a

isso se dedicam a tempo inteiro. É muito raro encontrar um historiador, um psicólogo ou um sociólogo que leia os trabalhos dos seus colegas franceses e que não seja um especialista do pensamento ou da sociedade francesa. Os peritos sobre a França servem, pois, muitas vezes, de intermediários junto dos seus colegas, recomendando obras e recebendo visitantes.

Geralmente, os nossos historiadores estão ao corrente dos métodos e dos resultados da escola dos *Annales*. Mas dificilmente irão mais além de Braudel, e muitos dos nossos americanistas são terrivelmente ignorantes dos excelentes trabalhos dos franceses sobre a cultura e a sociedade americanas. Alguns psicólogos andam às voltas com Lacan, mas continuam a preferir a relativa lucidez de Piaget. Sociólogos interessados na análise global da sociedade moderna lêem Touraine, e aqueles que estão mais envolvidos nas questões do método lêem talvez Boudon. A riqueza considerável da tradição francesa em filosofia contemporânea só é conhecida pelos filósofos americanos preparados para levar a sério os problemas da interpretação. A *Phénoménologie de la Perception*, de Merleau-Ponty, foi traduzida pela primeira vez em 1962, e, se passa por um clássico, é apenas para iniciados.

A situação é um pouco diferente no que diz respeito aos escritos políticos em ciências sociais. Alguns autores franceses foram adoptados

para servir os nossos debates internos. Aron, como é evidente, enquanto campeão do liberalismo e censor severo do marxismo, é considerado como um respeitável anglo-saxão. Michel Crozier igualmente. Annie Kriegel é um membro recente deste clube e passa-se discretamente em silêncio o período em que ela recolhia informações — de primeira mão — sobre o PCF.

Outros países, outros costumes

À esquerda, as ideias de Lefebvre sobre o marxismo tiveram influência, e a sua *Critique de la Vie Quotidienne* foi integrada na herança dos emigrantes marxistas da escola de Frankfurt. A obra de Gorz, *Stratégie Ouvrière et Néocapitalisme*, teve um público considerável, mas a literatura mais recente do socialismo não foi lida nem sequer traduzida.

Attali, Chevenement, Julliard, Rosanvallon e Vivéret continuam desconhecidos, excepto para meia-dúzia de especialistas. Muitos economistas políticos americanos nem sequer seriam capazes de identificar Fabra, Goux, Perroux ou Sauvy. Mendès-France é conhecido como grande figura intelectual em política, mas seria difícil encontrar um colega que tivesse lido a *République Moderne*.

Outro país, outros costumes. As ciências sociais, particularmente as que dizem respeito à política, raramente atingem o universal. Elas tratam os problemas na linguagem das sociedades nacionais. Aqui, a assimilação do marxismo pela França do pós-guerra não tem equivalente a esta escala. Não há dúvida de que uma apropriação séria do marxismo nos Estados Unidos começa agora a

dar os primeiros passos. As nossas tradições políticas são diferentes. Até agora, e na condição de sabermos o que isso significa, os tecnocratas de Washington não gostariam nada de ser classificados de jacobinos americanos. Até mesmo a tradução da obra de Nora e Minc, *Informatique et Société*, foi amplamente ignorada, apesar do carácter familiar deste tema. Um esforço desesperado para consolidar um liberalismo esgotado domina o pensamento americano. Um oceano político separa os nossos dois países.

E isto também é verdade em filosofia. Uma grande parte da ciência social americana, mesmo quando está a abarrotar de ideologia, pretende ser positivista. As matérias são ensinadas e praticadas independentemente da filosofia, que é essencialmente analítica. A filosofia francesa choca muitos pensadores americanos, que a acham intelectualmente demasiado ambiciosa.

É verdade que a «desconstrução» fez um entrada triunfal nas nossas universidades, nos departamentos de literatura, onde funciona ao mesmo tempo como uma filosofia de oposição política disfarçada. A ideia de que o mundo e as descrições que se fazem dele são enganadoras é efectivamente um tanto subversiva, tendo em conta a vulgaridade metafísica (e metahistórica) do pensamento académico americano. Isso talvez nos indique onde e quando acontecerá a próxima penetração das ciências sociais francesas nos Estados Unidos. É provável que, antes do fim do século, se dê um novo período de agitação social e de experimentação política — outro *new deal*. Poderíamos até (*horribile dictu*) ver renascer a linguagem de classe social. Mas, mesmo se isso acontecer, o pensamento francês será lido no nosso país em Inglês... Se é que o será.

Alemanha: Um diálogo cada vez menos privilegiado

Jacques Le Rider

N

OS anos 50 e 60, estavam reunidas certas condições para assegurar às produções francesas no terreno das ciências humanas uma vasta audiência na Alemanha: o prestígio intacto de Paris, a relativa coesão de determinadas correntes de pensamento, a estatura de alguns pensadores; por outro lado, mediadores influentes, como Adorno ou Peter Szondi, uma universidade em plena expansão e editores prósperos. Além-Reno, de uma forma ainda mais intensa do que em França, a morte de Sartre foi ressentida como uma ruptura. Ele gozara desde 1945 de uma glória sem qualquer sombra, e as suas *Oeuvres Complètes*, traduzidas com um rigor exemplar sob a direcção de Traugott König, ainda continuam presentes nos espíritos. Nenhum outro autor francês exerce actualmente semelhante influência na Alemanha.

Nos anos 70, muitas ideias parisienses irromperam sob a etiqueta do estruturalismo. Lévi-Strauss era conhecido há muito. Mas descobria-se Althusser, sem se perceber a sua situação face ao PCF; o slogan de «a história, processo sem sujeito» contradizia frontalmente a teoria crítica dos herdeiros da escola de Frankfurt. Descobria-se Foucault e, com muito atraso, Lacan. Mas o estruturalismo francês chegava um pouco tarde, depois do formalismo russo ou americano: nele, não se encontrava nada de verdadeiramente novo, a não ser um estilo literário e brilhante, mas difícil de traduzir, ou mesmo intraduzível, no caso de Lacan.

A teoria psicanalítica não ocupa na Alemanha o lugar institucional e mundano, a cavalo sobre diferentes disciplinas, que detém entre nós. Após o seu renascimento em 1945, ela escutou sobretudo os mestres americanos e ingleses, ao passo que ignorava os trabalhos parisienses. A introdução de Lacan data destes últimos anos. Observa-se a formação de capelas a partir do modelo da margem esquerda, como por exemplo o grupo de trabalho berlinense, que publica a revista lacaniana *Wunderblock*. Mas os psicanalistas alemães mantêm-se reticentes. Lacan só seduz os espíritos mais filosóficos ou literários.

Algumas modas intelectuais não tiveram grande sucesso na Alemanha. Por exemplo, a vaga dos novos filósofos apenas encontrou no seu tempo um cepticismo um tanto cínico e passou bruscamente para um fenómeno de parisiense. Alguns teóricos, que aqui suscitavam um vivo interesse, tal como René Girard, ficavam inapercebidos além-Reno. Hoje, traduzem-se autores considerados como franco-atiradores afastados das escolas e das modas: Baudrillard, Lyotard, Serres.

Depois de, durante muito tempo,

ter considerado Ricoeur como o seu interlocutor natural, o pensamento hermenêutico procura de há alguns anos para cá estabelecer o diálogo com Derrida, como é testemunhado pelos trabalhos de Manfred Frank (1). Uma nova geração de intelectuais redescobre Nietzsche e relê Heidegger, lavados da lama da história alemã por intermédio de Deleuze ou Derrida.

A crítica literária francesa é mal digerida além-Reno. Ainda se está a revelar Blanchot e Starobinsky. Movimentos que em Paris eram colocados no centro do mundo, como o do *Tel Quel*, tiveram muito pouco eco na Alemanha. Personalidades fortes, como Marthe Robert, continuam desconhecidos. O estilo francês da crítica, que confronta uma subjectividade com um texto, choca os espíritos habituados à seriedade «científica», carregada de referências precisas e de bibliografias exaustivas. Roland Barthes está traduzido, mas não completamente. Ele serve de aliado aos alemães que cultivam uma nova elegância desenhada, uma nova frescura especulativa contra o carácter maçudo da *Literaturwissenschaft*. Mas não podemos deixar de constatar que grandes correntes de pensamento alemãs ganham terreno: a inspiração de Adorno, o potencial inesgotável de Benjamin, a «teoria da recepção» da escola de Constança, dominada por Hans Robert Jauss.

Aliás, é essa frequentemente a impressão que dá a teoria parisiense na Alemanha: ser o ornamento da carruagem de investigações que se alimentam de trabalhos anglo-saxónicos ou de tradições alemãs. Para uma obra tão considerável como a *Teoria da Acção Comunicacional*, de Jürgen Habermas (1981), é quase como se a filosofia e sociologia francesas tivessem parado em Durkheim. Convinhamos, de resto, que Habermas, por seu lado, encontra mais interlocutores nos Estados Unidos do que em França.

O que «passa» melhor na Alemanha, além dos bons autores de etnologia, e (apesar de tudo!) de sociologia, é incontestavelmente a história. A escola dos *Annales*, Braudel, Duby, Le Roy Ladurie, têm um grande sucesso. Neste terreno, as produções francesas deitam abaixo o edifício esclerosado do positivismo histórico, ainda capaz de excelentes trabalhos de pormenor, mas privado da veia épica e da força de síntese que os alemães encontram na escola francesa.

Mas, no conjunto, o diálogo franco-alemão no campo das ciências humanas sufoca. O refluxo brutal dos efectivos universitários e a morosidade financeira das edições também não ajudam. Na imprensa, as ciências humanas ocupam um lugar apagado: *Die Zeit* e *Der Spiegel* falam muito pouco delas, a *Frankfurter Allgemeine* e a *Frankfurter Rundschau* falam mais regularmente. Mas não se observa, como em Paris, a «rentrée» anual das ciências humanas, nem grandes debates com tribunas e polémicas.

(1) Cf. «Porque razão a filosofia francesa agrada aos alemães», entrevista de Manfred Frank, in *Le Monde Dimanche*, de 24 de Outubro de 1982.

Nas colecções

«Conhecimento do Inconsciente»

Ser editado por Jean-Bertrand Pontalis na sua colecção «Conhecimento do Inconsciente», da Gallimard, é entrar num dos clubes mais sólidos e mais prestigiosos das publicações. Todo o psicanalista sonha ser vizinho, nesse clube, de Harold Searles, Lou Andréas-Salomé, Georg Groddeck, Bruno Bettelheim ou Melanie Klein.

Lançada em 1966 com a correspondência de Freud, esta colecção bastante virada para os trabalhos mais originais criados pela psicanálise nos países anglo-saxónicos, publicou igualmente documentos originais sobre o movimento freudiano, assim como sobre o doente mais célebre da história da psicanálise, *L'Homme aux Loups*.

Entre os autores franceses cujos trabalhos foram considerados dignos de figurar na «Conhecimento do Inconsciente», citemos Didier Anzieu, Michel de M'Uzan, Pierre Fédida, Guy Rosolato e Joyce McDougall.

«Ciência do homem»

Auto de *La Révolte contre le Père*, Gérard Mendel está na origem de uma nova disciplina: a sociopsicanálise. Não será de admirar, pois, que se encontrem, na colecção que ele dirige há mais de vinte anos na Payot, obras de psicanalistas particularmente atentos à vida política, tais como Alexandre Mitscherlich (*Le Seuil Impossible*) ou Wilhelm Reich.

Próxima da Sociedade Psicanalítica de Paris, esta colecção acolhe igualmente autores como Nélia Grunberger, J. Casseguet-Smirgel, René Held ou Pierre Marty. Contudo, o principal mérito de Gérard Mendel reside noutro lado: na obstinação com que edita as principais obras de M. Balint, S. Ferenczi, D. Winnicott, K. Abraham ou O. Rank. Devemos-lhe o podermos ler em francês um bom número dos textos fundamentais do movimento psicanalítico.

«Crítica»

A excelente colecção «Crítica», de Jean Piel, nas Editions de Minuit, respeita tanto à filosofia como à psicanálise. Apresenta poucas traduções, mas sim autores que trabalham fora dos caminhos já explorados. Assim, Piel revelou-nos o etnólogo Pierre Clastres (*La Société contre l'Etat*), o filósofo Jean-François Lyotard (*Eco-*

nomie Libidinale), a psicanalista Luce Irigaray (*Speculum, de l'Autre Femme*) ou ainda François Roustang (*Un Destin Si Funeste*).

Vedetas da colecção: Emmanuel Levinas com as suas *Quatre Lectures Talmudiques*, Michel Serres com a sua série sobre *Hermès*, Michel Butor com *Répertoire*, Jacques Bouveresse com *Une Parole Malheureuse* e Gilles Deleuze com *L'Anti-OEdipe*, escrito de colaboração com Félix Guattari, obra-talismã de toda uma geração do pós-Maio de 68. — R. J.



Ópticas fixas

Purgatórios

A camara escura da fotografia (1)

S

OB a designação deste título genérico será proposta de semana a semana uma reflexão analítica sobre o «SABER FOTOGRÁFICO». A abordagem não pretende exibir os conhecimentos sumários colhidos em qualquer enciclopédia das técnicas ou das artes, nem acentuar mais uma vez a versão historicista ou os nomes prestigiosos que personificaram a profissão. Desde os seus começos que a fotografia tem sido considerada como o «capítulo censurado» da história de arte. Ora, interessa-nos questionar o processo das técnicas e dos saberes no domínio reservado das artes para tentar minimamente perceber a «DEMORA» da inteligência artística em atribuir artisticidade à prática fotográfica. O desejo teórico que nos move radica-se em indagar, porque é que a fotografia veio a ser apelidada de «ARTE MENOR», sem que isto nos leve por contágio ou à semelhança de qualquer ideologia a favor dos oprimidos a querer reabilitá-la perante as outras artes. Parece-nos pois, que muito antes da data histórica do aparecimento da máquina fotográfica, toda a ARQUEOLOGIA SENSORIAL evidenciava à saciedade o lugar hegemónico do olho, ou o lugar teórico da visão no processo do conhecimento; a preponderância do MODELO ÓPTICO na teoria do conhecimento levou mesmo Jacques Derrida a afirmar que «toda a história da nossa filosofia é uma FOTOLOGIA, nome dado à história ou ao tratado da luz». Platão é um dos primeiros filósofos que figura neste tipo de reflexão da luz. Se Platão se mostra tão severo para com as artes, é sem dúvida porque ele reconhece a INFLUÊNCIA IRRACIONAL e ILUSÓRIA que lhe atribuiu Górgias — e contra a qual Platão contrapõe como («farmakon») medicamento, o idealismo moral e matemático; o projecto pedagógico, ou a vontade política de Platão poder-se-á resumir na seguinte estratégia: como eliminar ou rectificar de vez o mundo flutuante e efêmero das APARÊNCIAS e dos SIMULACROS?

Talvez que o Mito da Técnica se enxerte nesta vontade totalitária em rectificar a não coincidência entre o PLANO e o REAL — porém este esforço de «maîtrise» e de acerto da ciência não é de todo domado, porque para além das mais sofisticadas diábruras tecnológicas haverá sempre margem para o impensado (a indeterminação), donde surgirão os fantasmas, ou os «efeitos-surpresa» que inicialmente não figuravam no horizonte programático da tecnologia. Com isto não pretendo dizer que a ciência não diminua o grau de indeterminação — sabemos bem já hoje, que a ciência no seu limite de previsão se deixa acompanhar por todo um aparato técnico e um ritual de prescrições e de medidas de segurança e nas quais o homem se enquadra adscrito a um regime de «razão observante», como mero vigia e espiã dos funcionamentos normais e patológicos da máquina. Contudo não basta, não é por se exorcizar o real que se conse-



Foto de Pedro Frade

que abalar e pôr entre parênteses o inconsciente tecnológico das máquinas, ou quanto a nós, a câmara bem escura da fotografia, que serviu a Freud como metáfora do inconsciente.

— No decorrer destas considerações sobre a fotografia, convém-nos não desligar a idade das positividades, da idade das arqueologias e por outro tentar mostrar como é que os «saberes» e da «técnicas» se imbricam sem integralmente se cobrirem — abrindo assim caminho para um IMAGINÁRIO que não deixa de retomar e de alterar reinventivamente a descoberta da máquina fotográfica, que não tem cessado de mudar até ao momento presente. Evidentemente que seria mais fácil dar por terminada esta questão e

GIA e ao mesmo tempo como é que através da filosofia Nietzscheana é possível TRANSMUTAR o carácter ascético da IDEALIDADE que em Platão nos surge ligada aos objectos matemáticos.

A idealidade para Nietzsche não assenta num edifício geométrico isento de corruptibilidade, mas na PULSÃO, ou seja no INSTINTO, «nestas energias vitais infusas no corpo que determinam as crenças e até mesmo os conhecimentos». De nada nos serve isolar Platão de Nietzsche, tanto um como outro restituem-nos a lógica ambivalente do inconsciente definido por Freud. É a fotografia que compete elucidar-nos sobre o «inconsciente da vista» (W. Benjamin) e isto a partir das várias técnicas que ela

da máquina fotográfica e mais tarde do cinema se inscreve no espaço onírico e mitológico do homem e da sua vontade obstinada em querer FIXAR a imagem, resultado obtido na fotografia e prosseguido mais tarde no cinema pela projecção das fotografias animadas. Ora será através dos avanços e das novas experimentações que a fotografia consigne doravante tornar visível ao olho, os movimentos que normalmente lhe escapam e desvendam o «inconsciente da vista» para lá da insuficiência dos nossos sentidos.

Para terminar, é sintomático que nesta primeira abordagem falássemos da mitologia da visão sem abandonarmos por segundos a câmara escura. De algum lado teríamos que partir, embora epistemologicamente seria desastroso se continuássemos a teorizar toda a produção fotográfica no modelo reduzido da câmara, sem articularmos

de uma outra banda, as componentes do seu funcionamento interno. A máquina fotográfica foi concebida estruturalmente para produzir uma imagem que correspondesse às normas de lisibilidade saídas da tradição figurativa. Quer isto dizer que a fotografia não deve ser apresentada como a reprodução exacta do real, mas como uma projecção planimétrica efectuada a partir de um sistema de representação elaborado no século XV. Hoje para nós tornou-se familiar e quase natural o sistema da perspectiva devido a uma longa e lenta aprendizagem e aos constrangimentos de ordem simbólica do saber e aos «patterns» da cultura. O que perdura como sociologicamente interessante é a resistência ao cânone da perspectiva, dos membros de outras sociedades — constatação que leva McLuhan na «Galáxia de Gutenberg» a proferir que as sociedades não alfabetizadas sem uma boa aprendizagem sentir-se-ão incapazes de «ver» fotos ou imagens de cinema. O que nos leva a pensar como Merleau-Ponty: «la perception déjà stylisée», o que finalmente clarifica a mecânica perceptiva do olho: o olho elabora uma selecção, uma montagem, uma ESTRUTURAÇÃO DAS APARÊNCIAS sob ditame das determinações sócio-culturais.

hoje a si incorpora. A câmara escura exilada da cena pública da visibilidade fará corpo camufladamente com a FOTOLOGIA ao mesmo tempo que evidenciará que o inconsciente (à imagem da câmara escura) é antes de mais um DISPOSITIVO DE CAPTURA.

A câmara escura é pois uma máquina/vestígio de uma cena primeira, onde o real muda de roupa e se transmuta (isto se dermos todo o alcance psicanalítico à palavra câmara = quarto). Ela não será TABULA RASA, mas o lugar de uma INSCRIÇÃO CAPTIVA que reflecte duplamente a estrutura do olho regido por um esquematismo cultural interiorizado seguidamente como natural. É sabido que a câmara escura estrutura a realidade da sua inscrição a partir de um código perspectivo directamente herdado e construído sobre o modelo da perspectiva científica do Quattrocento. «A câmara não é opticamente nada mais que a adaptação — apenas aperfeiçoada da câmara escura do Quattrocento. Mas essa câmara escura era conhecida do Egipto faraónico e da ciência árabe do século IX.» (Comolli).

O que comprova mais uma vez a tese de que a reinvenção continuada

Dioxina de Seveso
Inacreditável
mas verdadeiro

Alain Clément

UM pequeno número de firmas particulares permitem-se enganar as autoridades públicas. Foi com esta frase que teve início uma recente emissão de televisão consagrada ao mistério do desaparecimento dos quarenta e um contentores de resíduos de dioxina provenientes de Seveso.

Os alemães estão furiosos por poderem parecer suspeitos neste caso, quando, para eles, a responsabilidade cabe à firma Hoffmann-La Roche, à Mannesmann italiana e à firma utilizada por esta última. Os documentos entregues pelas duas primeiras destas firmas, que foram transmitidos à senhora Bouchardeau, secretária de Estado para o Meio Ambiente, em França, não continham nenhuma indicação que pudesse fornecer uma pista dos contentores desaparecidos.

As pessoas espantam-se com o facto de casas de reputação da Hoffmann-La Roche e da Mannesmann terem utilizado, para se desembaraçar dos resíduos de Seveso, de «casas» obscuras e pouco seguras. Porque a «concepção» do transporte e da descarga final dos resíduos teria sido confiada à firma genebrina Wadir que estava ligada com a Spedilec, o último transportador conhecido dos resíduos. Segundo o magazine *Stern*, o gerente da Spedilec, Bernard Paringaux, actualmente na prisão, teria recebido um milhão de dólares para se calar, e, segundo a mulher, não estaria disposto a romper a lei do silêncio.

Todos falam em escândalo, mas os Verdes não se contentam com condenações verbais e já apresentaram em tribunal uma queixa contra a Dusseldorf Hoffmann-La Roche, a Mannesmann (casa-mãe), com 50% do capital a Mannesmann italiana e X, por «ameaças ao meio ambiente». A abertura de uma investigação poria fim às especulações sobre o destino final dos resíduos de Seveso. As penas são de três anos de prisão.

O caso de Seveso tocou um ponto sensível da consciência alemã. Porque, antes da actual vaga da ecologia, as pessoas pouco se preocupa-

vam com os resíduos químicos. Como o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* escreve, «desde os anos 70 que se sabe que foram empregados métodos criminosos para fazer desaparecer os resíduos. Foi assim que em Gerolshheim, no Palatinado, teria havido um descarregamento especial não de quarenta e um mas de quatro mil contentores de dioxina provenientes da filial hamburguesa das fábricas químicas Böhmer. Os habitantes preocupam-se, mas é-lhes explicado que seria mais perigoso ir lá mexer do que deixar as coisas como estão. Cento e oitenta mil toneladas de produtos diversos são despejados todos os anos em Gerolshheim, mas as prescrições tornaram-se mais severas do que antes, quando se descarregava ao acaso. A reabsorção dos resíduos tornou-se um caso internacional a que falta transparência».

Ele está também ligado à competência comunitária, como o mostram as directivas de 1978 do Mercado Comum, na matéria. Mas, desde então, os espíritos evoluíram, sobretudo na República Federal. O secretário de Estado do Interior, Hartkopf, disse que essas directivas nada previam quanto à importação e à exportação dos resíduos tóxicos, e felicitou-se pelo facto de a Comissão de Bruxelas ter preparado uma extensão dessas directivas no sentido de um controlo mais estrito nas fronteiras. O governo de Bonn queria que também fosse possível aos membros da comunidade ditar disposições que fossem mais além das disposições comunitárias. Dois a três milhões de toneladas de produtos tóxicos passam todos os anos de um país para outro, num número de uns duzentos mil transportes. É pois todo um mecanismo autoritário que é preciso criar a fim de controlar estas deslocamentos, e verificar se elas estão de acordo com as normas aplicáveis.

Como se vê, os quarenta e um contentores de dioxina que se perderam na natureza, algures na Europa, limitam-se a ser a parte visível de um «iceberg» cujas consequências começam agora a ser medidas pela opinião pública alemã.

Resíduos sem fronteiras

O «desaparecimento» dos quarenta e um contentores que continham a dioxina de Seveso traz à luz um dos factos mais importantes do mundo industrial controlado: os poderes públicos encontram-se muitas vezes desarmados perante sociedades multinacionais com poderosos meios financeiros e ramificações tão numerosas que é impossível controlá-las. Situação absolutamente «insuportável», como o disse Mitterrand por ocasião da sua visita à Suíça, país onde precisamente se encontra a sede da sociedade Hoffmann-La Roche, multinacional de química proprietária da fábrica de Seveso.

Eis, com efeito, um grupo suíço que, porque a sua fábrica italiana teve um acidente, faz apelo a uma sociedade alemã (Mannesmann) para que esta a livre dos seus resíduos. Sociedade esta que, por sua vez, apela

para a sua filial italiana, que, por intermédio de uma empresa suíça mais do que duvidosa, acaba por encontrar um transportador complacente, precisamente uma sociedade francesa (Spedilec). O gerente dessa sociedade foi preso. Quanto aos dirigentes do grupo Hoffmann-La Roche e à sua fábrica italiana ICMESA, esses estão a ser julgados em Monza para responder pela catástrofe de Seveso em 1976. No primeiro caso trata-se de um bode expiatório. No segundo, convocam-se os responsáveis, sete anos depois dos factos, quando o grupo multinacional teve todo o tempo para organizar a sua defesa.

Tal como acontece com os naufragos dos navios que ostentam bandeira de outro país, no género do Amoco-Cadiz — foi em Março de 1978 ao largo das costas da Bretanha — torna-se muito difícil de terminar com precisão as responsabilidades, e, principalmente, fazer pagar o seu preço em caso de catástrofe.

Emídio Rosa de Oliveira

Docente de Semiótica das Artes Visuais do Dep. de Comunicação Social da UNL

dizer que a máquina fotográfica foi inventada por Niépce e Daguerre em 1826. Mas no prosseguimento deste trabalho interessa-nos mais relançar a problemática das origens e da invenção em termos de «PROCESSO» ou de «OBRA ABERTA», do que na modalidade de saberes constituídos ou acabados. É neste sentido que a herança dos formalistas russos para alguma coisa nos serve.

A lógica das descobertas e das invenções mesmo se ela necessita dos enquadramentos circunstanciais do seu aparecimento não fica confinada exclusivamente no acto genético dos começos — circula antes do arquivo para a nova configuração dos saberes onde por sua vez é redimensionada através dos recortes epistemológicos das ciências e das novas constelações. Esta parece-nos ser a via para contornar os obstáculos reducionistas que acabam sempre por desembocar no discurso linear do progresso, ou no neodarwinismo triunfante da tecnologia.

— Por razões outras que as de índole metafórica, o recurso sistemático a Platão e a Nietzsche permitir-nos-á analisar como é que o sistema de representação que vigora no seio da metafísica ocidental nos surge ancorado na FOTOLÓ-

Sete
Ponto
Sete

doces crónicas

Clip



Um entreposto "espacial" no coração da Europa

Na sua edição datada de 25 de Abril, a revista americana «Newsweek» considera que as «free shops» do aeroporto de Schiphol, Amsterdam, são as mais convidativas da Europa. Quase tudo está à venda numa das 40 lojas isentas de taxas de Schiphol, desde um simples filme para máquina fotográfica até ao Mercedes último modelo. Com efeito, no exterior do edifício do terminal, há um enorme «stand» automóvel onde o viajante provido de um passaporte e de «cash» suficiente pode comprar um carro sem taxas, levando-o pouco depois. A «Newsweek» recorda que este «stand» se tornou popular sobretudo entre os recém-chegados que vão fazer uma longa permanência e os «homens de negócios» que desejam evitar os preços e as complicações dos alugueres. Muitas vezes revendem o carro ali comprado antes de regressarem ao seu de origem, embora possam embarcá-lo para o levar.

Em Schiphol há mesmo quem compre electrodomésticos pesados, desde fogões de infra-vermelhos a máquinas de lavar, especialmente atractivas para os oriundos de numerosos países do Terceiro Mundo, onde as limitações de importações tornam estes artigos raros e inacessíveis.

Schiphol transformou-se assim, na Europa que tenta permanecer fiel a uma imagem mítica de abundância, numa espécie de oásis onde não entram as endémicas crises actuais: no ano passado, as suas «free shops» fizeram,

líquidos, 75 milhões de dólares, sendo os seus preços permanentemente controlados pela autoridade do aeroporto.

25 por cento dos passageiros que anualmente por ali passam são passageiros em trânsito. No total, passam por ele, em cada ano, 10 milhões de pessoas, mas há espaço que chegue para todos, porque o aeroporto foi concebido para uma circulação anual de 18 milhões.

As suas instalações são, aliás, extremamente auto-suficientes como estrutura, mesmo face à capital onde ele está instalado. Teoricamente, poder-se-ia viver comodamente no edifício terminal, comendo e bebendo nos seus vários restaurantes e bares e dormindo nos seus quartos que substituem perfeitamente os de um hotel — mas que na prática só passageiros em trânsito podem alugar. Há quadros empresariais que tratam dos seus negócios e estabelecem os seus contactos holandeses sem chegarem a sair de Schiphol, encontrando-se com os seus interlocutores, ou até participando em «meetings» e seminários, na zona VIP. Por outro lado, utilizam os bancos do terminal e as facilidades de comunicação nele instaladas.

A sua maneira, Schiphol é um pouco a antecipação de um entreposto espacial, comodamente ancorado com o seu porto franco e a sua vida de hotel, em qualquer planeta inóspito. Nem Orwell imaginara uma tal fórmula, no seu 1984.

Entre as coisas que você poderia esquecer **Esta noite**, no «Cine Clube» de RTP-2, passa «Eu, Pierre Rivière» (Moi, Pierre Rivière, ayant tué mon père, ma mère et ma sœur...), realizado em 1976 por René Allio. O filme tem 130 minutos, foi feito já numa época em que o declínio do interesse francês pela antipsiquiatria e pela loucura era notório, e faz parte da série «cinema para pequenas salas». Talvez por isso a RTP, que tinha a cópia em seu poder há tanto tempo, só agora se tenha decidido a mostrá-la... Mas também **hoje**, terça-feira, você pode ir à Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa ouvir o fado na voz de...

Amália Rodrigues. Antes dela, em princípio, Rão Kyao e António Chaiho tocarão parte do seu disco «Fado Bailado».

Amanhã às 21 horas, no Coliseu de Lisboa, vá sem falta ouvir **Paco de Lucía** e os músicos que o acompanham. Da última vez, há quinze dias, metade da plateia eram ciganos como ele, e pode dizer-se que raramente o flamenco terá, como então, chegado, visto e vencido entre nós. Às 21 horas dos dias 28 e 29, Paco de Lucía estará respectivamente no Pavilhão dos Olivais, em Coimbra, e no Pavilhão Infante de Sagres, no Porto.

Em alternativa, vá ver o «Teorema», de **Pasolini**, no City Cine, às 23.45.

Quinta-feira prefira o ARCO, onde, às 21 e 45, passa, em antestreia, o segundo filme de Seixas Santos, «Gestos e Fragmentos». O que está, neste filme, em questão, são as relações entre os **militares** portugueses e o **poder**, num período que, nascido com o 25 de Abril, iria «desaguar», no 25 de Novembro. Que tal, como digestão para depois das eleições?

Sexta à noite, de novo no Coliseu, outra vez o fado, mas desta feita entre amadores, até ao dealbar de sábado. É a grande noite da Casa da Imprensa, orquestrada pelo responsável pelo desporto do «DL», Neves de Sousa, que lhe tem dado o que tem e o que não tem. Este ano a «noite» desdobra-se numa segunda sessão, prevista para 6 de Maio.

Porém, se o seu sistema nervoso se adapta com dificuldade à canção nacional, aproveite a noite para tomar um copo (ou um banho) no luxuoso «Villadeste», o novo bar da Av. Pedro Álvares Cabral, 242, em **Cascais** diante da Praça de Toiros. Uma piscina coberta com água aquecida convida-o a interromper o copo e a ir ao banho mesmo ao lado da sua mesa. O «Villadeste» está aberto desde as 9.30 até às 3 e 30 da madrugada, e nele funcionam, além da piscina, sauna, duche escocês (também muito bom para depois das eleições) e massagens, além de um solário e de um jardim de Inverno. O telefone é o 2840358.

Sábado às 23 e 45, no City Cine, repassa «O Intruso», de Luchino Visconti. Francamente, pensamos que vale a pena agenda-lo e prescindir de outras marcações para não o falhar, mais uma vez.